



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

SIMONE GARBELINI PARRO PIALARISSI

O ARQUIVO PESSOAL DE DURVAL PINTO:
O Movimento de Renovação da Formação dos Professores do
Paraná nas Primeiras Décadas do Século XX



UNIVERSIDADE
ESTADUAL de LONDRINA

CENTRO DE EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E ARTES
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO



Londrina
2023

SIMONE GARBELINI PARRO PIALARISSI

O ARQUIVO PESSOAL DE DURVAL PINTO:
O Movimento de Renovação da Formação dos Professores do
Paraná nas Primeiras Décadas do Século XX

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Estadual de Londrina - UEL, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Simone Burioli

Londrina
2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UEL

Pialarissi, Simone Garbelini Parro .

O arquivo pessoal de Durval Pinto : o movimento de renovação da formação dos professores do Paraná na primeiras décadas do século XX / Simone Garbelini Parro Pialarissi. - Londrina, 2023.
139 f. : il.

Orientador: Simone Burioli.

Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Educação Comunicação e Artes, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2023.

Inclui bibliografia.

1. Arquivo pessoal - Tese. 2. Cadernos escolares - Tese. 3. Escola de Professores de Curitiba - Tese. 4. Durval Pinto - Tese. I. Burioli, Simone. II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Educação Comunicação e Artes. Programa de Pós-Graduação em Educação. III. Título.

CDU 37

SIMONE GARBELINI PARRO PIALARISSI

O ARQUIVO PESSOAL DE DURVAL PINTO:

O Movimento de Renovação da Formação dos Professores do Paraná
nas Primeiras Décadas do Século XX

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-
graduação em Educação da Universidade
Estadual de Londrina - UEL, como requisito
parcial para a obtenção do título de Mestre

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Simone Burioli
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Prof^a. Dr^a. Sandra Regina F. de Oliveira
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Prof^a. Dr^a. Eurize Caldas Pessanha
Universidade Federal da Grande Dourados -
UFGD

Londrina, 24 de março de 2023.

Dedico este trabalho a todos os professores que guardam com tanto carinho em caixas e baús pequenos objetos que fizeram parte da sua trajetória docente.

AGRADECIMENTOS

Ao iniciar estas linhas, comecei a refletir sobre os dois anos de Mestrado em Educação, o qual foi praticamente todo em modo remoto devido à pandemia, então, em primeiro lugar, agradeço por estar viva finalizando essa pesquisa e tendo o privilégio de defendê-la com os mesmos professores e colegas que ingressaram em 2020.

Em segundo lugar, agradeço imensamente à minha orientadora Prof^a. Dr^a. Simone Burioli pela oportunidade e por ter acreditado em mim. Foram mais encontros remotos do que presenciais, mas sua dedicação, competência, paciência e carinho foram fundamentais para que esta pesquisa se desenvolvesse de forma mais leve e segura. Você foi um presente na minha vida, um exemplo de mulher, de profissional e de ser humano.

Em especial agradeço à Prof^a. Dr^a. Eurize Caldas Pessanha, à Prof^a. Dr^a. Sandra Regina F. de Oliveira e ao Prof. Dr. Tony Honorato que fizeram parte da banca pelas preciosas contribuições que nos conduziram a novas perguntas e a um novo olhar sobre a pesquisa.

Agradeço ao Prof. Daniel Fernando Matheus Gomes, diretor da Universidade Estadual do Paraná/UNESPAR – Campus Apucarana, que concedeu a guarda provisória do arquivo pessoal do professor Durval Pinto, que pertence ao museu já desativado da Universidade, até a conclusão desta pesquisa e à servidora da Universidade Angela C. Floriani por todo o apoio na mediação para que eu pudesse ter acesso ao material do museu, você foi fundamental.

Agradeço ao meu esposo Maikol R. Pialarissi, às minhas filhas Desirée e Elisiê Pialarissi pela paciência e pelo apoio, vocês foram a base de tudo isso e, por fim, às amigas que sempre incentivaram e se emolgaram com cada passo dado durante esses dois anos de estudo.

PIALARISSI, Simone Garbelini Parro. **O arquivo pessoal de Durval Pinto: o movimento de renovação da formação dos professores do Paraná nas primeiras décadas do século XX.** 2023. 139 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2023.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo por meio do arquivo pessoal do professor Durval Pinto, encontrado no já desativado Museu Histórico Professor David Carneiro da UNESPAR - Campus Apucarana/PR, analisar a sua formação docente, tendo como foco de análise o período em que estudou na Escola de Professores de Curitiba, entre 1942 e 1944, um período marcado por um movimento de remodelação dos padrões de ensino, que pretendia romper com o método tradicional e implantar nas escolas paranaenses uma nova proposta de educação, que visava mudar hábitos e formar um cidadão mais crítico e participativo. Após inventariar o acervo, percebe-se que boa parte do material tem relação direta com a sua formação enquanto aluno na Escola de Professores de Curitiba. Daí resultou o recorte espacial, que não se deu de forma aleatória, mas sim devido à diversidade de fontes documentais que deram subsídios para compreender o espaço e o tempo escolar em que Durval Pinto atuou. Logo, diante da precariedade da educação no Paraná nas primeiras décadas do século XX, da falta de escolas e de professores capacitados para atender o ensino primário, nosso problema gira em torno de compreender: Como o professor formado na Escola de Professores de Curitiba, sob a influência do movimento escolanovista, participou do processo de expansão de um método que pretendia mudar os rumos da educação pública paranaense? A partir do arquivo pessoal do professor Durval Pinto e por meio de revisão bibliográfica, foi possível entender não só a formação de um professor comum que guardou por toda a sua vida materiais relacionados à educação, mas também compreender como essa formação foi construída a partir das mudanças que vinham ocorrendo naquele período. Diante dos fatos, conclui-se que mesmo que tenha ocorrido um conflito entre teoria e prática, o professor foi um dos meios mais eficazes utilizado pela Escola de Professores de Curitiba para atingir a população localizada no interior do estado com um novo modelo de educação que caminhava rumo ao progresso do país. Enfim, esta pesquisa intenta dar visibilidade aos papéis que estão esquecidos dentro de caixas e baús de professores e incentivar a busca por elementos que enriqueçam ainda mais a História da Educação do Paraná.

Palavras-chave: Arquivo Pessoal. Cadernos Escolares. Durval Pinto. Escola de Professores de Curitiba. História da Educação.

PIALARISSI, Simone Garbelini Parro. **Durval Pinto's personal archive: the movement to renew teacher training in Paraná in the first decades of the 20th century.** 2023. 139 pp. Dissertation (Master's degree in Education) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2023.

ABSTRACT

The present work intends to through teacher Durval Pinto's personal archive, found in the already deactivated Teacher David Carneiro Historical Museum of UNESPAR - Apucarana Campus/PR, to analyze his teaching training focusing on the period when he studied at the Teachers' School of Curitiba, between 1942 and 1944, a period characterized by a remodeling of the teaching standards, which intended to change the traditional methods and to implement in the schools of Paraná a new educational proposal, aimed at changing habits and educating more critical and participative citizens. After inventorying the collection, it is clear that much of the material is directly related to his training as a student at the Teachers' School of Curitiba. This is the reason for the selection, which was not done randomly, but due to the diversity of documental sources that allowed us to understand the space and the time in which Durval Pinto worked. Considering the precariousness of education in Paraná in the first decades of the 20th century, and the lack of schools and qualified teachers to attend to primary schools, our problem revolves around understanding how teachers trained at the Teacher's School of Curitiba, under the influence of the Escolanovista Movement, participated in the expansion process of a method that intended to change the course of public education in Paraná. Based on Teacher Durval Pinto's personal archive and through a literature review, it was possible to understand not only the training of an ordinary teacher who throughout his life kept throughout his life materials related to education but also how this formation was built based on the changes that occurred in that period. Considering these facts, we conclude that, even if there was a conflict between theory and practice, the teacher was one of the most effective means used by the Teachers' School of Curitiba to reach the population located in the interior of the state, with a new model of education that was moving towards the national progress. Finally, this research intends to give visibility to papers that are forgotten inside boxes and trunks of teachers and to encourage the search for elements that enrich even more the History of Education in Paraná.

Keywords: Personal Archives. School Notebooks. Durval Pinto's. Teacher's School of Curitiba. History of Education.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Alunos do Grupo Escolar Dezenove de Dezembro (1935).....	49
Figura 2 - Material de Escotismo pertencente a Durval Pinto	51
Figura 3 - Grupo em um acampamento (05/03/1947).....	52
Figura 4 - Caderno escolar com capa escoteira (1942).....	54
Figura 5 - Certificado de exames (1943).....	56
Figura 6 - Diploma de Professor Normalista (1944).....	59
Figura 7 - Fotografias dos formandos da Escola de Professores de Curitiba (1944)	62
Figura 8 - Frente do convite de Formatura (Turma 1944).....	63
Figura 9 - Parte interna do convite de Formatura (Turma 1944).....	64
Figura 10 - Oração de Colação de Grau feita pela aluna Vera Vargas (1944)	66
Figura 11 - Oração de paraninfo (Escola de Professores de Curitiba-1944)	67
Figura 12 - Formando Durval Pinto (Escola de Professores de Curitiba-1944)	69
Figura 13 - Erasmo Pilotto felicitando Durval Pinto em sua formatura (1944)	70
Figura 14 - Horário de aula do segundo semestre	74
Figura 15 - Páginas dos cadernos de Durval Pinto (1943).....	75
Figura 16 - Rascunho da aula de pedagogia (23/02/1943)	77
Figura 17 - Capa/contracapa do caderno de metodologia (1943).....	85
Figura 18 - Primeira aula de metodologia (1943).....	86
Figura 19 - Livro Didática da Escola Nova.....	93
Figura 20 - Caderno de Metodologia (1944).....	94
Figura 21 - Certificado do Curso de Orientação da Escola Primária Rural (1949)..	105

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Lista com os nomes de alguns escoteiros que participaram do passeio a Matinhos/PR (1939).....53

Tabela 2 - Cadernos Escolares do Arquivo Pessoal de Durval Pinto (1924-1984)...72

SUMÁRIO

1	MEMORIAL.....	13
2	INTRODUÇÃO.....	18
3	A ESCOLA DE PROFESSORES DE CURITIBA (1938-1946).....	24
3.1	Escola de Professores de Curitiba: um espaço de formação docente.....	26
3.2	Escola de Professores de Curitiba: espaço de Consolidação da Escola Nova no Paraná.....	33
3.3	Escola de Professores de Curitiba: os Sujeitos.....	40
3.3.1	Erasmus Pilotto como líder na Escola de Professores de Curitiba.....	41
3.3.2	Durval Pinto: sua Trajetória como Aluno da Escola de Professores de Curitiba (1942-1944)	46
4	OS CADERNOS ESCOLARES DE DURVAL PINTO: O QUE ELES PODEM REVELAR?.....	71
4.1	Os Cadernos de Metodologia.....	83
4.1.1	Caderno da Disciplina de Metodologia do Primeiro Ano (1943)	84
4.1.2	Caderno da Disciplina de Metodologia do Segundo Ano (1944)	94
5	DURVAL PINTO: A TRAJETÓRIA PROFISSIONAL DE UM PROFESSOR QUE PRECISOU SE INTERIORIZAR.....	100
	CONCLUSÃO.....	109
	REFERÊNCIAS.....	114
	ANEXOS.....	119
	ANEXO A - Material encontrado no arquivo pessoal de Durval Pinto.....	120
	ANEXO B - Inventário do arquivo pessoal do Durval Pinto.....	123
	ANEXO C - Documentos de Identificação de Durval Pinto.....	131

1 MEMORIAL

Ao adentrar nos caminhos da História da Educação, sem dúvidas acabamos retomando a nossa própria trajetória de vida. A cada leitura e a cada passo dado, vamos lembrando fatos pessoais vividos por nós ou até mesmo por pessoas mais próximas. Consequentemente, essas lembranças que são carregadas de sentimentos, de sensibilidades, nos levam a rememorar, reviver e refletir de forma mais crítica esses momentos que não voltam mais, mas que estão repletos de significados¹.

Nesta perspectiva, ao buscar essa memória e reviver a minha trajetória educacional, iniciei uma análise pessoal, me perguntando: se somos capazes de mudar o rumo de nossas vidas, o nosso “destino”, considerando a classe social, as oportunidades e as dificuldades encontradas em cada fase da vida.

Quando me perguntavam lá na infância a profissão que eu queria exercer quando fosse adulta, como tantas outras colegas de sala, eu dizia com muita convicção que seria professora. Provavelmente, isso se deve ao fato de que as professoras primárias que lecionavam no Grupo Escolar em que estudei na década de 1980 deixaram marcas positivas sobre a escola e sobre o ensino primário. Essas professoras eram como um espelho, o qual eu tentava imitar, seja nas brincadeiras, seja no comportamento.

Entretanto, o tempo foi passando e a vida me levou para outros caminhos; cursei o ensino primário no quarto Grupo Escolar do município de Apucarana/PR, o ginásio no Colégio Estadual Nilo Cairo e quando estava no segundo ano do Ensino Médio, engravidei do meu namorado, aliás, um momento que renderia outra história, mas que não vem ao caso nesse momento. Sendo a caçula de quatro irmãos, filha de pais separados desde os quatro anos de idade e vivendo em um sistema familiar bem rígido, me casei um mês depois de contar sobre a gravidez, logo, tive que me afastar da escola. Mesmo grávida, consegui terminar o segundo ano do Ensino Médio, em 1996. Com 17 anos me casei, tive minha primeira filha e voltei a estudar um ano depois. A partir desse momento, comecei a sentir o peso que era virar mãe, esposa e uma adolescente/adulta responsável por tantas coisas. Por mais que tenha

¹ O contato com as fontes foi feito primeiramente pela pesquisadora, entretanto a construção do texto foi em parceria com a orientadora, por isso, decidimos padronizar o verbo na 1ª pessoa do singular para abordar a trajetória da pesquisadora e na 1ª pessoa do plural a tudo o que se refere a produção

sido difícil, com a ajuda da família consegui concluir o Ensino Médio, mas acabei desistindo de dar continuidade aos estudos. Na verdade, eu não pensava naquele momento em fazer uma faculdade, eu queria apenas ser mãe, dona de casa e uma boa esposa, até que, em 2003, tive minha segunda filha.

Os anos foram passando e aquele desejo que eu tinha lá no Ensino Primário de ser professora foi aflorando, pois eu não estava satisfeita com a pessoa que eu tinha me tornado, eu queria mais, eu queira ser mais. Então, aos 37 anos, resolvi voltar a estudar e ingressei no Curso de Pedagogia da UNESPAR-Campus Apucarana. A partir desse momento eu iniciava uma nova trajetória de vida, que me trouxe onde estou hoje e que me levará aonde eu quiser ir.

Antes de mais nada, preciso ressaltar que quando entrei no Ensino Superior, eu era leiga em informática, leitura, escrita, entre tantas outras coisas, mas era muito dedicada. Já no primeiro semestre do curso de Pedagogia, mais especificamente, na disciplina de História da Educação no Brasil, a Prof^a. Dr^a. Vanessa Alves Bertoletti nos pediu para apresentar um trabalho sobre algo relacionado à História da Educação do nosso próprio município. Então iniciei uma busca, conversei com várias professoras e descobri o arquivo pessoal do pai de uma delas, da década de 1950. Reuni os materiais e fui para a aula, muito nervosa com a primeira apresentação na universidade e, com a voz e as mãos trêmulas, contei a história do professor e a relacionei com acontecimentos históricos daquele período.

Por consequência, essa apresentação chamou a atenção da professora Vanessa e ela me convidou para participar do PIBIC (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica). Decidida a não deixar passar nenhuma oportunidade, resolvi encarar, mergulhei neste desafiador e apaixonante mundo da pesquisa historiográfica. Esse primeiro contato com a pesquisa, com a produção de uma escrita diferenciada, de apresentações dos resultados das pesquisas em eventos impostos ou não pelo programa foi aos poucos me mostrando novas perspectivas de estudos, de pesquisa, e comecei a aprimorar a escrita, a oralidade e o meu olhar sobre os fatos históricos.

Neste íterim, participei de dois PIBIC: um discutia a instalação do primeiro Grupo Escolar de Apucarana/PR e o outro foi sobre a instalação do Curso Normal

Regional do município em 1949. Como resultado desses dois projetos, apresentei meu TCC (Trabalho de Conclusão de Curso), intitulado “A educação nos primeiros anos de Apucarana/PR: a formação do Curso Normal Regional anexo ao primeiro Grupo Escolar (1949-1967)”.

Como algo tão íntimo, ninguém pode imaginar as dificuldades que passei para escrever as 66 páginas do TCC visando concluir o curso de pedagogia, pois entrei na universidade sem saber dar Ctrl+C e Ctrl+V no computador, sem saber o que era o Google Acadêmico, o que era iniciação científica, do que se tratava a pesquisa sobre História da Educação. Porém, como estamos sempre em construção e abertos a novos conhecimentos, com o incentivo da minha orientadora resolvi dar continuidade aos estudos e à pesquisa, tentei o mestrado na Universidade Estadual de Maringá (UEM) enquanto ainda cursava o último ano de pedagogia em 2019, com um projeto que hoje considero bem desestruturado. Passei na prova escrita, mas não na entrevista.

Consciente de que não era algo impossível, no ano seguinte, reestruturei o projeto e passei pelo processo seletivo do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Londrina (PPEDU), na linha Perspectivas Filosóficas, Históricas, Políticas e Culturais da Educação, no núcleo História, Cultura, Escola e Ensino, com um projeto que apresentava a ideia de pesquisar sobre a contribuição do professor Durval Pinto para a consolidação do ensino público de Apucarana/PR.

Sem dúvidas, olhando hoje o projeto que enviei ao processo seletivo, avalio que ele também não estava bom, porém, eu apresentei um material que era diferenciado, que chamou a atenção da banca. Um material que traz toda a trajetória educacional de um professor de Apucarana.

E tudo isso começou na UNESPAR, enquanto eu participava do PIBIC. Durante a procura por fontes para a pesquisa, acabei descobrindo que havia na Universidade um Museu desativado e, junto da orientadora do projeto, resolvemos visitar esse museu. Era uma sala de aula ampla, com um amontoado de materiais, móveis, fósseis, caixas e caixas de papéis e fotografias. Indubitavelmente, fiquei encantada ao me deparar com aquela quantidade de material, e comecei, de acordo com Carlos Bacellar (2008, p. 23) a “escarafunchar papéis velhos, em busca de novidades, como se fosse uma espécie de ‘Indiana Jones’ dos arquivos”, sem saber o que poderia encontrar sobre a História da Educação de Apucarana e se iria

encontrar algo.

Emaranhada em um ambiente com pouca iluminação, empoeirado e impregnado de traças e outros tipos de fungos, me deparei com alguns materiais que estavam timbrados com o nome do professor Durval Pinto e tal fato me chamou a atenção, então, iniciei uma busca por informações sobre quem era esse professor, pois o único dado que eu tinha é que seu nome foi dado a uma escola primária do município e que havia visto o seu nome em algumas Atas do primeiro Grupo Escolar do Município. Após conversar com alguns professores e com servidores da universidade, descobri que logo após a morte do professor Durval Pinto, todo o seu acervo pessoal havia sido doado ao Museu Regional Prof. David Carneiro da UNESPAR-Campus Apucarana.

Foi nesse momento que decidi investigar a trajetória do professor Durval Pinto e fazer um levantamento de todo o material que havia no museu. Para fazer essas visitas, havia muita burocracia, no início tive muita dificuldade de acesso, pois só poderia ficar no museu com a supervisão de algum funcionário, o que dificultava ainda mais, visto que ninguém tinha tempo ou vontade de ficar em um local sujo e com cheiro forte, natural de um ambiente cheio de papéis, objetos e móveis velhos. Pode parecer meio insano dizer isso, mas aquele cheiro, aquele local me encantava, eu não via uma sala cheia de coisas velhas, mas sim uma infinidade de histórias de vida que estavam prontas para serem descobertas, de vozes do passado que precisavam serem ouvidas e eu não via a hora de voltar.

Porém, naquele período, eu não imaginava o quanto havia de material do professor Durval Pinto no museu e fui devagar separando o que ia encontrando e o que poderia utilizar no meu projeto do PIBIC, já que ambos tinham como eixo principal a história da educação do município de Apucarana.

Após apresentar todo esse material na entrevista do mestrado, despertei o interesse da Prof^a. Dr^a. Simone Burioli, que fazia parte da banca durante o processo seletivo para o ingresso no Programa de Pós-Graduação em Educação da UEL. Logo, fui selecionada e me adentrei ainda mais nesse arquivo pessoal. Descobri que a trajetória de vida do professor Durval Pinto era algo singular e que o seu acervo pessoal, se bem explorado, tanto abriria um leque de possibilidades de pesquisa historiográfica quanto enriqueceria o meu currículo como pesquisadora que está apenas em construção.

Por fim, após ingressar no mestrado, com a mediação da servidora da

UNESPAR-Campus Apucarana Angela C. Floriani, que me auxiliou em todos os momentos que precisei e do diretor Prof. Daniel Fernando Matheus Gomes da UNESPAR-Campus Apucarana, que me concedeu a guarda provisória de todo o acervo pessoal de Durval Pinto encontrado no museu até o final do trabalho, iniciei esta pesquisa. Por conseguinte, mergulhei de forma intensa em um material íntimo e encantador. Portanto, o texto que apresento a seguir é um recorte desse material encontrado, realizado a partir das discussões nas disciplinas, das orientações com a Prof^a. Dr^a. Simone Burioli e dos Seminários de Pesquisa realizado no Programa de Pós-Graduação em Educação da UEL, que foram fundamentais para delinear o caminho escolhido para trilhar.

2 INTRODUÇÃO

Em meio a tantas mudanças ocorridas no final do século XX, surge um interesse por parte dos historiadores não só por grandes fatos históricos ou importantes personagens, mas por todos os homens, os homens em sua totalidade, pelos resquícios que eles deixaram por meio de documentos escritos ou não-escritos, por tudo o que “pertencendo ao homem, depende do homem, serve o homem, exprime o homem, demonstra a presença, a atividade, os gostos e as maneiras de ser do homem” (LE GOFF, 1990, p. 540).

Seguindo esta corrente, é possível observar um aumento significativo por pesquisas em documentos mais usuais, como os arquivos pessoais de professores, que muitas vezes no anonimato acabam produzindo materiais relevantes para a reconstrução da História da Educação, nos levando a compreender a construção do ser professor e as especificidades da escola.

Conforme o Art. 11 da Lei n.º 8.159, de 8 de janeiro de 1991, que dispõe sobre a política nacional de arquivos públicos e privados: “Consideram-se arquivos privados os conjuntos de documentos produzidos ou recebidos por pessoas físicas ou jurídicas, em decorrência de suas atividades” (BRASIL, 1991). São “papéis de qualquer cidadão que apresente interesse para a pesquisa histórica, trazendo dados sobre a vida cotidiana, social, religiosa, econômica, cultural do tempo em que viveu ou sobre sua própria personalidade e comportamento” (BELLOTTO, 2006, p. 256), como é o caso do professor Durval Pinto (1924-1984), que preservou durante toda a sua vida uma variedade de documentos, um material que passaram despercebidos por trinta e sete anos após a sua morte e que, descoberto, nos oferecem grandes oportunidades de pesquisa.

O arquivo pessoal do professor Durval Pinto foi encontrado no já desativado Museu Histórico Regional Prof. David Carneiro da UNESPAR/Campus Apucarana². Segundo uma publicação da imprensa local “Jornal do Norte”³ do dia 31 de março de 1985, o acervo foi doado um mês após a morte do Durval Pinto através do “Ferra Mula”⁴, uma Associação Filantrópica à qual era associado. De acordo com a nota do

² No período em que o acervo foi doado, a instituição ainda não era um Campus da UNESPAR e sim a FECEA (Faculdade de Ciências Econômicas de Apucarana).

³ O recorte do jornal com essa nota, foi encontrado no acervo pessoal de Durval Pinto (ANEXO A).

⁴ Ferra Mula é uma Associação Filantrópica de Apucarana/PR, fundada em 1963 por um grupo de amigos que costumava se reunir para conversar e tomar um aperitivo. Observando que havia

jornal, o acervo encontrava-se em péssimo estado de conservação, necessitando de um trabalho preliminar de restauração e cadastramento. Para isso, foi designado um funcionário para supervisionar esse trabalho, que após concluído, seria liberado ao público. No entanto, não podemos afirmar se esse trabalho foi concluído na época; o que sabemos é que, redescoberto, ele nos oferece um leque de possibilidades de pesquisa.

No arquivo pessoal do professor Durval Pinto, encontramos uma variedade de materiais. São por volta de 120 livros (de literatura e didáticos), 6 coleções de enciclopédias, totalizando 43 exemplares, 13 revistas (Joaquim, Revista de Teatro, Brasiliense, Ensino), cadernos escolares de Durval Pinto enquanto aluno e de seus alunos, documentos pessoais (certificados, registro de nascimento, carteira profissional, seguro), Jornais (A Voz da Escola, recortes variados), convites de formaturas, livretos de leis e regulamentos de ensino do Paraná, fotografias, cartas, diários, cadernos de anotações, materiais diversificados de quando foi escoteiro em Curitiba/PR, pastas contendo anotações de quando foi Inspetor de Ensino, com controle de notas dos alunos, diários e cartas de cunho pessoal⁵. Contudo, o que nos despertou o interesse foi a qualidade e quantidade de material, que em sua maioria está relacionado à educação, além da preocupação em registrar um material histórico que aos poucos está se deteriorando, devido à falta de manutenção e de interesse público.

Nesta perspectiva, Bellotto (2006, p. 259) discute sobre a importância de “fomentar o desenvolvimento de uma consciência sobre o valor dos arquivos privados junto aos seus detentores, ao grande público, aos historiadores e aos ‘formadores de opinião’ dos meios de comunicação de massa”. A autora ressalta que, diferente dos arquivos produzidos pelo poder público, que são amparados por lei, seja municipal, estadual ou federal, os acervos privados só podem ser resgatados para a pesquisa histórica por meio de “sensibilização, por persuasão, por especiais interesses e concessões” (Bellotto, 2006, p. 258), vindo reafirmar a

peças carentes pelas ruas da cidade, resolveram arrecadar um dinheiro por meio da venda de rifas e bingos. Com o Regime Militar essa ação foi proibida, então decidiram assar costela de boi e vender, já que Apucarana era o centro de referência de abate de gado. Os associados são todos homens e a participação é limitada, ainda hoje são mantidos os mesmos princípios e todas as quartas-feiras é realizada a costelada do Ferra Mula (<http://ferramula.com.br/contato/>).

⁵ Anexo A (Fotografias do arquivo pessoal de Durval Pinto).

vulnerabilidade desse tipo de material quanto ao recolhimento, sonegação e destruição. Bellotto (2006) destaca ainda casos em que a própria família faz uma triagem nos documentos antes de disponibilizá-los, visando proteger a imagem do produtor do acervo, ou até mesmo supervalorizar os documentos, no sentido de vendê-los.

Logo, temos plena consciência de que uma pequena parte do acervo deve ter passado despercebida, pois não encontramos alguns materiais de Durval Pinto que constam em um registro feito pela Universidade, logo que o recebeu. Essa foi uma das adversidades que tivemos ao iniciar o levantamento do material para a pesquisa, pois além da burocracia para visitar o museu que estava há muitos anos desativado, ele estava bem desorganizado e o acervo espalhado entre caixas e prateleiras.

Assim, foram várias visitas ao museu para procurar seus documentos em meio a tantos papéis. Ademais, devido à falta de manutenção, o museu estava empoeirado e não tinha luz, sendo necessário visitá-lo em horários específicos para ter uma boa leitura, geralmente no período vespertino. Não podemos deixar de ressaltar que frequentar tais locais às vezes causa um certo desconforto, pois estão impregnados de poeira, traças e fungos que tanto podem prejudicar os documentos quanto a nossa própria saúde.

Por tal ponto de vista, pretendemos por meio do acervo pessoal de um professor, que passou tantos anos guardado em caixas de papelão, entender como ocorreu sua trajetória como estudante, a sua formação docente e a sua trajetória profissional, reconhecendo a contribuição tanto dele, como a de tantos outros professores para a construção e a disseminação de um novo modelo de educação que visava alcançar todo o estado do Paraná nas primeiras décadas do século XX, em um movimento de modernização do país.

Após separar o acervo no museu, foi feito um inventário⁶ das fontes e me surpreendeu a quantidade de material que estava relacionado à Escola de Professores de Curitiba, o que me fez me questionar sobre: O que foi a Escola de Professores de Curitiba? O que era se formar na Escola de Professores de Curitiba? O que a Escola representou, para que Durval Pinto guardasse por toda a sua vida esses materiais? Um material que sem dúvidas não deve ser ignorado, mas sim problematizado, investigado e disponibilizado para futuras pesquisas.

⁶ Anexo B.

Logo, cada documento encontrado no arquivo pessoal de Durval Pinto apresenta vestígios de um passado que está pronto para emergir, que nos leva a compreender não só história da escola no Paraná e em Apucarana, mas também as relações e contradições entre professor, escola e sociedade. São vozes que, “uma vez observadas e levadas à tona, pelo historiador, não desfazem o arquivo; apenas contornam a memória que o produziu e o transformam, efetivamente, em material histórico” (DOS ANJOS, 2018, p. 288).

Assim, diante da precariedade da educação no Paraná nas primeiras décadas do século XX, da falta de escolas e de professores capacitados para atender o ensino primário, o problema gira em torno de compreender: Qual a participação do professor Durval Pinto, formado na Escola de Professores de Curitiba, no processo de expansão do movimento escolanovista nas escolas localizadas no interior do Paraná?

Frente aos documentos que foram encontrados no acervo, temos como hipótese que ser aluno da Escola de Professores de Curitiba era um grande prestígio, principalmente para Durval Pinto, um jovem negro, que não pertencia à elite curitibana. Ademais, a instituição foi naquele período um dos meios mais eficazes para capacitar o professor primário paranaense, em um modelo de ensino que propunha romper com o método tradicional e apresentar uma nova proposta de educação pública. Portanto, supõe-se que a formação profissional que Durval Pinto recebeu na Escola de Professores de Curitiba foi fortemente influenciada pelo movimento escolanovista e que, mesmo ocupando alguns cargos importantes, como diretoria e inspetoria de ensino, ele sofreu ao encarar a realidade das escolas localizadas no interior do estado.

A partir desta questão, a dissertação se divide em três seções: na primeira, começamos a tecer uma trama sobre o que foi a Escola de Professores como um espaço de formação docente, que funcionou com essa nomenclatura no período de 1938 a 1946, fazendo uma aproximação com o movimento pela Escola Nova, que utilizou esse espaço para propagar seus ideais por meio dos professores normalistas, reconhecendo seu surgimento, expansão e consolidação. Em seguida, dialogamos com os sujeitos que foram parte constitutiva desse processo: Erasmo Pilotto (1910-1992) como líder do Movimento pela Escola Nova no Paraná e Durval Pinto como aluno da Escola de Professores.

Na segunda seção, realizamos aproximações entre os cadernos de

metodologia utilizados por Durval Pinto enquanto aluno da Escola de Professores de Curitiba entre 1942 e 1944 com o método de ensino proposto pela Escola Nova. Por meio do conteúdo desses cadernos, apresentamos a forma como a disciplina foi ministrada e anotada por Durval Pinto e as mudanças que vinham ocorrendo no ensino paranaense, no qual os professores estavam sendo preparados para moralizar, civilizar e higienizar a população paranaense, que em sua maioria estava localizada na área rural.

Finalizamos apresentando a trajetória profissional de Durval Pinto, que após se formar em um novo método de ensino, devido à demanda por professores capacitados, foi direcionado a atender as escolas rurais do estado do Paraná.

Nesta perspectiva, o presente trabalho foi desenvolvido por meio de revisão bibliográfica sobre arquivos pessoais pautado em autores como Bacellar e Pinsky (2008), Mignot, Cunha (2006) e Bellotto (2006). Tais leituras foram fundamentais para reconhecer a importância dos arquivos pessoais, mais especificamente dos arquivos pessoais de professores, e as possibilidades de investigação na área da História da Educação, assim como compreender os riscos de se trabalhar com um material tão particular, cheio de expectativas e incertezas.

Os estudos de Miguel (1992, 1995, 2005, 2008), Monteiro (2015), Silva (2009, 2014), Vieira (2001) e Tanuri (2000) sobre as Escolas Normais e sua reformulação, que resultou na Escola de Professores, serviram para nos situar em relação às diferentes mudanças ocorridas no currículo e na formação dos professores primários.

Em um segundo momento, foi investigada a importância dos cadernos escolares como fonte de pesquisa, mais especificamente os cadernos de metodologia de Durval Pinto enquanto aluno da Escola de Professores de Curitiba. Para isso, consideramos os estudos de Cordova (2016), Cunha (2019), Almeida e Poletto (2019), Iwaya (2000), que contribuíram na análise de cada registro encontrado nos cadernos, desde rabiscos desordenados até resquícios de sua formação como professor e de seu envolvimento com os novos métodos de ensino.

Todos os autores citados, alinhados aos documentos encontrados no arquivo pessoal de Durval Pinto, foram fundamentais para ampliar a nossa compreensão sobre as mudanças que vinham ocorrendo na educação pública do Paraná nas primeiras décadas do século XX, principalmente na formação dos professores primários.

Um jovem que deixou na capital seu grande amor, seus amigos e sua família e saiu em busca de trabalho, até que em 1949 chegou no município de Apucarana, localizado no norte do Paraná. Durval Pinto nunca se casou e morou por toda a sua vida em um Hotel Central. Faleceu aos 60 anos de idade e foi enterrado em um cemitério local, que está em situação de abandono. Em seus diários, encontramos desabaços sobre a saudade que sentia da sua família e da sua vida na capital Curitiba, assim como os momentos de solidão vividos naquele pequeno quarto de Hotel.

3 A ESCOLA DE PROFESSORES DE CURITIBA (1938-1946)

Logo que tivemos acesso ao arquivo pessoal do professor Durval Pinto, nos deparamos com uma quantidade significativa de material, em sua maioria relacionado à educação. Durante o levantamento do acervo, percebemos que boa parte desse material tem relação direta com a sua formação enquanto aluno na Escola de Professores de Curitiba, entre 1942 e 1944. Daí resultou o nosso recorte espacial, que não se deu de forma aleatória, mas sim considerando a diversidade de fontes documentais que encontramos no acervo e que estão relacionadas à Escola de Professores.

Segundo Tanuri (2000), a Escola de Professores surgiu em meio a um movimento de remodelação da Escola Normal e dos padrões tradicionais de ensino, no qual o curso de formação de professores primários foi reformulado com uma nova nomenclatura, um novo currículo e a separação do curso em ciclos: um de formação geral e outro profissional, com a duração de dois anos. Este movimento teve início no Distrito Federal a partir da Reforma realizada por Anísio Teixeira (1900-1971) em 1932. Em seguida, foi adotado em São Paulo e gradativamente alcançou outros estados. No Paraná, a Escola Normal da capital Curitiba passou, em 1938, a se chamar Escola de Professores de Curitiba.

Sob esta ótica, a cada caixa revirada do arquivo pessoal de Durval Pinto, cada documento analisado, ou até mesmo uma pequena anotação rascunhada na página de um caderno, foi despertando ainda mais o nosso interesse sobre a importância dessa escola, tanto para formação dos professores primários, quanto para a construção de um ensino público de qualidade, que visava mudar hábitos e formar um cidadão mais consciente e participativo, rompendo com o ensino tradicional. Esta proposta já vinha sendo discutida em âmbito nacional e internacional, e exigia conhecimentos mais profundos sobre “o desenvolvimento e a natureza da criança, os métodos e técnicas de ensino a ela adaptados e os amplos fins do processo educativo” (TANURI, 2000, p. 70). Tal fato pode ser observado na reforma realizada no Paraná em 1923, por Lysimaco Ferreira da Costa (1883-1941), que apresentava uma preocupação com a formação técnico-profissional e dividiu o curso normal em ciclos, já norteado pelos princípios escolanovistas (TANURI, 2000).

Um ensino renovador que pretendia abranger todo o território paranaense, desde a capital, até os pequenos povoados espalhados pelo estado. Os professores

que se formavam na Escola de Professores de Curitiba e eram direcionados a atender o interior do Estado supostamente saíam com a consciência dos problemas que iriam encontrar, de que enfrentariam uma realidade bem diferente das escolas localizadas na capital Curitiba e da precariedade do ensino.

Considerar a Escola de Professores, que formou centenas de professores paranaenses nas primeiras décadas do século XX, como um espaço de consolidação do movimento escolanovista é essencial para compreender como a prática de ensino utilizada por esses professores – no nosso caso, por Durval Pinto nas escolas interioranas em que trabalhou – é resultante em grande parte dos processos educativos que receberam em sua formação. Para Durval Pinto, uma formação que repercutiu intensamente não só na sua vida profissional, mas também pessoal.

Sob este ponto de vista, iniciamos este capítulo, mesmo que de modo introdutório, analisando o que foi a Escola de Professores de Curitiba como um espaço institucional de formação docente, na perspectiva de marcar a influência dessa formação na atuação docente no Paraná.

Em seguida, abordamos as concepções pedagógicas empregadas na Escola de Professores de Curitiba, que visava formar os futuros professores primários do Paraná dentro do modelo escolanovista, para mais adiante assimilar como a proposta da Escola Nova atingiu as escolas do interior do estado por meio do professor.

Por conseguinte, fizemos algumas considerações relativas ao intelectual paranaense Erasmo Pilotto (1910-1992)⁷ como um sujeito que foi líder dentro desse espaço, exerceu forte influência na formação dos futuros professores e lutou para levar às escolas do interior do Estado um ensino de qualidade, porém, adaptado à realidade de cada região. Sem dúvidas, Erasmo Pilotto, além de ser professor de Durval Pinto na Escola de Professores, teve participação ativa em sua trajetória. Encontramos seu nome em diversos documentos, em dedicatórias, na fotografia de formatura. Suas palavras sempre foram lembradas por Durval Pinto com muita admiração, seja em cartas, anotações registradas em seus cadernos ou diários pessoais.

Por fim, nesta seção, contamos a trajetória de Durval Pinto durante o período

⁷ Sobre o professor Erasmo Pilotto, indicamos os trabalhos de Silva (2009, 2014) e Monteiro (2015).

em que frequentou a Escola de Professores (1942-1944), visando compreender esse espaço educacional pela perspectiva do aluno. Para isso, utilizamos como fonte o arquivo pessoal do referido professor e autores que já desenvolveram pesquisas sobre a Escola de Professores de Curitiba, como Miguel (1992, 1995, 2005, 2008), Monteiro (2015), Silva (2009, 2014), Vieira (2001).

De acordo com Miguel (1992), a reforma da Escola Normal de Curitiba teve início em 1920, quando Prieto Martinez desmembrou a Escola Normal do Ginásio Paranaense e reformulou o currículo do curso, buscando melhorar a formação dos professores. Em 1922, foi inaugurado o prédio novo da Escola Normal, que passou a funcionar a partir da reforma de Lysímaco Ferreira da Costa, em 1923, e ser denominada Escola Normal Secundária de Curitiba. Tratava-se de um curso geral de três anos e um especial de um ano e meio, que introduziu as Metodologias e a Psicologia, um primeiro passo para o Curso Normal ser considerado profissionalizante e funcionar em prédio próprio.

Acompanhando as mudanças que vinham ocorrendo no estado a partir de 1930, ligadas ao crescimento da indústria e ao comércio do mate, as Escolas Normais já instaladas eram consideradas insuficientes e os professores ineficientes. Por conseguinte, a partir de 1932, com a colonização do Estado, foram ocorrendo diversas reformas na Escola Normal e o governo se sentia ainda mais pressionado pela demanda educacional, até que em 1937, o código de educação propôs transformar as Escolas Normais em Escola de Professores, visando formar o professor primário em dois anos (MIGUEL, 1992).

Nesta perspectiva, delimitamos nosso recorte temporal entre os anos de 1938 e 1946, pois além de ser o período de vigência da Escola de Professores, ele também foi marcado por diversas Reformas Educacionais no Paraná, pela industrialização ou pelo efeito causado por ela, pela ampliação do mercado de trabalho e consumidor, pelo fortalecimento das forças produtivas e por movimentos renovadores em prol da educação (ANDREOTTI, 2006).

3.1 ESCOLA DE PROFESSORES DE CURITIBA: UM ESPAÇO DE FORMAÇÃO DOCENTE

De acordo com o Art. 7º do Decreto Estadual nº 6150 de 20 janeiro de 1938,

anexo a cada Ginásio Paranaense⁸ deveria ser instalado uma Escola de Professores, “destinada a formação de professores primários, cujo curso será feito em dois annos, distribuído o estudo por secções semestraes”. Do mesmo modo, deveria ter anexo um Grupo Escolar e um Jardim de Infância para a prática de ensino dos normalistas, o qual, deveria ser “o centro em torno do qual devem gyrrar todos os demais cursos para a formação profissional dos alumnos da Escola de Professores” (PARANÁ, 1938, p. 2)⁹.

O Grupo Escolar que funcionaria anexo à Escola de Professores foi denominado Escola de Aplicação e seguia o mesmo Regulamento dos Grupos Escolares do Estado, exceto que a figura do Diretor era subordinada ao Assistente Técnico da Escola de Professores, que poderia interferir e modificar algo, visando atender as necessidades da prática de ensino (PARANÁ, 1938).

Por conseguinte, foi aprovado em 22 de março do mesmo ano o Decreto nº 6597, que regulamentava as Escolas de Professores do Paraná, definindo as finalidades do curso, a divisão em quatro semestres, as novas mudanças relacionadas às disciplinas contidas no currículo, entre outras questões. Miguel (2008) acrescenta que a Escola de Professores de Curitiba funcionou de 1938 a 1946 no prédio inaugurado por Lysímaco Ferreira da Costa a partir da Reforma de 1923 e tratava de um curso inspirado nos ideais da Escola Ativa.

De acordo com o Art. 1º do Regulamento nº 6597, o curso tinha como finalidade: “a) formar professores primários; b) promover investigações e estudos relativos a assuntos de educação; c) auxiliar o trabalho de constante aperfeiçoamento cultural do magistério público do Estado”. Ademais, além da figura do diretor, a Escola de Professores contava com o cargo do Assistente Técnico, que de 1938 até 1946, foi ocupado pelo professor Erasmo Pilotto, primo do diretor Osvaldo Pilotto¹⁰ (1901-1993). Este grau de parentesco vem acatar o que está descrito no Artigo 19 do regulamento, que diz que “o cargo de Assistente Técnico é de imediata confiança do Diretor da Escola” (PARANÁ, 1938).

⁸ “Art. 1º - Ficam fundidos ao Gymnasio Paranaense e ao Gymnasio Regente Feijó, respectivamente, os cursos gymnasiaes das escolas normaes de Curityba e Ponta Grossa” (PARANÁ, 1938).

⁹ Optamos por manter a escrita original.

¹⁰ Foi um historiador de prestígio, um renomado professor, diretor da Escola Normal, da Escola de Professores de Curitiba (1922-1946) e da Escola de Música e Belas Artes do Paraná. Esteve à frente de várias cadeiras e ocupou diferentes cargos na Universidade Federal do Paraná, “criou o Salão Paranaense, dirigiu a Biblioteca Pública do Paraná, a Academia Paranaense de Letras e o Instituto Histórico e Geográfico do Paraná, entre outras instituições. Publicou diversas obras [...]” (CAMARA, 2020, p. 93).

Todas as propostas de mudança na formação dos professores aplicadas no curso faziam parte de um projeto liderado por Erasmo Pilotto, que implantou na Escola de Professores de Curitiba um novo modelo de educação, com todos os seus métodos alicerçados em uma dimensão humanista, social e cultural, que acabaria atingindo educadores e educandos.

Vale ressaltar que, para ser matriculado na Escola de Professores, o aluno deveria apresentar os seguintes documentos:

- 1) – Ter o candidato concluído o curso de ginásio oficial ou geral de Escola Normal do Estado ou então o curso das extintas Escolas Normais Primárias do Estado;
- 2) – Capacidade física;
- 3) – Idoneidade moral;
- 4) – Ter idade inferior a 30 anos;
- 5) – Sua identidade;
- 6) – Recibo da 1ª prestação da taxa anual (PARANÁ, 1938, p. 1).

É útil observar que era cobrado por aluno uma taxa anual de matrícula que deveria ser paga em duas prestações, a primeira na matrícula e a segunda até o mês de agosto do mesmo ano. De acordo com o § único do Artigo 45 do regulamento de 1938, “além dessa taxa, os alunos pagarão a importância de \$5000 mensais, como taxa de frequência” (PARANÁ, 1938, p. 1).

Mesmo considerando o fato de que frequentar o Curso Normal na Escola de Professores tinha um certo custo, a procura por uma vaga era grande, tanto que posteriormente, foi levantada uma discussão sobre o exame de admissão para ingressar no curso, abrindo a possibilidade de implantar um sistema mais rígido no processo seletivo, com uma prova de capacidade física, excluindo canhotos e os que apresentassem predisposição a tuberculose, neuropatia e defeitos na fonação, entre outros, e outra prova de cultura, pautada na formação científico-naturalista e humanista que seria aplicada em “4 exames: um de matemática, outro de ciências físicas e naturais e os dois últimos, de história universal e história de literatura” (PILOTTO, 1946, p. 119).

Todo esse processo limitaria o número de matrículas e desafogaria os trabalhos práticos que eram normalmente prejudicados pelo excesso de alunos. Entre as atividades, havia os estágios, os projetos, grupos de discussões, atividades realizadas na biblioteca, nos museus da Escola e até mesmo na casa dos alunos (PILOTTO, 1946).

Por conseguinte, o ano letivo na Escola de Professores teve início no dia

primeiro de fevereiro de 1939 e se encerrou no dia 14 de novembro. Cada aula teórica tinha a duração de 50 min, com um intervalo de 10 min entre as aulas, e a cada semestre, os alunos deveriam passar por exames finais. Os alunos eram avaliados por meio de provas teóricas e práticas em cada seção, caso o aluno não atingisse a nota 40, era reprovado; se não, ele poderia fazer a prova de exame final de cada seção, que compreendia exame oral, prático e escrito e a nota final deveria ser igual ou superior a 60. Somente os alunos que obtivessem aprovação em todas as disciplinas seria promovido para o próximo semestre (PARANÁ, 1938).

Em relação aos aspectos culturais, a Escola de Professores foi utilizada como um espaço de expansão:

[...] por meio de organização de exposições, concertos e a ligação da instituição com outros espaços culturais, como as Exposições de Arte Infantil (1943 e 1944), o Salão Paranaense de Belas Artes (1944) e os concertos didáticos organizados pela Sociedade de Cultura Artística Brasília Itiberê – SCABI (SILVA, 2014, p. 75).

Ademais, para a capital, a Escola de Professores se tornou um “palco de diversos acontecimentos artísticos, [...] uma estratégia que garantiu à instituição e a Erasmo Pilotto grande prestígio frente ao campo artístico e intelectual da Curitiba dos anos de 1940” (SILVA, 2009, p. 150), principalmente com a mediação do seu primo Osvaldo Pilotto, que ocupou durante anos o cargo de diretor na Escola de Professores. Ambos eram apoiadores da arte, da cultura e tinham interesse em acolher todo o tipo de evento que assegurasse a importância da escola diante da sociedade e que pudesse contribuir para formação de seus alunos.

Da mesma forma, a Escola de Professores foi aproveitada como um espaço de investigação pedagógica, visando encontrar as respostas para os problemas da educação paranaense, assim como foi criada para oferecer aos futuros professores uma educação “geral sólida que lhes garantisse o domínio dos conhecimentos e o enfrentamento do cotidiano das escolas” (MIGUEL, 2008, p. 17). Além do mais, seguia os princípios da Metodologia Científica e da Psicologia Diferencial, valorizava a importância das Ideias Gerais, dos Princípios Ativos e sofria a influência de pensadores como: Gentile, Montessori, Decroly, Pestalozzi e Anísio Teixeira (MIGUEL, 2008).

Nesta perspectiva, os futuros professores deveriam ter consciência do que iriam encontrar nas escolas e preparo o suficiente para oferecer às crianças do ensino primário uma educação geral, na qual:

[...] deve conhecer certos cuidados de higiene, deve ter boa saúde, deve saber de algumas contas, e saber usá-las na sua vida de todos os dias, deve querer ser útil aos que vivem junto com dele, deve conhecer alguma coisa sobre o mundo que o cerca, deve saber de sua pátria, e deve saber de uma porção de cousas mais dêsse tipo, que o indivíduo pode aprender enquanto criança. É essa educação geral, essa educação que todos os indivíduos devem ter, qualquer que seja o que eles venham a ser mais tarde, que a escola primária deve procurar dar a todos (PILOTTO, 1946, p. 105).

Silva (2014) argumenta que Erasmo Pilotto, baseado na Psicologia Diferencial, criou dentro da Escola de Professores dois centros distintos de alunos, pois, considerava que havia duas classes de professores: “aqueles ligados às atividades de sala de aula e aqueles com espírito de líderes, que exerceriam posições de comando no campo educacional, concepção inspirada pela leitura da obra de Gentile” (p. 75).

Miguel (2008, p. 16) acrescenta que toda essa diferença ocorria sem que os próprios alunos percebessem, pois acreditava-se que nem todos “eram considerados como dotados do mesmo desenvolvimento intelectual, de cultura e de caráter”. Deste modo, mesmo havendo uma educação especial para os alunos mais desenvolvidos, que futuramente se tornariam líderes e outra para os menos desenvolvidos, que ficariam mais no campo da prática, todos de um modo geral estavam sendo capacitados para enfrentar os desafios da carreira docente.

Como proposta a essa classificação dos alunos, foi sugerida a utilização de um serviço de fichas, que informaria aos professores os pontos altos e os pontos baixos dos alunos, visando facilitar o trabalho do professor e o desenvolvimento das aulas. Nessas fichas, estariam contidas informações individuais de cada aluno, questões relacionadas ao nível de inteligência, cultura, dedicação ou prestígio diante da classe, de tal forma que:

[...] esses alunos merecerão uma atenção especial, variável, também, de acordo com a natureza de sua superioridade. Aqueles de maior inteligência e cultura são os que mais capacitados estão para receber uma informação ao modo da preconizada por Gentile. A sua formação será, naturalmente menos prática e mais geral, mais voltada para os princípios e para as ideias gerais. Ao revés, ampliar-se-ão as exigências de prática para aqueles cuja melhor formação se indique como sendo a do contacto com a terra a terra da realidade diária da classe primária. Os primeiros gozarão de largas dispensas nos trabalhos práticos, dentro dessa orientação: o seu tempo distribuído por outras tarefas. Desde já nós nos referimos ao Centro Superior de Pedagogia (PILOTTO, 1946, p. 124).

O Centro Superior de Pedagogia fez parte de um projeto que Erasmo Pilotto criou dentro da Escola de Professores em caráter extracurricular e consistia na instalação de dois centros: o Centro de Cultura Dona Júlia Wanderley¹¹, que tinha como objetivo preparar os alunos para uma cultura geral, superando as deficiências na formação dos futuros professores, e o Centro Superior de Pedagogia, que tinha como intuito atender os alunos mais desenvolvidos nos aspectos relacionados à formação pedagógica, organizando a partir do serviço de fichas um grupo privilegiado no magistério, com “dois tipos de professores: os líderes responsáveis pela organização e planejamento das ações educacionais e daqueles professores que estariam ligados ao cotidiano escolar, seguindo a orientação dos primeiros” (SILVA, 2014, p. 317).

Ademais, o Centro Superior de Pedagogia nasceu a partir do momento em que Erasmo Pilotto resolveu reunir um grupo de alunos para discutir questões escolares que não poderiam ser discutidas na classe, esse foi apenas o gatilho para que exercesse uma forte influência sobre aquele grupo de jovens. O entusiasmo foi tanto que, em pouco tempo, as reuniões que eram realizadas na própria casa dos alunos passou para a Escola de Professores, visando atingir todas as classes de alunos. Porém, com o passar do tempo, notaram que a presença de qualquer aluno acabava prejudicando o rendimento geral, então, passaram a ser mais seletivos e passaram a participar do grupo somente os melhores alunos da escola. O Centro Superior de Pedagogia era um local com atividades e frequência livre, supervisionado por um professor, que discutia temas como filosofia moderna e contemporânea e literatura mundial, entre outros temas que enriqueceriam as discussões em sala de aula, assim como leitura de peças teatrais e debates (PILOTTO, 1946).

Já no Centro de Cultura Dona Júlia Wanderley, eram oferecidos aos alunos da Escola de Professores cursos de cultura geral como, interpretação de músicas e literatura de diferentes períodos da história, tudo acompanhado por uma linguagem bem simples. Discutia-se “sobre folk-lore, sobre Mozart, sobre arte mobiliária, etc. [...] atividades teatrais, reconhecido o valor do teatro escolar, sobretudo para a juventude” (PILOTTO, 1946, p. 123). Além do mais, os alunos eram encaminhados

¹¹ Júlia Wanderley (1874-1918) foi reconhecida como a primeira mulher a frequentar a Escola Normal de Curitiba/PR, foi professora primária na capital, ocupou o cargo de direção de diferentes escolas e foi membro do Conselho Superior do Ensino Primário do Paraná. Uma figura feminina, intelectual, que

para todos os eventos da cidade que acrescentassem algo a sua formação geral.

Dentro do Centro de Cultura Dona Júlia Wanderley, havia um jornal interno chamado A Voz da Escola, liderado por um grupo de estudantes que integravam o centro estudantil e eram responsáveis por toda a constituição e distribuição do jornal, disseminando pela Escola de Professores resumos de diferentes obras que discutiam temas sobre cultura geral, mas principalmente sobre a Escola Nova (MIGUEL, 1992).

Erasmio Pilotto considerava que a formação completa dos futuros professores, mesmo que de um modo diferencial, estava concentrada dentro desses centros, com atividades fora do Curso Normal que dependeriam do próprio sujeito, com a valorização da “autonomia, da individualidade, da liberdade e do sentido criador” (SILVA, 2014, p.94).

Mais do que isso,

[...] as atividades curriculares do curso, a proposta de uma Escola Paranaense de Pedagogia (para a qual deveriam evoluir as atividades dos alunos considerados mais inteligentes e capazes), as relações com outros centros de cultura pedagógica, nacionais e estrangeiros, o centro de ex-alunos, e as demais atividades planejadas, formariam um todo orgânico, de modo que a educação fosse percebida enquanto uma possibilidade e uma vivência real e interligada (MIGUEL, 2008, p. 16).

Miguel (1992) enfatiza que:

Tanto para o desenvolvimento da cultura geral como o da formação especializada, foram projetados planos que procuravam garantir a organicidade do conjunto do trabalho educacional desenvolvido na Escola de Professores. As aulas, atividades extra-classe, práticas pedagógicas, foram planejadas de modo que se complementassem e enriquecessem umas às outras (MIGUEL, 1992, p. 118).

De fato, havia dentro da Escola de Professores uma preocupação com a formação do professor não apenas cultural, mas moralmente, com a formação de sua personalidade, pois os jovens alunos acabavam sendo influenciados pelo exemplo do professor. Por isso, havia um trabalho intenso e individualizado de orientação educacional, um acompanhamento rígido, no qual,

é necessário que seja severo; é necessário que o aluno tenha sensação de que tem de trabalhar e de empenhar-se seriamente no

trabalho [...], tem sensação primeira de inadaptação e de dificuldade, [...] na mesma medida que mais se afundam no trabalho, mais e mais vão se apegando a êle, vão a êle se dedicando com mais afinco (PILOTTO, 1946, p. 131)

Conseqüentemente, esses alunos se entusiasmavam com a carreira docente e se capacitavam cada vez mais para enfrentar os problemas que encontrariam nas escolas primárias, fossem elas Grupos Escolares, Escolas Isoladas ou nas Escolas Rurais localizadas nas mais longínquas localidades do vasto território paranaense. Portanto, a Escola de Professores de Curitiba foi uma instituição que “nas décadas de 1930 e 1940 detinha grande prestígio frente à sociedade paranaense, equiparando-se a outras instituições educacionais, como a Universidade do Paraná e o Ginásio Paranaense” (SILVA, 2009, p. 116).

Além de tudo o que foi citado, para Erasmo Pilotto, o curso ainda tinha como finalidade

[...] ser um centro de cultura pedagógica, compreendendo-se aqui, mais particularmente, a investigação filosófica e a investigação experimental relativa aos problemas ligados ao fenômeno da educação; ser um centro de vulgarização pedagógica, de âmbito de ação que se estenda ao magistério do Estado e vá abranger, também, ainda que mais restritamente, os responsáveis, na família, pela educação (PILOTTO, 1946, p. 117).

Por conseguinte, em 1946, a Escola de Professores se transformou em Instituto de Educação, atendendo a Lei Orgânica do Ensino Normal, em que os cursos de formação do Magistério foram unificados em todo o país (MIGUEL, 1992).

3.2 ESCOLA DE PROFESSORES DE CURITIBA: ESPAÇO DE CONSOLIDAÇÃO DA ESCOLA NOVA NO PARANÁ

Sem dúvidas, a Escola de Professores de Curitiba teve importância ímpar na formação dos professores normalistas no Paraná e, ao analisarmos a escola como um espaço institucional socioeducativo, notamos também a presença do intelectual Erasmo Pilotto em todas as instâncias. É possível dizer que Erasmo Pilotto, como tantos outros intelectuais integrantes do Movimento pela Escola Nova, foi um líder de movimentos em prol da educação e que ele utilizou a Escola de Professores de Curitiba como o local ideal para remodelar o ensino público paranaense. Com esteio nestas ideias, vamos analisar o que foi esse movimento que visava formar o professor como um “agente de transformação social” (MIGUEL, 1992, p. 126).

A Pedagogia da Escola Nova no Paraná¹² surgiu nas primeiras décadas do século XX, um período em que a capital Curitiba estava imersa em uma disputa política entre igreja e republicanos e, conforme ocorria a urbanização surgia também a necessidade por parte da população, que em sua maioria era rural, de inserção social. “A medida que a sociedade se complexava e mudavam as relações de produção, mudava também a relação escola-trabalho que, no fundo, é uma relação escola-sociedade” (MIGUEL, 1992, p. 167).

Logo, a escola foi vista como o veículo condutor para participação popular neste novo modelo de sociedade, “esse saber escolar tomava sentido de mediação para o mercado de trabalho e para o acesso a melhores formas de vida social, no contexto urbano” (MIGUEL, 1992, p. 186). Por consequência, ocorreu um aumento significativo na procura por instrução, na instalação de novas escolas, na formação de professores para atender essas escolas e, principalmente, por uma reforma educacional que organizasse o ensino e apresentasse métodos pedagógicos mais modernos, rompendo com o modelo tradicional e atingindo todas as classes sociais (MIGUEL, 1992).

Como já citado, foi por volta de 1930 que:

Nessa atmosfera – marcada pela força dos católicos na administração pública e pela presença de grupos republicanos e anticlericais radicalizados pelas concessões do Estado Republicano à Igreja Católica – foram criados em Curitiba, com a ativa participação de Pilotto, o Centro de Cultura Filosófica, o Centro de Cultura Pedagógica, a Universidade Popular, bem como o boletim intitulado O Ideário da Escola Nova. Entre os anos de 1927 e 1930 estes círculos de cultura visaram a divulgação dos ideais da Escola Nova, bem como formar intelectuais comprometidos com a renovação das práticas e das teorias pedagógicas (VIEIRA, 2001, p. 61).

O movimento pela Escola Nova no Paraná se consolidou dentro da Escola de Professores de Curitiba, por iniciativa de Erasmo Pilotto, que liderava um grupo de estudantes a promover debates sobre o movimento. Porém, ele já havia tido contato com o movimento a partir de várias linhas filosóficas de nível nacional e internacional, mas principalmente com implantação dos vários centros de discussões e boletins sobre o tema. Mesmo que o movimento ainda fosse pequeno e que este se contrapusesse a um grupo forte, composto por conservadores católicos, ele foi

¹² Para compreender melhor o movimento pela Escola Nova no Paraná, recomendamos a leitura da tese de doutorado de Miguel (1992).

aos poucos ganhando força e “respaldo pelo quadro nacional e internacional favorável à renovação dos métodos e dos objetivos da escolarização” (VIEIRA, 2001, p. 62). Então, esse novo modelo de ensino conseguiu contestar a forma tradicional e ao mesmo tempo “afirmar a sua concepção educativa baseada na liberdade, na autodeterminação e no poder da intuição e da vontade” (VIEIRA, 2001, p. 68).

Entre tantas reformas do Curso Normal, Miguel menciona que a partir do Decreto nº 6597, que regulamentou os Cursos de Formação de Professores, em 1938, Erasmo Pilotto “redimensionou as normas contidas no Regulamento, dando-lhes estofamento teórico e aplicação técnica, construindo um plano de formação do Magistério Primário” (1992, p. 112). Este período foi marcado pela industrialização e pela urbanização de alguns centros e, como já citado, foi uma fase em que o professor Erasmo Pilotto desenvolveu um programa educacional dentro da Escola de Professores de Curitiba, pondo em prática “os principais fundamentos da Pedagogia da Escola Nova, isto é, o aluno como centro do processo de ensino-aprendizagem, a metodologia ativa e a valorização da pesquisa para orientar a prática educacional” (MIGUEL, 2005, p. 6).

Fundamentado no ideário escolanovista, Erasmo Pilotto criou junto com Adriano Robini, que também era da Escola de Professores de Curitiba, uma escola particular chamada Instituto Pestalozzi, na qual poderia “realizar com mais liberdade as experiências educacionais ditadas pela Pedagogia da Escola Nova, sem a atenta fiscalização do governo” (MIGUEL, 1992, p. 139). Ademais, funcionou como “um laboratório das inovações a serem implantadas no curso do Magistério” (MIGUEL, 1992, p. 136).

Iwaya (2000, p. 104) acrescenta que, no Instituto Pestalozzi, “as alunas do Curso Normal eram convidadas a participar e experimentar, na prática, novos métodos pedagógicos [...]” e as que aceitavam “[...] retornavam à escola ainda mais convictas da necessidade de mudanças educacionais”.

O Instituto Pestalozzi foi instalado em uma casa antiga no centro de Curitiba, com cômodos amplos e um quintal enorme; nela, foram instituídas todas as metodologias que viessem a respeitar a infância e o seu desenvolvimento natural. Entretanto, também mantinha o princípio da Psicologia Diferencial, com a utilização de fichas, que classificavam os alunos. O Instituto possuía um esquema educacional universal, inspirava-se em Pestalozzi, Montessori e Decroly, e suas principais

funções eram “organizar um sistema educacional; constituir-se um centro de cultura e investigação pedagógicas; e vulgarizar conhecimentos científicos sobre educação” (PILOTTO, 1946, p. 43).

Portanto, Erasmo Pilotto procurou desenvolver o espírito renovador tanto no aluno do ensino primário, respeitando seu desenvolvimento natural e sua criatividade, quanto nos professores que atenderiam essas crianças, desenvolvendo “em cada futuro professor, o experimentador pedagógico” (MIGUEL, 1992, p. 135).

Além disso, sua intenção era formar líderes que atuariam por todo o estado, atendendo à demanda criada pelo aumento da população. É essencial destacar que as escolas rurais foram consideradas como um importante campo de atuação desses professores, pois ao se formarem, eles eram obrigados a cumprir um estágio probatório de dois anos e, conseqüentemente, acabavam atendendo as escolas rurais. Logo, o professor primário, “preparado profissionalmente na Escola de Professores, tinha para o Estado a função de modificar o meio ambiente, através da transmissão dos conhecimentos para os alunos e da ação educacional sobre o lugar no qual estivesse situada a escola” (MIGUEL, 1992, p. 143).

Outro ponto importante para a consolidação e expansão do movimento escolanovista no Paraná foi a criação da Associação de Amigos da Escola. Para Erasmo Pilotto, esta experiência pretendia unir a comunidade à escola, ressaltando o papel do professor como líder social. Para que isso ocorresse, foram instituídas “festas escolares, bailes, piquiniques, teatro, reuniões esportivas” (MIGUEL, 1992, p. 169).

Assim, quando possível, haveria uma sede com características agradáveis e iniciativas que atraíssem cada vez mais um número maior de participantes e seria utilizada tanto para discutir problemas relacionados à comunidade, quanto para entretenimento. Nesta perspectiva, a Associação auxiliaria a comunidade, atenderia as necessidades da escola e apoiaria o trabalho do professor (MIGUEL, 1992).

Faria (2017, p. 66) acrescenta que a Associação Amigos da Escola eximia o Estado de arcar com todas as despesas da escola primária rural, visto que a associação “reunia vizinhos interessados de cada escola e tinha como metas, em especial, arrecadar fundos, prover o espaço escolar de mobiliário mínimo e pedagógico”. A criação de tais cooperativas não passou de uma estratégia que, para “aproximar-se do esboçado pelo ideário pedagógico em ascensão, amparavam-se nas instituições e associações escolares” (p. 67).

Ademais, os princípios e fundamentos do movimento pela Escola Nova, que já estavam sendo divulgados nas primeiras décadas do século XX, em um período de “preocupação e entusiasmo pela problemática educacional em âmbito internacional e nacional” (TANURI, 2000, p. 70), foram fundamentais para que fosse feita uma revisão nos padrões das escolas já existentes e uma remodelação do ensino. “Escola Nova, ensino ativo, método analítico, testes e medidas são palavras-chave da época” (p. 72).

Deste modo, reformar a Instrução Pública foi considerada uma estratégia política, e uma possibilidade de abrir espaço para:

[...] envolver professores, inspetores e diretores de escola em iniciativas de impacto como Inquéritos, Conferências, Cursos de Férias, Congressos; ganhar visibilidade junto à opinião pública por meio de círculo de pais e mestres eram procedimentos que faziam ecoar, para além do universo burocrático das providências legais, o apelo modernizador das reformas (CARVALHO, 2007, p. 233).

Em virtude de tantas reformas em prol da educação, educadores que mantinham contato com as instituições de ensino estrangeiras passaram a implementar as proposições da pedagogia da Escola Nova. Foi na Reforma Fernando de Azevedo (1894-1974), logo após a Revolução de 1930, que o escolanovismo se materializou no país e encerrou “[...] um ciclo da história das reformas da Instrução Pública no Brasil” (CARVALHO, 2007, p. 247).

Sob esta ótica, a moderna pedagogia procurava desenvolver a educação integral do aluno, valorizando tanto os aspectos físicos e culturais, quanto a formação política e social do educando, uma educação que “iria superar a fragmentação da educação causada pela modernização da sociedade e as exigências de uma educação voltada apenas para o desenvolvimento e para o trabalho” (SILVA, 2014, p. 248).

Ela tinha como meta principal educar a população de acordo com um ideal de sociedade, em um movimento de modernização do país. Assim, a formação dos futuros professores dentro da Escola de Professores estava fundamentada nos “avanços da Biologia, Psicologia e Sociologia” e visava, a partir da cultura geral, trabalhar “hábitos, atitudes e valores do modo urbano de vida social, que seriam transmitidos aos alunos” (MIGUEL, 1992, p. 141-142).

Em suma, Miguel (1992) faz uma análise sobre todo o envolvimento de Erasmo Pilotto com a consolidação e expansão das ideias escolanovistas no Paraná

e destaca alguns pontos importantes, como

[...] a atuação junto à Escola de Professores de Curitiba; elaboração dos Programas Experimentais para o Curso Primário e os Programas para os Cursos Normais Regionais, a elaboração do Anteprojeto de Lei Orgânica; a defesa do direito à escola pública e gratuita, extensiva à população, com um ensino de qualidade, a busca do envolvimento da comunidade através do trabalho do professor, a fim de atraí-la para a escola e desenvolver, com a mesma, atividades de interação que beneficiassem e trouxessem melhorias tanto à escola como à comunidade; o permanente estudo e trabalho experimental, procurando fugir da 'tirania da rotina' de sala de aula, desenvolvendo estudos e experiências, principalmente no Instituto Pestalozzi; a procura da adequação do ensino à criança, pensando-a como parte integrante do ambiente social; a Fundação da Associação Paranaense de Professores Primários e a criação e manutenção da Associação de Estudos Pedagógicos (MIGUEL, 1992, p. 151).

Miguel (1992) aponta que, posteriormente, esse movimento recebeu duras críticas de educadores estudiosos sobre a função da educação básica brasileira, pois para eles, a Pedagogia da Escola Nova deixava de lado o saber e intensificava estudos sobre os métodos e a formação técnica do professor primário, o que pode ter dado origem à Pedagogia Tecnicista. Porém, apesar das críticas, esse período foi marcado pela expansão da escola primária e conseqüentemente por maiores investimentos nos cursos de formação de professores.

Segundo Miguel (1992, p. 10), a partir da "promulgação da Lei nº 4024, de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, as idéias escolanovistas expandiam-se por todo o Estado e completava-se o ciclo compreendendo o seu início, consolidação e expansão por todo o Paraná". Isso se deu principalmente a partir da instalação dos Cursos Normais Regionais e com a presença nesses cursos dos alunos que foram formados na Escola de Professores de Curitiba para serem líderes e divulgarem por todo o território paranaense esse novo método de ensino. Tal perfil de professor era visto pelo governo como a chave para formar uma sociedade mais desenvolvida, dentro de uma ordem já estabelecida. Diante da industrialização e do aumento do cultivo do café, foram surgindo no Paraná novos povoados e conseqüentemente a necessidade de um homem que não só plantasse, mas que também negociasse sua produção, aumentando assim a demanda por escolas e por profissionais capacitados para atender essas escolas.

Assim, a proposta da Escola de Professores de Curitiba

[...] trouxe novas idéias para o contexto educacional paranaense; neste sentido funcionou como um celeiro, principalmente porque tais

idéias espalharam-se pelo seu território. Mas, funcionou também como laboratório do ideário da Pedagogia da Escola Nova, uma vez que os princípios, a metodologia e as técnicas foram ali implantadas (MIGUEL, 2008, p. 18)

Em virtude da aprovação da Lei Orgânica do Ensino Normal, em 2 de janeiro de 1946, a Escola de Professores de Curitiba passou a ser denominada Instituto de Educação, adotando o que propunha a nova Lei. De acordo com o Art. 4 da referida lei, havia três tipos de estabelecimentos de ensino normal: o Curso Normal Regional, a Escola Normal e o Instituto de Educação. O Curso Normal Regional tinha a duração de quatro anos e ministrava o primeiro ciclo do ensino normal, que estava articulado com o ensino primário. O Curso Normal tinha a duração de três anos e foi responsável por oferecer o segundo ciclo, que estava articulado com o curso ginásial e assegurava aos alunos o direito de ingressar em curso superior. Já o Instituto de Educação oferecia alguns cursos próprios da Escola Normal, especialização do magistério e habilitava administradores para atender à escola primária como diretores, orientadores de ensino, inspetores, dentre outros cargos (BRASIL, 1946).

Faria (2017, p. 56) ressalta a ideia de que em “um Brasil que se denominava com ‘vocação eminentemente agrícola’, o debate efervescia acerca da Educa o Rural e várias foram as sugestões e/ou experiências de cursos de forma o de docente rural [...]”. A referida autora discorre sobre o desafio de formar professores primários no interior do Paraná, por meio da interioriza o no Curso Normal Regional, uma contrariedade entre o prescrito e o praticado, “[...] uma escola para os cidadinos e outra para o homem do campo, ambas as escolas de cunho prático e direcionadas ao trabalho, promotoras de riqueza, transmissoras de hábitos – de higiene, de amor ao labor, moralizadoras” (p. 56).

Além do mais, a instala o de escolas primárias e principalmente dos Cursos Normais Regionais no Paraná foi considerada fundamental para atrair mais compradores de terras, nacionalizar os imigrantes recém-chegados e estabilizá-los em sua nova pátria, algo atrelado   Escola Nova, que se preocupava com a “[...] forma o de um tipo de na o e de um novo homem brasileiro” (FARIA, 2017, p. 78).

A educa o do período era cheia de percalços, com uma realidade econ mica e social bem diferente das escolas primárias da capital. Por esse ponto de vista, os debates foram intensos em rela o   “[...] escola única versus escola

diferenciada para o homem do campo e o dilema entre formação docente geral ou específica para a zona rural” (FARIA, 2017, p. 78), uma questão presente no Movimento pela Escola Nova e que teve como defensor Erasmo Pilotto. Portanto:

Escola Normal Regional, formação do professorado leigo, uma escola primária pensada por região, campanhas específicas que abrangessem a população rural e a criação de centros com objetivos pontuais acerca do tema delineavam as diversas frentes de atuação governamental para solucionar por intermédio da educação do campineiro, os problemas do meio onde o rurícola vivia (FARIA, 2017, p. 81).

Em meio a toda a discussão acerca do centro e do interior, da escola e do sujeito, Faria (2017, p. 246) enfatiza os sujeitos como “sujeitos históricos que consomem lugares e estratégias, contudo transcende, produz espaços e táticas, não são meros autômatos”. Neste contexto, podemos inserir o professor Durval Pinto que, como tantos outros professores formados na capital, passou por diversas escolas paranaenses, principalmente em escolas localizadas nas áreas rurais do estado. Um professor que, de certa forma precisou se interiorizar, considerando que havia a necessidade naquele momento de professores capacitados para atender essas escolas e que havia certos privilégios dentro da Escola de Professores, onde alguns alunos assumiam um cargo efetivo na própria capital, enquanto outros atenderiam a demanda do estado, um dualismo no ensino e na formação dos professores.

3.3 ESCOLA DE PROFESSORES DE CURITIBA: OS SUJEITOS

Considerando a Escola de Professores de Curitiba como palco de discussão sobre uma nova proposta de educação que já vinha sendo debatida por intelectuais em âmbito nacional e internacional, nos detivemos em dois sujeitos que foram parte fundamental no processo de expansão e consolidação do Movimento pela Escola Nova no Paraná: o intelectual Erasmo Pilotto como um líder do movimento escolanovista no estado e o professor – representado neste trabalho por Durval Pinto – como o sujeito que tinha a função de organizar e disseminar pelas escolas paranaenses esse novo modelo de educação.

3.3.1 Erasmo Pilotto como líder na Escola de Professores de Curitiba

No que concerne às ideias propostas, podemos dizer que o intenso envolvimento de Erasmo Pilotto com a educação, com os métodos de ensino e com os diferentes pensamentos filosóficos o levou a ocupar um lugar de destaque não só dentro da Escola de Professores, mas também em todo o cenário educacional paranaense, pois defendia a “escola pública, gratuita e extensiva à toda a população, com um ensino de qualidade” (MIGUEL, 1995, p. 83).

Deste modo, pautado em autores como Miguel (1992; 1995), Vieira (2001), Silva (2009; 2014), Iwaya (2000) e Monteiro (2015), vamos tentar compreender de forma sucinta um pouco da sua trajetória para então relacioná-la ao seu interesse na formação dos professores e na introdução e implantação do método de ensino escolanovista. Para tal, enfatizamos na sua trajetória os 13 anos em que esteve inserido no quadro educacional da referida escola, tanto como professor, quanto ocupando o cargo de Assistente Técnico.

Erasmo Pilotto nasceu no município de Antônio de Rebouças-PR e foi para Curitiba com sua família por volta de 1912. Sua escolarização teve início em 1917, um “período de grande efervescência das questões educacionais, em que grupos católicos (clérigos e leigos) e anticlericais, apesar de não partilharem dos mesmos ideais, apontavam a causa educacional como uma questão fundamental” (SILVA, 2014, p. 49).

A família de Erasmo Pilotto tinha um certo capital cultural e econômico, tanto que boa parte da sua família materna, incluindo sua mãe, havia se formado na Escola Normal Paranaense, fato que pode ter exercido alguma influência na escolha desse educador pelo magistério. Porém, Iwaya (2000, p. 82) argumenta que “em nenhum momento é possível vê-lo falar de sua profissão como destino, como tradição de família, como extensão da maternidade, mas sim como uma opção política, consciente, resultado de sua intimidade com os estudos e de sua personalidade arrojada”.

Logo, todo o seu envolvimento com as ideias aplicadas dentro da Escola Normal, principalmente após a sua matrícula na Escola Normal de Curitiba em 1927, fez com que Erasmo Pilotto questionasse aquelas doutrinas pedagógicas, um ensino que estava “longe de estimular a criatividade e a reflexão, primava pela repetição mecânica de preceitos pedagógicos abstratos” (VIEIRA, 2001, p. 60), motivo pelo

qual, passou a formular de modo independente novos conceitos.

Nesta perspectiva, Erasmo Pilotto criou no mesmo ano o Centro de Cultura Filosófica e o Centro de Cultura Pedagógica, “ambos responsáveis pelos estudos de filosofia e educação e pelo contato do intelectual com autores como Tolstoi, Gentile, Montessori, entre outros que auxiliaram o jovem Pilotto, então com 17 anos, a construir suas concepções estéticas e educacionais” (SILVA, 2014, p. 60). A passagem pelos dois Centros foi fundamental, pois reunia jovens que estavam interessados tanto em aprofundar seus estudos, quanto em divulgar os ideais da Escola Nova, assim como o inseriu na elite intelectual curitibana (SILVA, 2014).

De acordo com Silva (2009), com 18 anos, Erasmo Pilotto iniciou sua carreira docente, foi professor substituto em uma escola noturna em Curitiba e, posteriormente, trabalhou na Escola Normal de Paranaguá e Ponta Grossa¹³ como cargo de indicação, atuou tanto como professor de português, psicologia e pedagogia, quanto ocupou também a direção dessas escolas. Tal fato se deve ao reconhecimento que já havia adquirido e possivelmente por seu primo Osvaldo Pilotto já ocupar o cargo de professor na Escola Normal de Curitiba. “A aproximação da família de Pilotto com o governo paranaense [...] é também constatada pelas posições institucionais alcançadas tanto por Osvaldo e Valfrido Pilotto, que assumiram também cargos de destaque na esfera pública” (SILVA, 2009, p. 118).

Este período foi de suma importância, pois Erasmo Pilotto, além de adquirir conhecimento, estabeleceu contato com algumas autoridades, que se tornaram fundamentais para que o professor ocupasse posteriormente cargos de prestígio no cenário educacional (SILVA, 2009, p. 121).

Por volta de 1929, ele criou a Universidade Popular e “lança oficialmente a campanha pela implantação da Escola Nova, por meio de conferências. Edita também um boletim intitulado ‘Ideário da Escola Nova’, tendo como resultado, uma publicação com vários exemplares” (MONTEIRO, 2015, p. 33).

Em 1932, foi “nomeado pelo governo do Estado representante do Paraná na V Conferência Nacional e Educação” (SILVA, 2009, p. 117), um passo importante para Erasmo Pilotto se aproximar dos signatários do Manifesto dos Pioneiros de 1932. No mesmo ano, foi efetivado por concurso nas cadeiras de pedagogia e

¹³ No relatório sobre a instrução pública feito pelo Inspetor Geral do Ensino Cesar Prieto Martinez, em 1920, foi proposta a instalação de mais duas Escolas Normais que formariam professores o suficiente para atender à necessidade educacional da população paranaense, uma em Ponta Grossa, que

psicologia. Em 1933, assumiu o cargo de professor na Escola de Professores de Curitiba e de 1938 até 1947, por indicação política, passou a ocupar o cargo de Assistente Técnico, posição privilegiada graças às relações sociais conquistadas anteriormente.

Silva (2009, p. 123) argumenta que esse período foi considerado por Erasmo Pilotto como a terceira fase da Escola Normal, visto que a “primeira se refere à antiga Escola Normal (1876-1922), ou Escola Normal anexa ao Ginásio Paranaense, de orientação pestalozziana, e a segunda fase, corresponde ao período de 1923 até 1933”, uma fase orientada pelas ideias de Herbart. Entretanto, Erasmo Pilotto retoma nessa terceira fase muitos dos princípios empregados na primeira fase da Escola Normal, sobretudo “o diálogo com Pestalozzi, no sentido do entusiasmo pela educação, e a valorização da formação cultural do professor [...] apontando como principal virtude da instituição a ênfase na cultura geral e formação da personalidade” (SILVA, 2009, p. 124).

Surpreendentemente, apesar de ocupar a cadeira de pedagogia, Erasmo Pilotto não possuía um título superior. Silva (2014, p. 307) supõe que isso se deva ao prestígio que já havia alcançado e por ter que se submeter a um grupo “intelectual que estaria no comando da Faculdade Filosofia, Ciências e Letras constituída em sua maioria pelo laicato católico”, ao qual se opunha.

Este é o ponto central da trajetória de Erasmo Pilotto que mais nos interessa, pois os 13 anos em que ele ocupou um cargo dentro da Escola de Professores de Curitiba foi um marco para a História da Educação no Paraná e “determinante para que conquistasse posições mais altas na esfera pública” (SILVA, 2009, p. 116).

De acordo com Art. 20 do Regulamento das Escolas de Professores nº 6597 de 1938 (PARANÁ, 1938), o Assistente Técnico, cargo ocupado por Erasmo Pilotto, tinha como função:

- 1) – Superintender o serviço de expediente;
- 2) – Apresentar sugestões ao Diretor da Escola, nas questões referentes à técnica do ensino, distribuição de cursos, fixação de horários, etc.;
- 3) – Fiscalizar o funcionamento dos cursos e a distribuição do tempo e das matérias;
- 4) – Organizar e distribuir em períodos regulares, as aulas de caráter técnico-profissional.

O Assistente Técnico deveria, ainda, “estimular e cooperar nas atividades extra-escolares (clubes de estudos, grêmios didáticos, centros de cultura pedagógica, bibliotecas, órgãos de publicidade, etc) (PARANÁ, 1938, p. 1). Entretanto, Erasmo Pilotto foi mais adiante nas suas funções, colocando em prática dentro da Escola de Professores suas ideias relacionadas ao Movimento da Escola Nova, priorizando a cultura e a arte na formação dos professores. Além de ser considerado um entusiasta pela educação, é possível observar que, mesmo ocupando o cargo de Assistente Técnico, ele tinha total liberdade para tomar decisões sobre o curso normal. Tal fato possivelmente ocorria não só devido a seu primo Osvaldo Pilotto ser o diretor da Escola, mas também por ser bem relacionado com outros professores, como já citado (SILVA, 2009).

Independente do cargo que Erasmo Pilotto ocupou, ele sempre buscou organizar a Escola de Professores de Curitiba e seu envolvimento com as práticas pedagógicas foi intenso. Durante o período em que foi Assistente Técnico, “acompanhava as aulas de Prática de Ensino dos alunos, dando-lhes muitas vezes, aulas-modelo” (MIGUEL, 1992, p. 150), papel que competia ao professor auxiliar.

Além disso, durante os anos em que trabalhou na Escola de Professores, sempre teve participação ativa em projetos que envolviam alunos e professores. A título de exemplo, temos o jornal escolar “A Voz da Escola”, que fazia parte do Centro Cultural Dona Júlia Wanderley, do qual Erasmo Pilotto foi fundador. Os alunos ali expunham discussões sobre o escolanovismo e outras questões educacionais do período. Segundo Silva (2009), Erasmo Pilotto era adepto aos princípios da liberdade, da criatividade e acreditava que:

[...] disciplinas como música, desenho, modelagem, trabalhos manuais e sociologia poderiam ser um campo apropriado para o trabalho com informações relativas à cultura geral. Por fim, ele considera que, na verdade, todas as cadeiras podem fornecer informações sobre a cultura geral (SILVA, 2009, p. 133).

Vale notar que Erasmo Pilotto se colocava favorável a uma educação mais consciente e reflexiva, porém, discorre que a educação é resultado de uma determinação histórico-sociológica, que a educação é espontânea, “[...] espontaneidade de tal ordem que faz a educação alguma coisa tão necessária, na vida humana, como a própria vida, alguma coisa que existe e se processa pelo mesmo modo quase que uma função orgânica, - a respiração por exemplo”

(PILOTTO, 1973, p. 291).

Portanto, Erasmo Pilotto se preocupava com a educação da criança paranaense, defendia a escola pública, gratuita, obrigatória e de qualidade que atendesse toda a população e, quando não fosse possível, que fossem ofertadas bolsas de estudos para que os alunos dessem continuidade de forma natural ao ensino primário no secundário, Pilotto visava uma educação que formasse o indivíduo em sua plenitude, abrindo grandes possibilidades de escolha de acordo com a aptidão de cada educando (MIGUEL, 1995).

Sem deixar de lado o pensamento de que a instrução estava atrelada à fatores econômicos, Erasmo Pilotto esteve sempre em busca de um ensino primário que atendesse toda a população paranaense, da expansão de um ensino secundário também gratuito e da maneira que todo esse processo deveria acontecer. Para isso, alicerçou-se em diferentes linhas de pensamento, assumindo a possibilidade de utilizá-las em suas propostas educacionais. Entre tantos autores, “mergulhou em Gentile, Decroly, Montessori, analisou Prihoda, a proposta educacional do trabalhismo inglês e aportou no Plano de Reforma Francesa de Langevin-Wallon” (MIGUEL, 1992, p. 158), além de Tolstoi, Rousseau, Pestalozzi, entre outros (MIGUEL, 1992).

Todo o trabalho que desenvolveu no período em que esteve à frente da Escola de Professores de Curitiba preparou os futuros professores para levar a qualquer cidade do Estado uma educação pautada na “relatividade da consciência humana, e no valor das virtudes da tolerância, no princípio da neutralidade da escola”, pois acreditava que, “[...] a criança não pertence nem aos pais, nem a particularismo algum, nem ao Estado. A criança pertence-se a si mesma” (PILOTTO, 1973, p. 499). Semelhantemente, era preciso educar o homem para que se libertasse das formas sociais e econômicas mais primitivas que o levasse:

[...] a miséria, a insuficiência alimentar, o primarismo da habitação e do vestuário, a ignorância como causa de epidemias, endemias e da mortalidade infantil, a falta de associação entre os indivíduos, as famílias e as comunidades, a ausência de formas sociais e variadas de recreio, o governo local incapaz, arbitrário e explorador, o animismo como explicação do universo (PILOTTO, 1973, p. 470).

Conforme analisa Iwaya (2000), Erasmo Pilotto foi um homem do mundo:

[...] um pensador, que optou por ser professor primário. Numa cidade marcada por uma profunda religiosidade, pagou um alto preço por seu pensamento independente, o que no entanto não o impediu de

criar seus próprios espaços, de seduzir e encantar com suas ideias, formar discípulos que, também tomados pela paixão pelo conhecimento, perceberam a amplitude da palavra educação, e, assim munidos puderam prosseguir sua obra por várias gerações (IWAYA, 2000, p. 81).

Por fim, Vieira (2001, p. 57) enfatiza que Erasmo Pilotto produziu “formas de pensar e de atuar na esfera educacional brasileira que permanecem repercutindo intensivamente, seja no plano das práticas de ensino, das teorias educativas, das políticas ou das formas de administração da educação no Brasil”. A influência que ele exerceu sobre os normalistas dentro da Escola de Professores de Curitiba pode ser notada na trajetória educacional do professor Durval Pinto que, ao ser direcionado a atender as escolas interioranas, enfrentou uma realidade bem diferente do que foi proposto durante o curso, porém, manteve o otimismo e o espírito renovador que lhe foi inculcido durante sua formação.

Sendo assim, o envolvimento de Erasmo Pilotto com a Escola de Professores de Curitiba ocorreu desde sua formação até sua atuação como docente e, mais do que isso, foi um educador que buscou em diferentes perspectivas o que melhor se adaptaria à instrução pública de cada localidade. “Conseguiu, sobretudo, pela sua ação, fruto da cultura aliada à consciência da função do professor, influenciar, principalmente, os ensinos Primários e Normal no Paraná” (MIGUEL, 1992, p. 176), pondo em prática uma nova proposta de ensino que mudou a formação dos professores primários paranaenses.

Sob tal ótica, no próximo capítulo apresentamos o professorando Durval Pinto e um pouco de sua trajetória educacional dentro da Escola de Professores de Curitiba no período de 1942 a 1944, fazendo uma aproximação entre o professor primário que Erasmo Pilotto idealizava formar e Durval Pinto como um sujeito nascido e formado na capital para ser um líder, que acabou se interiorizando e trabalhando em diversas escolas nas mais longínquas cidades do Paraná.

3.3.2 Durval Pinto: Sua Trajetória como Aluno da Escola de Professores de Curitiba (1942-1944)

Após toda a discussão realizada sobre a Escola de Professores como um espaço de ensino, do movimento pela Escola Nova como um modelo de ensino renovador e do professor Erasmo Pilotto como uma liderança dentro desse espaço e

desse movimento, discutimos a partir deste momento todos esses temas, mas na perspectiva do aluno da Escola de Professores Durval Pinto, durante os dois anos em que frequentou o curso. Para isso, utilizamos como fonte os documentos encontrados no seu arquivo pessoal.

Como já citado, ao fazer o inventário do arquivo pessoal do professor Durval Pinto, observamos que grande parte dos documentos que ele guardava tinha alguma relação com o período em que estudou na Escola de Professores de Curitiba, entre 1942 e 1944. No entanto, não sabemos o motivo pelo qual ele guardou por toda a sua vida e com tanto cuidado esse material, mas com certeza teve um grande significado. Entre tantos materiais encontrados em seu acervo, como fotografias, diários, documentos pessoais e oficiais, livros, entre outros, o que mais nos chamou a atenção foram os cadernos escolares utilizados por Durval Pinto enquanto frequentou a Escola de Professores de Curitiba, que trazem em si uma escrita carregada de memória e de vivências no espaço escolar. Portanto, esses

[...] papéis antes tratados principalmente pela sua utilidade (valor de uso) passam cada vez mais a valerem pela sua capacidade de remeter a outra coisa (valor de signo) e remetem para uma compreensão do conjunto de fazeres praticados no interior das escolas. De forma menos convencional, estes documentos tratam também das reformas educacionais, das políticas, das propostas de ensino, na perspectiva daqueles que acatam ou subvertem as imposições e enfrentam dificuldades e dilemas, para colocar em prática aquilo que foi elaborado pelo poder público (MIGNOT; CUNHA, 2006, p. 56).

Nesta perspectiva, intentamos realizar mais adiante um paralelo entre os cadernos utilizados por Durval Pinto durante o período em que foi aluno na Escola de Professores de Curitiba e as metodologias implantadas por Erasmo Pilotto dentro da Escola de Professores, que tiveram forte influência na formação dos professores primários daquele período, com um modelo de ensino pautado no escolanovismo.

Aliás, a utilização dos cadernos escolares foi fortemente defendida pelo movimento da Escola Nova, pois era um modo de padronizar os conteúdos visando até mesmo facilitar o controle do diretor sobre o que era realizado dentro da sala de aula. Além disso, os cadernos escolares também eram um “espaço de registro daquilo que é ensinado e da interação entre professores e alunos” (SANTOS; SOUZA, 2005, p. 295). Contudo, antes de abrir a discussão sobre esses cadernos, que fazem parte da cultura escolar e são prova incontestável do ensino daquela

época, vamos conhecer um pouco sobre quem foi Durval Pinto e como foi a sua trajetória até se formar na Escola de Professores de Curitiba.

De acordo com documentos encontrados no arquivo pessoal do professor Durval Pinto, como Certidão de Nascimento, Carteira profissional, Diplomas escolares (ANEXO C), e anotações registradas em seus cadernos, ele nasceu às 3h24min do dia 28 de maio de 1924, no Capão do Amora, na cidade de Curitiba, capital do Paraná. Um dos filhos de Francisca de Oliveira Pinto e Arthur Pinto, viveu toda a sua infância e juventude com seu irmão Janes – dois anos mais novo – na capital do estado. Iniciou sua trajetória como estudante no Grupo Escolar Dezenove de Dezembro e concluiu a quarta série do ensino primário com 12 anos de idade, sendo aprovado plenamente com grau 7.

Na figura 1, podemos observar Durval Pinto ao lado de seus colegas e professoras na escadaria do Grupo Escolar Dezenove de Dezembro, em 1936. Vale notar, que entre os quarenta alunos, Durval Pinto era o único negro¹⁴ da turma e, se nos atentarmos aos detalhes, ao aumentar a imagem veremos que, como outros colegas, ele está posto na fila de trás porque está descalço. Tal fato nos leva a refletir sobre a condição social da família de Durval, pois naquele período, era um privilégio frequentar um Grupo Escolar, principalmente o Grupo Escolar Dezenove de Dezembro, que tinha uma boa localização, porém, o fato de estar descalço o difere de outras crianças.

¹⁴ Nos documentos pessoais de identificação de Durval Pinto, como carteira profissional (ANEXO C), encontramos diferentes definições da cor de sua pele, entre elas pardo e moreno. Deste modo, não temos certeza qual a correta, mas diante de suas fotografias e das anotações do próprio Durval Pinto em seus diários, ele se autodeclarava negro.

Figura 1 - Alunos do Grupo Escolar Dezenove de Dezembro (1936)



Fonte: Acervo Pessoal do professor Durval Pinto – Museu UNESPAR-Apucarana/PR

Dando continuidade aos estudos, Durval Pinto foi estudar no Ginásio Parthenon Paranaense¹⁵ e recebeu o diploma do Curso Fundamental (Ginásial) em 1942, no mesmo ano em que ingressou na Escola de Professores de Curitiba, com formatura em 1944. A partir deste momento, Durval iniciou a sua trajetória profissional e se dedicou a educação até a sua morte, em 1984.

Todo o período em que Durval Pinto frequentou o ensino primário e o secundário foi marcado por transformações políticas e sociais que mudaram os rumos da educação brasileira. As ciências passaram a ocupar um papel importante nos currículos escolares, assim como, teve início os primeiros ensaios de renovação pedagógica no ensino público. Um período em que:

O governo implementou várias medidas junto ao sistema escolar primário e secundário no intuito de reforçar a bandeira do nacionalismo, modificando o currículo e as práticas escolares de modo que tais estratégias repercutissem diretamente no ensino da moral, abrindo espaço à influência católica, ao civismo, à educação física, à história, à geografia brasileira, ao canto orfeônico, presentes nas festividades que davam destaque às suas ações (OLIVEIRA, 2020, p. 145)

Oliveira (2020) menciona que essas medidas foram além dos muros

¹⁵ Durante o desenvolvimento deste trabalho não encontramos muitas informações sobre o Ginásio Parthenon Paranaense, as poucas foram de entrevistas ou publicações em jornais, que trazem relatos de que o Ginásio estava localizado na rua Comendador Araújo, centro de Curitiba. Notamos que entre o percurso do bairro em que Durval Pinto morava durante a sua infância até o Ginásio, estava localizado o Grupo Escolar Dezenove de Dezembro (GAZETA DO POVO, 2010).

escolares e algumas instituições vinculadas ou não às escolas foram fundamentais para complementar e fortalecer as novas propostas de educação. Era preciso formar um aluno mais responsável, que colocasse em prática os seus conhecimentos, que soubesse liderar ou eleger um líder, que desenvolvesse ainda em sua juventude formas de pensar que surtiriam efeito em sua vida adulta. Para isso, havia dentro das escolas organizações que estimulariam essas ações como, os grêmios, os jornais estudantis e até mesmo o escotismo¹⁶.

Por esse prisma, o governo de Getúlio Vargas (1882-1954) viu no movimento escoteiro uma oportunidade de alcançar crianças e jovens, fortalecendo o nacionalismo republicano¹⁷, principalmente no período ditatorial (1937-1945), como “um movimento de militarização da infância” (OLIVEIRA, 2020, p. 133). Tanto que, Getúlio Vargas o incluiu no currículo das escolas públicas, como consta no Art. 1º do decreto 342, de 12 de dezembro de 1936: “A theoria e pratica do escotismo constituirão materia dos programmas de ensino nas escolas primarias secundarias, profissionaes e normaes do paiz [...]” (DIÁRIO OFICIAL, 1936). Em 1946, o escotismo voltou a ser uma instituição extraescolar, mantendo a cooperação com o Ministério da Educação e Saúde e, em 1950, passou a ser uma organização da sociedade civil.

Vale ressaltar que essas práticas de militarização da infância revelam:

[...] mais uma das faces da configuração do currículo do ensino primário. Elas demonstram como as políticas de educação popular aliaram a educação moral e cívica às políticas do corpo. Civismo, patriotismo, nacionalização. Esses ideais expressam as tentativas ineludíveis, porém nem sempre bem-sucedidas, de se transformarem as escolas primárias em agências de civilização de massa (SOUZA, 2000, p. 118).

Nesta perspectiva, ao inventariar o arquivo pessoal de Durval Pinto, encontramos as revistas de escotismo “Escoteiro Do Mar” (1939) e “Ajuri” (1941)¹⁸,

¹⁶ “O movimento Escoteiro foi criado, por essência, para ser um movimento voltado para o jovem, e feito por eles, com o auxílio de adultos voluntários. Se chama movimento por estar em constante transformação, acompanhando as mudanças da geração, mas sem perder seu propósito educacional. [...] Os jovens, por sua vez, são divididos conforme sua faixa etária para que o Programa Educativo possa ser trabalhado nas seis áreas do desenvolvimento: físico, intelectual, social, afetivo, espiritual e de caráter, com base nas características de cada fase” (ESCOTEIROS DO BRASIL, [s. d.]).

¹⁷ “O escotismo valoriza a participação de pessoas de todas as origens sociais, raças e crenças, de acordo com o propósito, os princípios e o método escoteiro concebidos pelo seu fundador, o general inglês Baden Powell” (THOMÉ, 2006, p. 173).

¹⁸ A revista AJURI, parte do acervo de Durval Pinto, pertencia à Confederação Brasileira dos Escoteiros de Terra, enquanto a revista Escoteiro do Mar pertencia à Federação Brasileira dos Escoteiros do Mar, ambas pertencentes à União dos Escoteiros no Brasil, com sede no Rio de

fotografias de viagens e cadernos de registros de 1939 a 1942 da Associação de Escoteiros do Círculo Militar de Curitiba, percebendo então que Durval Pinto foi escoteiro durante esse período.

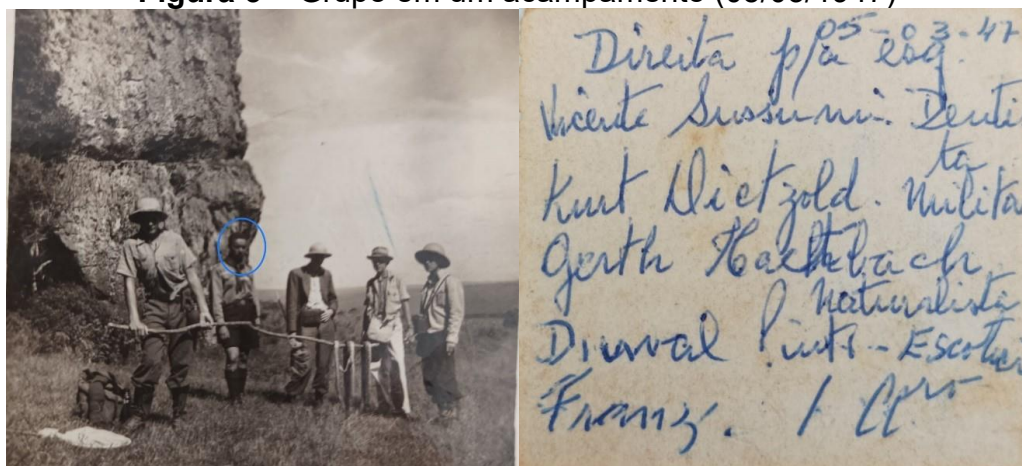
Figura 2 - Material de Escotismo pertencente a Durval Pinto



Fonte: Acervo Pessoal do professor Durval Pinto - Museu UNESPAR-Apucarana/PR

As fotografias não foram inseridas na Figura 2 por falta de data e identificação, pois entre tantas, apenas uma continha anotações no verso. Como podemos notar na imagem abaixo, Durval Pinto está com o uniforme de escoteiro, enquanto um dos homens segura um galho com 3 cobras mortas penduradas.

Figura 3 – Grupo em um acampamento (05/03/1947)



Fonte: Acervo Pessoal do professor Durval Pinto - Museu UNESPAR-Apucarana/PR

Segundo o boletim histórico nº 13 do site oficial da União dos Escoteiros do Brasil – PR, a Associação de Escoteiros do Círculo Militar foi fundada em Curitiba em 1937 pelo capitão Emmanuel de Almeida Moraes. Por conseguinte, foi inaugurada em 1938 uma escola de chefes escoteiros que tinha entre seus apoiadores Osvaldo Pilotto, diretor da Escola de Professores, tanto que, em 1940, a entrega do diploma aos que concluíram o primeiro curso de chefe escoteiro foi na Escola de Professores (UNIÃO DOS ESCOTEIROS DO BRASIL, BOLETIM HISTÓRICO n.13).

De acordo com a Revista Ajuri (1941), um chefe escoteiro deveria ter as seguintes qualidades: saber, moralidade, pontualidade, entusiasmo e método. “Com o saber, instrue. Com moralidade, educa. Com pontualidade estimula. Com entusiasmo, anima. Com método, convence” (REVISTA AJURI, 1941, p. 17).

As escritas registradas por Durval Pinto em seus cadernos afirmam que, em 1939, a Associação de Escoteiros do Círculo Militar de Curitiba era composta por 170 participantes e os encontros ocorriam na sede localizada na rua Monsenhor Celso, nº. 261. Durval Pinto fazia parte dos pioneiros, foi auxiliar de enfermagem, escriba geral, monitor, entre outras funções. Seu irmão Janes também se tornou um escoteiro, matriculando-se em julho de 1940, aos 13 anos de idade (ACERVO PESSOAL DE DURVAL PINTO).

Enquanto escoteiro, Durval Pinto fez muitos passeios e viagens, como a participação na colônia de férias de Matinhos/PR, em 1939, que foi publicada no jornal Diário da Tarde, de Curitiba. O jornal divulgou uma nota sobre a partida do

grupo no dia 19 de junho de 1939, na Estação da Luz, com 30 escoteiros e 20 familiares. Chegando em Matinhos, o grupo ficou alojado em um acantonamento no Grupo Escolar São Vicente e lá havia uma agência postal organizada pelo diretor do campo de férias, visando facilitar o contato com os familiares e até mesmo com o jornal, que divulgou relatos do dia a dia dos escoteiros e a prestigiada volta no dia 27 de junho. Na tabela abaixo, podemos observar que Durval Pinto foi identificado como um dos escoteiros que participaram do passeio (UNIÃO DOS ESCOTEIROS DO BRASIL, BOLETIM HISTÓRICO n. 14).

Tabela 1 - Lista com os nomes de alguns escoteiros que participaram do passeio à Matinhos/PR (1939)

NOME MENCIONADO	NOME DA LISTA	DATA DE NASCIMENTO	IDADE EM JUNHO 1940
ALUÍZIO MARQUES	ALUÍZIO DE AZEVEDO MARQUES	10/12/1895	44 ANOS
VALTER CRUZ	WALTER ARAÚJO CRUZ	26/08/1925	14 ANOS
ULMAR	ULMAR DIAS	03/05/1933	7 ANOS
SAUMAR	Existia uma bandeirante Saumar Dias, irmã de Ulmar	Não encontrado	
GILBERTO	GILBERTO ZANICOTTI KUROSKI	23/02/1933	7 ANOS
DURVAL	DURVAL PINTO	28/05/1924	16 ANOS
MILTON	MILTON CRUZ	Não encontrado	
DARCLÉ	ANTONIO DARCLÉ RIBEIRO	12/12/1923	16 ANOS
LEO	LEO WAHRHAFTIG OU LEO FRAXINO	11/06/1926 12/07/1927	14 ANOS 12 ANOS
ZANON	IVORI ZANON OU LUIZ CARLOS ZANON	17/03/1929 05/07/1927	11 ANOS 12 ANOS
RODINI	JOÃO RODINI OU JORGE RODINI	15/11/1925 12/08/1928	14 ANOS 11 ANOS
ANGELO ABREU	Não encontrado	Não encontrado	
PEDRO MARQUES	Não encontrado	Não encontrado	
FURIATI	AYRTON PIRES FURIATTI	30/11/1927	12 ANOS
WARHAFTIG (OS)	LEO WAHRHAFTIG E MICHAEL WAHRHAFTIG	11/06/1926 12/12/1927	14 ANOS 12 ANOS
ÉLCIO	Não encontrado		



Fonte: Boletim Histórico n. 14 (ESCOTEIROS DO BRASIL, [s. d.])

Outra viagem significativa para Durval Pinto foi uma excursão realizada em 1941, com escoteiros de vários estados. Ela foi iniciada no Rio de Janeiro, passou por Curitiba e seguiu em direção ao Rio Grande do Sul. Durval Pinto registrou detalhadamente essa viagem em 23 páginas de um caderno e tal viagem é citada no Boletim Histórico n. 15 da União dos Escoteiros do Brasil – PR e na Revista Ajuri de janeiro de 1941, a qual foi financiada pelo presidente Getúlio Vargas e orientada, bem como organizada pela Confederação Brasileira dos Escoteiros de Terra (AJURI,

1941, p. 3).

Em seus registros, Durval Pinto relata que faziam parte das atividades escoteiras as práticas de Educação Física, teatro (com peças históricas), cânticos, jogos de xadrez e ping-pong. Havia também o grêmio literário, o canto do Hino Nacional, o hasteamento da bandeira, entre tantas outras atividades que estavam relacionadas às disciplinas escolares e tinham como intuito envolver e moldar o jovem em uma ação coletiva, relacionada à disciplina, à moral, ao civismo, à boa ação, ao cuidado com o corpo, com a saúde física e mental e, mais do que isso, às famílias.

Pelo mesmo viés, não podemos deixar de mencionar os cadernos escolares que, a partir da década de 1940, passaram a reproduzir, por meio de suas capas e contracapas, símbolos de cunho nacionalista, como os cadernos Avante e Escoteiro, que utilizavam, além da imagem do escoteiro, o Hino Nacional, a bandeira e o mapa do Brasil. Como exemplo, encontramos o caderno de Biologia utilizado por Durval Pinto em 1942.

Figura 4 - Caderno escolar com capa escoteira (1942)



Fonte: Acervo Pessoal do professor Durval Pinto - Museu UNESPAR-Apucarana/PR

Vale ressaltar que a participação de Durval Pinto no Grupo Escoteiro e seu ingresso na Escola de Professores de Curitiba foram fundamentais para envolvê-lo no Movimento pela Escola Nova. Tal fato pôde ser observado em anotações

deixadas em seu diário pessoal e no entusiasmo que carregava consigo, típico de um jovem de 19 anos que, naquele momento, estava imerso em um desejo de transformar o mundo por meio da educação. Além do mais, como já citado, esse entusiasmo vinha também de Erasmo Pilotto, que defendia um método de ensino renovador e cobrava dos futuros professores esse tipo de conduta.

Em dezembro de 1943 Durval Pinto foi aprovado nos exames finais na Escola de Professores de Curitiba, encerrando o primeiro ano do curso. Como podemos observar na Figura 5, em seu certificado de exames, emitido pela secretaria da Escola de Professores da Capital e assinado pelo diretor Osvaldo Pilotto, constam as disciplinas cursadas e as notas – que estão entre parênteses – obtidas por Durval Pinto, vindo reafirmar as mudanças que ocorreram no currículo da Escola Normal a partir do Decreto nº 6597 de 1938, que regulamentava os cursos normais. No primeiro semestre, ele cursou Psicologia Geral e Infantil (69), Pedagogia Geral (83), História da Educação (60), Metodologia e Prática de Ensino (65), totalizando a média semestral (69). No segundo semestre, cursou Metodologia e Prática de Ensino (62), Prática (78), Biologia aplicada à Educação (60), Agronomia (85), Higiene Escolar (75) e Educação Física (60), com uma média semestral (70).

podemos notar que a disciplina Metodologia e Práticas de Ensino era ofertada em todos os semestres, e deveria ser diária, assim como deveria ocorrer trinta minutos de educação física para todas as seções (PARANÁ, 1938).

Durval Pinto, enquanto aluno na Escola de Professores de Curitiba, foi um aluno ativo e participativo. Fez muitos amigos e manteve estas amizades por anos, como podemos observar em seus diários, fotografias e cartas. Aliás, a troca de cartas era muito comum neste período; no acervo de Durval Pinto, podemos encontrá-las em grande quantidade, algumas recebidas e muitos rascunhos das enviadas. São cartas de amor, cartas destinadas à família de Durval Pinto, com páginas carregadas de saudades do pai, da mãe e do irmão Janes, cartas trocadas com amigos da Escola de Professores, com relatos e troca de experiências. No rascunho de uma carta endereçada a sua amiga Yolanda, em resposta às dificuldades que ela relatou estar enfrentando no magistério, Durval Pinto aconselha Yolanda a usar a psicologia na educação dos alunos indisciplinados, se referindo mais especificamente a dois alunos, que passavam o pé nos outros, davam tapas e jogavam o chapéu no chão.

Durval Pinto cita que ouviu uma frase certa vez que responde ao problema de Yolanda: “Se todos os nossos alunos fossem bons era melhor fechar as escolas, pois não existiriam pessoas a educar” (AGENDA DE DURVAL PINTO, 1946, p. 125). Ele aponta que a aprendizagem só é significativa se o professor conseguir mudar a conduta interior do aluno para melhor, e que o método de aprendizagem estaria dividido: por ensaio, imitação ou reflexão e que a criança carrega a semente do bem e do mal, mas cabe ao professor fazer germinar a semente do bem, educar. Ressaltou que Yolanda não deveria utilizar de castigos, mas sim perdoar o aluno, esquecendo as atitudes más que cometeu e lembrando eternamente as boas, pois só assim ele começaria a agir de forma diferente e passaria a pensar em suas atitudes, e lembrou de alguns ensinamentos no tempo da Escola de Professores. Assim como Yolanda, Durval Pinto trocava cartas com diversos amigos relatando suas experiências no magistério.

O fato de Durval Pinto ter guardado não só cartas, mas também esses cadernos com os rascunhos delas facilitou nosso trabalho de investigação, pois eles estão em uma sequência de datas, como se fosse um diário, revelando uma trajetória de vida. Devemos considerar que, por consequência do acúmulo de cartas muitas vezes algumas são guardadas por um tempo maior e outras, “seja em razão

do seu conteúdo, seja em razão do seu destinatário [...]”, serão guardadas por toda a vida, uma seleção que determina “[...] o sentido que desejamos dar às nossas vidas” (ARTIÈRES, 1998, p. 11), além de que, em nossas escritas, registramos apenas alguns acontecimentos, enquanto omitimos outros.

De modo semelhante, Durval Pinto guardou exemplares de algumas edições do Jornal “A Voz da Escola”, do qual foi diretor no último ano em que estudou na Escola de Professores de Curitiba. Como já citado, o jornal era um órgão interno do Centro de Cultura Dona Júlia Wanderley e foi fundado por Erasmo Pilotto. O jornal escolar era produzido pelos próprios alunos da Escola de Professores e trazia em suas páginas temas como assuntos discutidos durante as aulas, fundamentos da pedagogia, os problemas pedagógicos que estavam sendo enfrentados naquele momento, História da Educação, individualismo, infância, as principais ideias de pensadores como Pestalozzi, Montessori, entre outros e, principalmente, as mudanças renovadoras que vinham ocorrendo no ensino primário e na formação dos futuros professores. A edição em que Durval foi diretor do jornal trazia em suas dez páginas a “Orientação sobre o programa oficial do curso primário”.

Vale ressaltar que em todas as edições do jornal encontradas no acervo de Durval Pinto, havia uma homenagem ao aniversário do Centro de Cultura Dona Julia Wanderley, assim como havia uma descrição dos festejos em homenagem à patrona do Centro, que inclui idas ao cemitério, apresentações musicais, entre outras.

No dia 16 de novembro de 1944, Durval Pinto recebeu seu diploma de Professor Normalista, como podemos observar na Figura 6:

Figura 6 - Diploma de Professor Normalista (1944)



Fonte: Acervo Pessoal do professor Durval Pinto - Museu UNESPAR-Apucarana/PR

Esse diploma traz no centro o Brasão Nacional¹⁹ e ramos ao redor que supostamente são de araucária, sua medida é de 46 cm por 37 cm e suas cores são todas no tom de verde. Os diplomas emitidos pela Escola de Professores deveriam ser assinados pelo Diretor, que neste caso era Osvaldo Pilotto, pelo Secretário da Escola e pelo aluno, e estavam sujeitos “ao pagamento de cinquenta mil réis do sêlo de verba, importancia que será depositada pelo interessado na Secretaria da Escola, até oito dias antes da data prefixada para a entrega dos diplomas” (PARANÁ, 1938, p. 2). Após o pagamento, o título seria legalizado na coletoria estadual e poderia ser entregue ao diplomado.

Ao observar os detalhes do diploma, nos deparamos na parte inferior direita e esquerda com a imagem da professora normalista. Essa imagem vem ressaltar o

¹⁹ O brasão é um escudo apoiado sobre uma estrela de cinco pontas, disposta na forma da constelação Cruzeiro do Sul, com uma espada em riste. Ao redor, está uma coroa formada por um ramo de café frutificado e outro de fumo florido sobre um resplendor de ouro. O símbolo traz ainda a data da Proclamação da República Federativa do Brasil, 15 de novembro de 1889. Esses símbolos representam a glória, a honra e a nobreza do país e foram criadas na mesma data que a bandeira

papel que a mulher ocupava dentro da Escola de Professores, pois a inserção da mulher em um cenário que era praticamente dominado pelos homens passou no final do período imperial a ter um respaldo político, já que havia uma associação entre o papel de mãe/educadora com suas funções domésticas e do magistério. Ainda, as mulheres “apresentavam-se como solução para o problema de mão-de-obra para a escola primária” (TANURI, 2000, p. 66).

De acordo com Iwaya (2000, p. 68):

Na Curitiba de 1940 a 1950 eram poucas as opções de estudo para as moças após a conclusão do ensino primário. Também não era generalizado o interesse das famílias de que suas filhas prosseguissem os estudos. O desejo comum, que perpassava todas as classes sociais era o casamento, que acontecia geralmente após os dezessete anos. Portanto, entre o fim do curso primário e o casamento havia um tempo de espera, que poderia ser ocupado com estudos ou com trabalho remunerado, dependendo da classe social e das características do grupo social a que pertencesse a jovem.

Tal valorização e inserção da mulher no magistério pode ser percebida na fotografia e no convite dos formandos da turma de 1944 da Escola de Professores de Curitiba. Entre os 287 formandos, havia apenas 9 homens, incluindo Durval e um aluno que faleceu durante o curso.

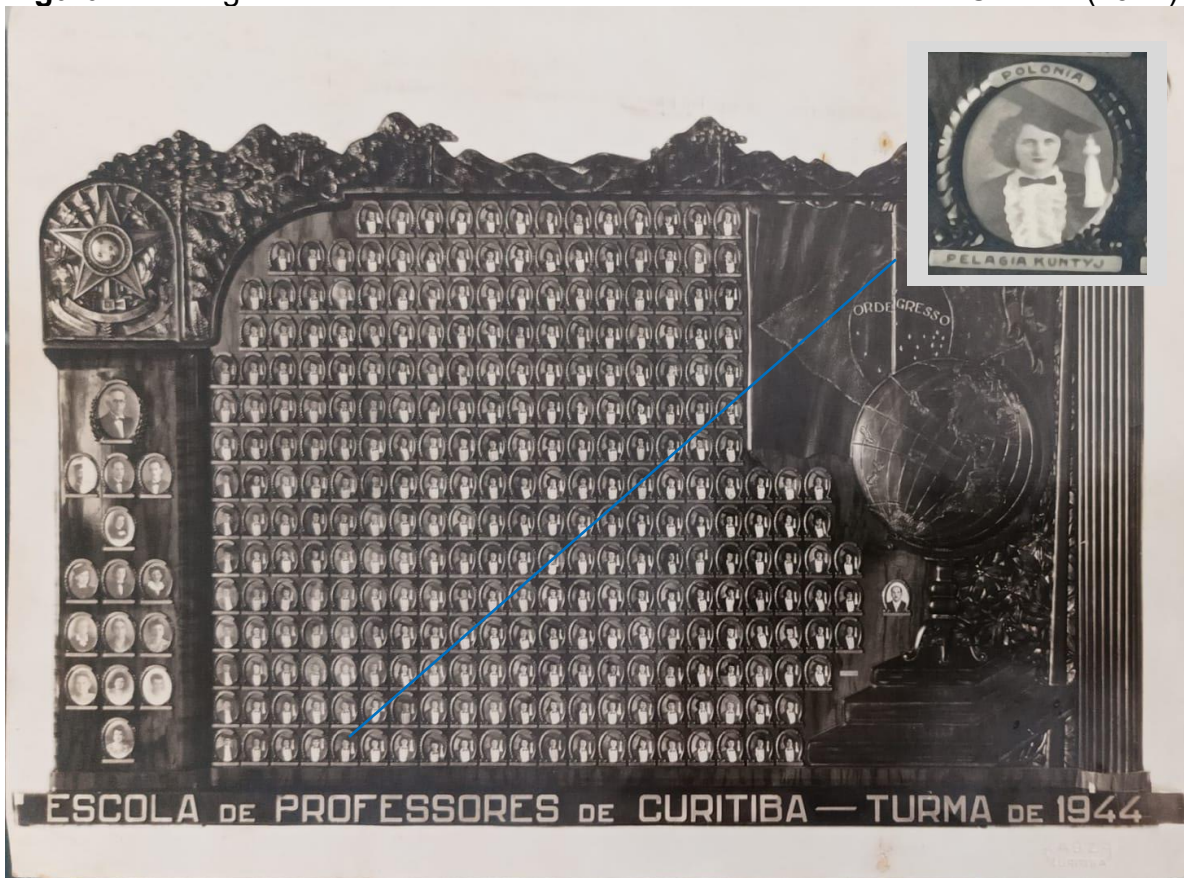
Na Figura 7, temos o quadro de fotografia dos formandos da Escola de Professores de Curitiba de 1944. Esta imagem apresenta símbolos de cunho nacionalista e alguns característicos do estado do Paraná, como as araucárias e o relevo com as divisões de altitudes. Ao lado direito, temos as fotografias dos professores, com molduras em formato oval. A fotografia maior é do diretor e paraninfo Osvaldo Pilotto, que transmite uma ideia de hierarquia; logo abaixo, temos Erasmo Pilotto e, na sequência, os professores que foram homenageados.

Na parte superior de cada fotografia, está escrito “homenagem” e abaixo o nome do homenageado, exceto de Osvaldo Pilotto, onde está escrito “paraninfo” e de Erasmo Pilotto, onde está escrito “Ass. Técnico”. Dos 14 professores, 11 eram mulheres, dentre elas: Prudência Velozzo, Helena Kolody, Marieta Silva e Eny Caldeira. No canto esquerdo, logo abaixo do globo, temos a fotografia do aluno José Luiz da Silva Junior, que faleceu durante o curso, com seu nome e a palavra “saudades” acima da fotografia.

No centro, observamos a imagem dos 286 formandos da Escola de Professores de Curitiba de 1944, entre todos os formandos, apenas 8 eram homens. Mesmo a fotografia sendo em preto e branco, tal fato pode ser confirmado pelo traje, já que as mulheres se destacam pela gravata borboleta, diferente dos 8 homens que estão posicionados em sentido vertical, na primeira fileira da direita. Nela, Durval Pinto é o quarto formando de baixo para cima.

A fotografia dos alunos também está em uma moldura oval, em ordem alfabética, com o nome e sobrenome grafados, mas, diferente dos professores, na parte superior de cada moldura está o estado de onde cada aluno provinha, com exceção da fotografia da aluna Vera Vargas (1922-2000), que é a primeira e no lugar de sua origem, está registrado "Oradora", e de algumas alunas que possivelmente são de famílias de imigrantes, então, no lugar do estado, está grafado o país de origem, como Polônia e Síria. Aumentando a imagem com recurso da câmera fotográfica, conseguimos identificar que a maioria dos formandos são do Paraná, exceto 12 alunas que são de Santa Catarina, 3 de São Paulo e entre outras que são do Rio Grande do Sul, Distrito Federal, Goiás, Sergipe e Ceará. Entre os homens, apenas um é de São Paulo, os outros são todos do Paraná. Sem dúvidas, estes detalhes só puderam ser observados devido à qualidade da fotografia e do estado de conservação. Para ter uma melhor percepção do que foi citado, ampliamos a fotografia da aluna polonesa Pelagia Kurtyj.

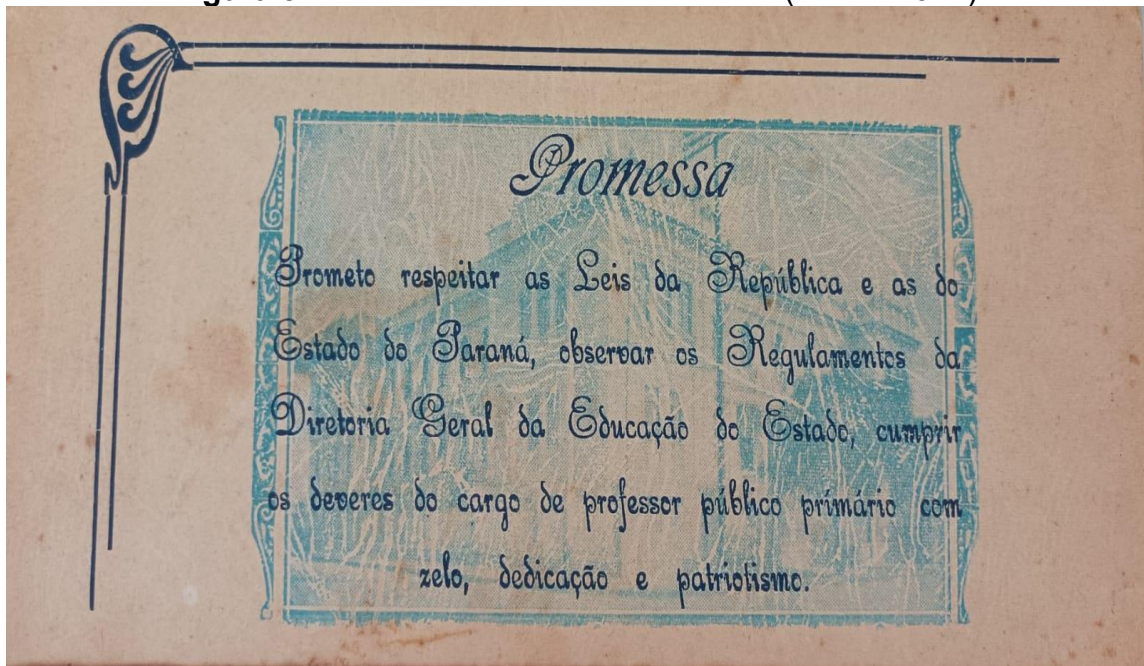
Figura 7 - Fotografias dos formandos da Escola de Professores de Curitiba (1944)



Fonte: Acervo Pessoal do professor Durval Pinto - Museu UNESPAR-Apucarana/PR

Do mesmo modo, podemos observar nas figuras 8 e 9 as imagens do convite de formatura que foi enviado à família do professorando Durval Pinto. A primeira imagem apresenta a parte frontal do convite, com o endereço da família (rua: Emiliano Pernetá, 92) e a promessa dos alunos. Na segunda imagem, temos a parte interna do convite. Nela, é possível observar o nome do Diretor e Paraninfo Osvaldo Pilotto em destaque e, em seguida, o nome dos alunos em ordem alfabética.

Figura 8 - Frente do convite de Formatura (Turma 1944)



Fonte: Acervo Pessoal do professor Durval Pinto - Museu UNESPAR-Apucarana/PR

estrutura para frequentar as Escolas Normais, ainda mais em um estado em que a maioria da população estava localizada na área rural.

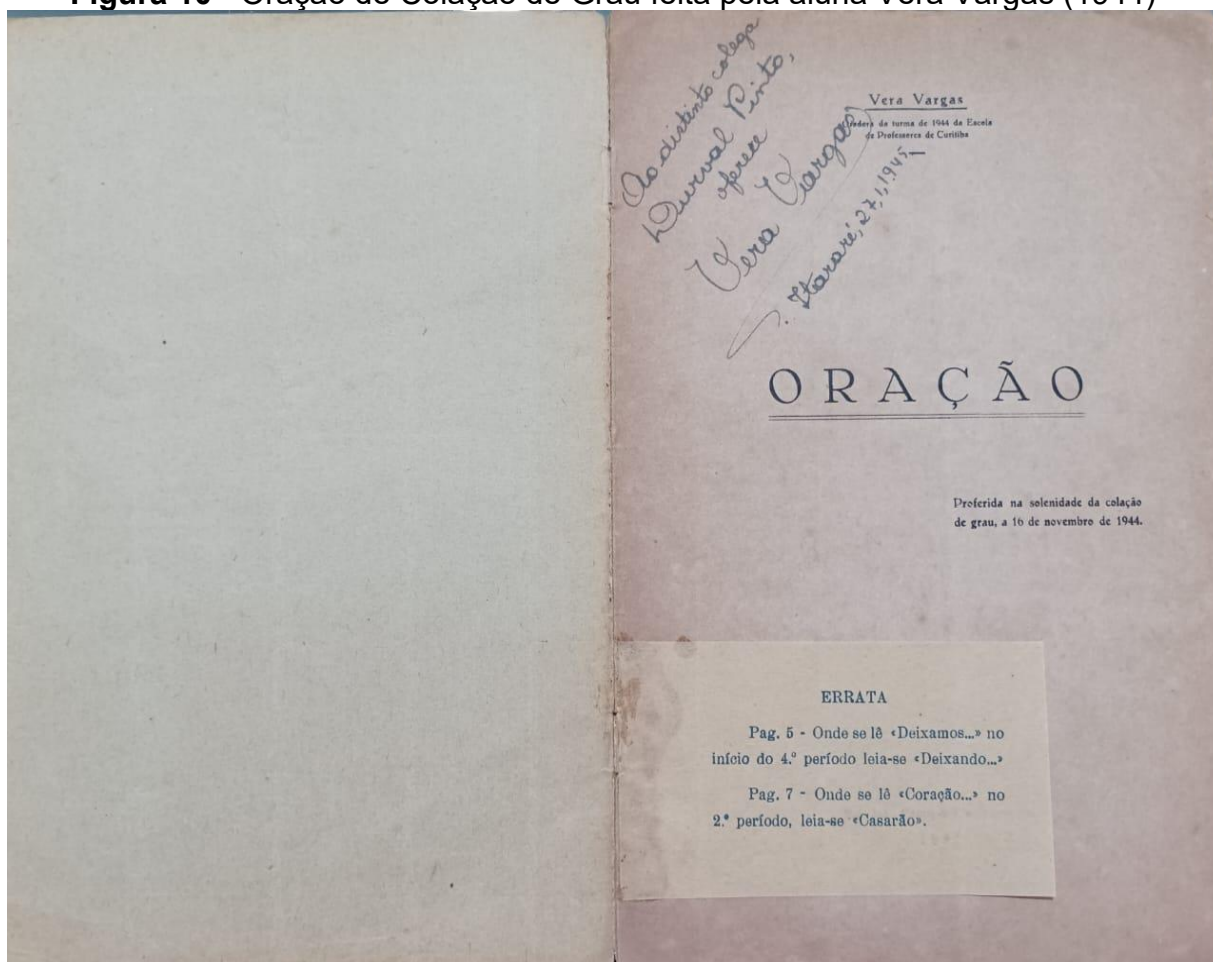
Logo, diante do prestígio que era se formar na Escola de Professores de Curitiba, da quantidade de formandos e considerando os convidados que participaram do evento, sem dúvidas a cerimônia foi grandiosa. Esse evento tinha como um de seus propósitos chamar a atenção da sociedade curitibana e ressaltar o valor do professor normalista diante da população.

Segundo Iwaya (2000, p. 92), na “década de 1940 as formaturas eram noticiadas em jornais da cidade, e os bailes aconteciam em clubes freqüentados pela elite curitibana, como Thalia, Concórdia ou Curitibano”.

De acordo com o convite de formatura enviado à família de Durval Pinto, a solenidade começou no dia 16 de novembro de 1944, com a missa de ação de graças, celebrada na Catedral Metropolitana, pelo Rev. D. Ático Euzébio da Rocha e uma cantata pelas formandas, supervisionada pelas professoras Josepha e Soledade Corrêa de Freitas. Às 20h do mesmo dia, ocorreu a cerimônia de Colação de grau na sociedade Thalia²⁰ e lá também ocorreu o grande baile no dia 18 de novembro, às 22h, sendo exigido no convite traje a rigor. Como podemos observar na Figura 8, na parte frontal do convite está impressa a promessa do professor normalista: “Prometo respeitar as Leis da República e as do Estado do Paraná, observar os Regulamentos da Diretoria Geral da Educação do Estado, cumprir os deveres do cargo de professor público primário com zelo, dedicação e patriotismo”. Do mesmo modo, encontramos essas palavras no discurso da oradora de turma Vera Vargas e em meio às 12 páginas da oração do paraninfo, proferida por Osvaldo Pilotto, diretor da Escola de Professores de Curitiba. No caderno de oração, que pode ser observado na Figura 10, encontramos na primeira página uma dedicatória da aluna Vera Vargas ao colega de turma Durval Pinto e uma anotação fixada com a errata, apontando e justificando os erros que foram encontrados após a publicação e a sua correção.

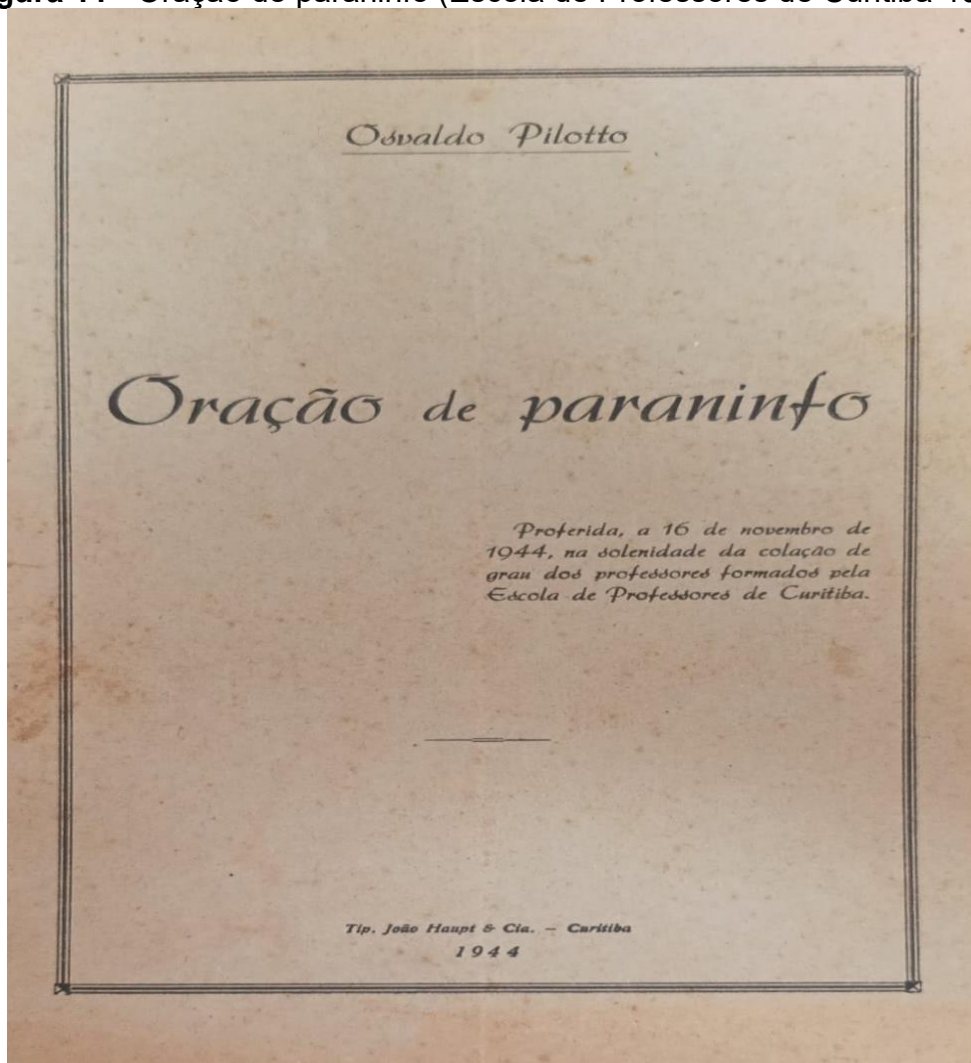
²⁰ Fundada em 1882, a sociedade Thalia, [...] ligada a colonização alemã, sofreu em tempos de guerra e no período ditatorial de Getúlio Vargas. Quase toda a sua história foi queimada junto com todos os documentos, restando apenas alguns de fundação, que foram escondidos. A sede no centro de Curitiba foi inaugurada em 1942 e movimentou a cidade com seus famosos bailes e carnavais. O edifício principal do clube, localizado na rua Comendador Araújo, 338 no centro de Curitiba, continua funcionando e mantém todas as suas características históricas (<http://thalia.com.br/sedes/centro/>).

Figura 10 - Oração de Colação de Grau feita pela aluna Vera Vargas (1944)



Fonte: Acervo Pessoal do professor Durval Pinto - Museu UNESPAR-Apucarana/PR

Figura 11 - Oração de paraninfo (Escola de Professores de Curitiba-1944)



Fonte: Acervo Pessoal do professor Durval Pinto - Museu UNESPAR-Apucarana/PR

O discurso do paraninfo Osvaldo Pilotto foi também de cunho paternal, já que entre os formandos estava a sua filha. Ele cita o privilégio de ser escolhido como paraninfo e a emoção de estar formando sua filha, um sentimento que, segundo o discurso, o impulsionou a escrever palavras afetivas que carregavam um pedaço do seu próprio coração, pois não se tratava apenas de um paraninfo, mas também de um pai que estava vivendo plenamente todos os momentos e todas as emoções, do lar até a escola.

Algo que nos chamou a atenção foi que, na maioria das vezes em que o professor Osvaldo Pilotto se dirigiu aos formandos, ele utilizou o termo feminino, como se o curso fosse composto apenas por mulheres. Citou sempre “Minhas afilhadas [...]” (p. 3), ou quando agradeceu o convite dizendo: “Fostes muito generosas para com o vosso diretor elegendo-o para esta alta missão” (p. 4).

Somente em dois momentos ele cita a participação masculina entre os formandos, uma na página 7, com a frase: “Minhas afilhadas e meus afilhados [...]” e quando fala sobre o aluno José Luís da Silva Júnior que faleceu durante o curso:

Êle estaria aqui, vencedor heroico de dura jornada. Chefe de família, lutava por uma situação melhor no magistério. José Luís da Silva Júnior, um dia, deixou de existir. Em vossos pensamentos guardou-se a imagem daquele homem pobre que tanto esforço fazia para a realização desse ideal. Ao menos mereceu, da grande alma desta turma, o preito sentido da saudade (ORAÇÃO DE PARANINHO, p. 4, 1944).

Mencionou vários pensadores que inspiraram o movimento ou foram criadores de novos processos de aprendizagem e definiu todo o Movimento pela Escola Nova como um campo de batalhadores, no qual, “cada um com a sua idéia própria. Parecia mais um torneio de imaginação ao redor de um mesmo pensamento orientado no sentido de uma conquista, a mais sublime deste século – a educação da criança como criança e não como adulto em miniatura” (ORAÇÃO PARANINHO, 1944, p. 8).

Do mesmo modo, argumentou que o conceito de liberdade dado às ações das crianças nesse novo modelo de ensino provocou uma confusão em muitas pessoas, associando a Escola Nova à indisciplina. Finalizando, discursou sobre os problemas que os futuros professores iriam enfrentar nas zonas rurais, em que, “o nosso homem rural não tem bem a noção do trabalho produtivo. O caboclo vive a sua vida precária e só deseja ter o que comer. Falta-lhe, quasi sempre, o amparo moral que a escola bem lhe podia dar” (ORAÇÃO DE PARANINHO, 1944, p. 10).

Por outra vertente, a oradora de turma Vera Vargas ressaltou em suas sete páginas de discurso sobre a saudade que sentiriam da Escola de Professores e sobre a jornada longa e árdua que iriam trilhar a partir daquele momento como professores. Segundo ela, o professor também tinha o dever de ser:

Médico, êle é o vigia constante da saúde física e mental da criança, o hábil extirpador dos vícios e dos complexos prejudiciais, o amigo devotado de todos os dias que, perscrutando com carinho e inteligência a capacidade intelectual de cada aluno, dosa-lhe as lições, para que estas sejam assimiladas facilmente, e não lhe causem distúrbios no organismo mental.

Soldado, o professor tem o cívico dever de acordar e desenvolver, no espírito das tenras criaturinhas, o patriotismo, o princípio de solidariedade humana dentro das nossas fronteiras, mormente nestes dias sombrios, em que forças maléficas estão procurando o esfacelamento da pátria, o desmoroamento da família e até a supressão de Deus! É preciso ensinar aos pequenos brasileiros que

em nossa terra impera a liberdade, que a nossa divisa é “Ordem e Progresso”, e que, no solo em que nossos avós plantaram suas raízes, eternamente, vicejarão os frutos de um trabalho honrado e edificante!

Finalmente, o professor é sacerdote, meigo e brando, que cultiva e aprimora as boas tendências da alma da criança e não deixa nela crescer o espinho da maldade! (ORAÇÃO DE TURMA, 1944, p. 4).

Finalizando a oração, a aluna Vera Vargas discorre aos colegas “Vamos, pois! A infância nos reclama, o Brasil espera em nós. Se o braço foi decisivo no progresso material de nossa terra, chegou agora a vez do cérebro dominar a obra grandiosa já realizada” (ORAÇÃO DE TURMA, 1944). Vale lembrar que tanto o discurso de Vera Vargas, quanto o de Osvaldo Pilotto estão carregados de ideias de cunho moral, cívico e patriótico, atendendo aos interesses do governo, como podemos observar no Relatório enviado por Manoel Ribas ao presidente Getúlio Vargas em 1942, ressaltando que estava naquele momento “Desenvolvendo o programa altamente patriótico traçado por V. Excia, tudo temos feito para solucionar no Paraná o problema número um, da nossa Nacionalidade, que é educacional, sem nenhuma contestação” (PARANÁ, 1942, p. 35).

Figura 12 - Formando Durval Pinto (Escola de Professores de Curitiba-1944)



Figura 13 - Erasmo Pilotto felicitando Durval Pinto em sua formatura (1944)



Fonte: Acervo Pessoal do professor Durval Pinto - Museu UNESPAR-Apucarana/PR

Encerradas as solenidades, o jovem Durval Pinto, consciente ou não do seu papel como educador, pegou o seu diploma e cumprimentou as autoridades presentes na solenidade, representadas na Figura 13 pelo professor Erasmo Pilotto e pelo Interventor Manoel Ribas. A partir daquele dia, deu início à sua trajetória educacional como professor, suprindo a demanda do Estado. Por conseguinte, acabou trabalhando em diversas cidades do interior paranaense, até se fixar em Apucarana/PR, encarando de perto uma realidade que ia além das orientações que recebeu em sua formação na Escola de Professores de Curitiba.

4 OS CADERNOS ESCOLARES DE DURVAL PINTO: O QUE ELES PODEM REVELAR?

No arquivo pessoal de Durval Pinto, localizamos onze cadernos escolares do período em que cursou a Escola de Professores e alguns aleatórios, faltando algum tipo de identificação como data, local ou nome. Temos como exemplo um caderno de metodologia do primeiro ano da aluna Michelina Wagner, do primeiro semestre em que estudou na Escola de Professores em 1938, que faz parte do acervo.

Durval Pinto guardou não só uma parte dos seus cadernos, mas também os de colegas de turma e até mesmo de ex-alunos, são materiais que preservam memórias “de um tempo, de um sujeito e de um modo de escolarização” (ALMEIDA; POLETTO, 2019, p. 96), que fazem parte da cultura escolar e, por meio de sua escrita, nos envolve, provoca e emociona.

Entre tantos cadernos localizados no arquivo pessoal de Durval Pinto, separamos especificamente os cadernos utilizados na Escola de Professores de Curitiba, que é o recorte espacial desta pesquisa. Como podemos observar na tabela abaixo, trata-se de onze cadernos de anos e disciplinas diferentes, um material diferenciado que nos apresenta tanto registros mais formais das disciplinas, com uma escrita engessada, sem erros nem correções, quanto páginas finais dos cadernos utilizadas como rascunho.

Essas páginas utilizadas como rascunhos, que muitas vezes ocupam mais páginas do caderno do que o próprio conteúdo da disciplina, estão carregadas de informações escolares que, se bem exploradas, enriquecem ainda mais a pesquisa historiográfica. São registros de encontros estudantis, estágios, horários de aula, observações de aula, assuntos relacionados à participação de Durval Pinto em grêmios e no jornal interno da Escola de Professores. Sem dúvidas, os cadernos servem como “artefatos da ordem do comum, produtos da cultura escolar esses suportes de escrita carregam historicidades e se inscrevem como documentos no campo da História da Educação” (ALMEIDA; POLETTO, 2019, p. 94).

Ainda pouco valorizado como fonte historiográfica, o caderno escolar nos permite dialogar por meio dos seus registros com os sujeitos e as concepções pedagógicas adotadas em cada período. Assim, “são fontes depositárias de discursos acerca do trabalho com a linguagem escrita que funcionam como um remédio eficaz contra o esquecimento” (BECALLI, 2017, p. 186).

Tabela 2 - Cadernos Escolares do Acervo Pessoal de Durval Pinto (1938-1944)

CADERNOS UTILIZADOS NA ESCOLA DE PROFESSORES DE CURITIBA				
ANO	CONTEÚDO	Nº DE PÁGINAS ESCRITAS	Nº DE PÁGINAS RASCUNHADAS	Nº DE PÁGINAS EM BRANCO
1938	Metodologia	42		
1942	Biologia	34		
	Física	20	42	3
1943	Metodologia	43	2	
	Apontamentos de Pedagogia	12	12	
	Noções de Higiene Escolar	13	7	4
1944	Metodologia	30		
	Sociologia Geral	9	5	8
	Trabalhos Manuais	7		
	Desenho, Modelagem e Caligrafia	11		14
	Planos de Aula	16		16

Fonte: Acervo Pessoal do professor Durval Pinto - Museu UNESPAR-Apucarana/PR

Sem dúvidas, os cadernos, além de serem um importante recurso didático, são o tipo de material que mais utilizamos durante toda a nossa história de vida, dentro da escola ou fora dela. Eles fazem parte do nosso dia a dia, seja para fazer as atividades escolares, seja como caderno de receitas, diário, caderno de poesias ou até mesmo de pequenas anotações. Entretanto, por serem considerados tão usuais, eles também são facilmente descartados, muitas vezes pelo desinteresse de quem os guardou ou até mesmo por falta de espaço. Não se sabe ao certo qual o critério de seleção que Durval Pinto teve para guardar seus cadernos, mas sabemos

que, quando encontrados, eles são materiais que “resistiram ao tempo, à censura de seus titulares e à triagem das famílias” (MIGNOT; CUNHA, 2006, p. 55).

Mignot e Cunha (2006) classificam esses materiais muitas vezes esquecidos dentro das casas ou até mesmo de alguma instituição pública como documentos “ordinários”, pois às vezes foram guardados por acaso e, por serem aparentemente banais, também foram ignorados. Porém, ao serem considerados como parte “[...] de um acervo pessoal, ainda não disponibilizado ao conjunto de pesquisadores, esses documentos ganham estatuto de relíquia” (MIGNOT; CUNHA, 2006, p. 43).

Os cadernos escolares utilizados no período em que Durval Pinto frequentou a Escola de Professores são de diferentes disciplinas, entre elas: Sociologia Geral, Metodologia, Pedagogia, Psicologia, História da Educação, Noções de Higiene Escolar, Desenho, Modelagem e Caligrafia, Trabalhos Manuais e um contendo Planos de Aula, como podemos observar na tabela acima. Certamente, esses cadernos têm importância ímpar para compreender as mudanças que vinham ocorrendo na formação dos professores, principalmente os de metodologia, que apresentam um novo modelo de ensino, que colocava a criança como centro da aprendizagem.

Logo, cabe a nós pesquisadores investigar e problematizar esse tipo de material, identificando neles as diversas possibilidades de pesquisa, haja visto que

[...] o caderno possibilita ser tratado como fonte histórica se considerado, uma vez que dificilmente na escola este objeto pode ser entendido como neutro, pois traz consigo indícios de mudanças dos conteúdos escolares, do currículo escolar e até mesmo das condições materiais de sua produção (CORDOVA, 2016, p. 215).

Diante de tal material, alguns chamaram mais a nossa atenção, em vista dos temas discutidos. Não só os conteúdos trabalhados despertaram o nosso interesse, mas sim o caderno como um todo, cada anotação, cada detalhe, da primeira à última página, tanto que na última página do caderno de Biologia, como podemos observar na Figura 14, encontramos rascunhado o horário das aulas do segundo semestre do primeiro ano do curso normal da Escola de Professores de Curitiba, no qual o horário das disciplinas corresponde ao documento analisado na figura 5. Por meio dessa página, notamos que eram oferecidas aos alunos 4 aulas por dia, de segunda a sábado, e que apenas a disciplina de metodologia era ofertada todos os dias.

Este é um tipo de escrita “que aparentemente não guarda nenhuma importância e sentido [...]” mas com o passar do tempo acaba “[...] evidenciando que

não só os conteúdos mas também a distribuição do tempo e as metodologias foram alteradas” (MIGNOT; CUNHA, 2006, p. 41). Ademais, a partir destes

papéis ‘ordinários’ pode-se pensar na importância de uma ‘memória de papel’ para o reconhecimento de diferentes práticas, costumes, rituais, ações e sociabilidades das e entre os/as professores/as como ponto de partida para reinventar outros presentes (MIGNOT; CUNHA, 2006, p. 42).

Figura 14 - Horário de aula do segundo semestre

II Semestre.

"Horario"

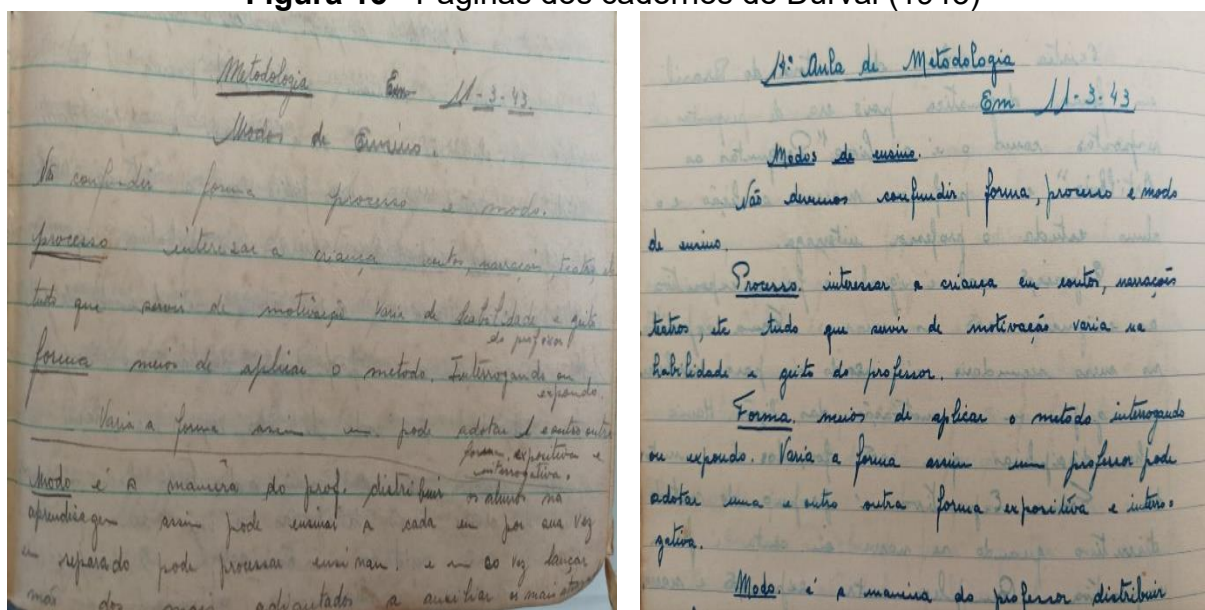
Segunda - feira.	Terça - feira.
Pedagogia experimental	Higiene escolar.
Economia domestica.	Economia domestica
Metodologia.	Metodologia.
Biologia educacional.	Quercultura.
Quarta - feira.	Quinta - feira.
Trabalho independente.	Pedagogia experimental
Agronomia.	Quercultura.
Metodologia.	Educação fisica.
Biologia educacional.	Metodologia.
Sexta - feira.	Sabado.
Metodologia.	Metodologia.
Agronomia.	Higiene escolar.
Educação fisica	Biologia educacional
Estagio.	Reuniao

Fim

Fonte: Acervo Pessoal do professor Durval Pinto - Museu UNESPAR-Apucarana/PR

Analisando cuidadosamente os cadernos de Durval Pinto, percebemos que todo o conteúdo discutido em sala era anotado resumidamente a lápis e de forma desordenada, seguindo o cronograma do horário de aula do dia e, posteriormente esses rascunhos eram passados a limpo à caneta no caderno de cada disciplina, com uma letra mais desenhada, sem rasuras ou rabiscos aleatórios, como podemos observar nas figuras abaixo:

Figura 15 - Páginas dos cadernos de Durval (1943)



Fonte: Acervo Pessoal do professor Durval Pinto - Museu UNESPAR-Apucarana/PR

Entretanto, Almeida e Poletto (2019) advogam a ideia de que muitos desses cadernos utilizados pelos normalistas não passavam de mera cópia, de um resumo dos manuais escolares que foram publicados em grande quantidade a partir de 1930. Esses manuais serviam de suporte para o professor trabalhar as disciplinas em sala de aula, tanto que, além dos cadernos apresentarem uma escrita engessada, não “há atividades, como questionários, não há marcas da presença do professor. Assemelham-se a manuais escolares, como uma espécie de mimetização deles [...]” (ALMEIDA; POLETTTO, 2019, p. 97). Provavelmente, tal fato pode ser justificado pelo difícil acesso aos livros naquele período.

Tanto quanto os cadernos escolares, os manuais fazem parte da cultura material, são materiais didáticos que contribuem para a reconstrução histórica de uma educação que buscava renovar os seus métodos, visando formar o professor

em moldes pré-estabelecidos. Portanto, os cadernos escolares como “frutos da cultura escolar, são transpassados por continuidades e descontinuidades; seu estudo abre portas a uma iluminação das relações entre escola e alunos e também as múltiplas materialidades e funcionalidades dos próprios cadernos” (CUNHA; SOUZA, 2015, p. 17). Tão importante quanto os conteúdos encontrados nesses cadernos são também as anotações que estão nas últimas páginas, que nos cadernos de Durval Pinto, são escritas cheias de representatividade, que permitem ao “pesquisador compreender a instituição de ensino e seu cotidiano” (CORDOVA, 2016, p. 211).

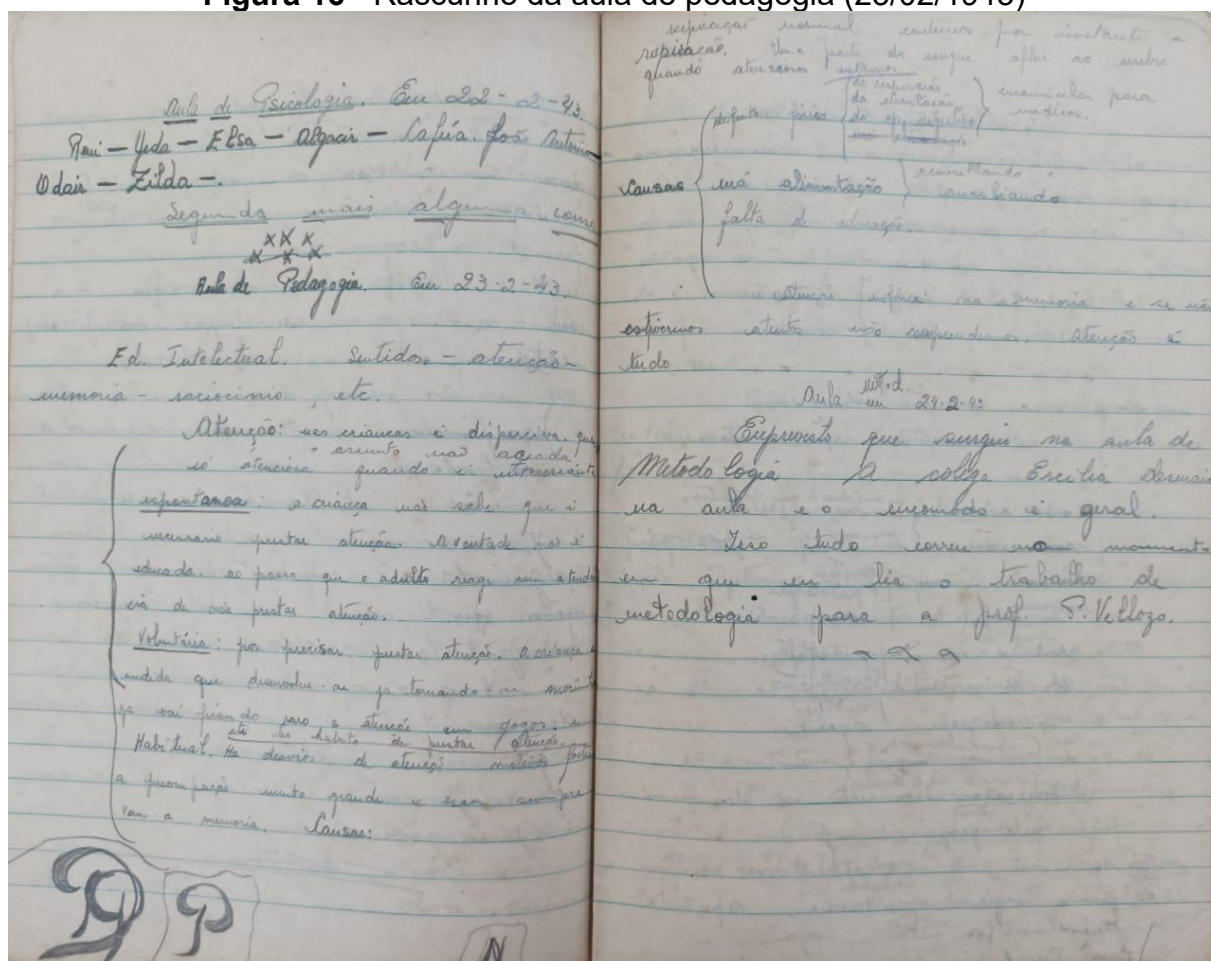
Como exemplo, podemos observar na Figura 16 alguns rascunhos feitos a lápis por Durval Pinto e que depois seriam passados a limpo. Para esses registros, foram utilizadas as páginas em branco que sobraram de um caderno de 1942, da disciplina de Física, do período em que Durval Pinto frequentou o Ginásio Parthenon Paranaense. Podemos perceber que são anotações de dias e de disciplinas diferentes sobre os estágios, aulas de psicologia contendo alguns nomes de colegas de turma, anotações sobre Pedagogia, e uma aula de metodologia do dia 24 de fevereiro de 1943, em que a colega de sala Ercilia desmaia no momento em que Durval Pinto lia o seu trabalho de metodologia para a professora Prudência Vellozo, “um incomodo geral”, registrou o aluno.

Em outras páginas do mesmo caderno, encontramos anotações sobre as observações realizadas durante os estágios, nas quais constam alguns detalhes do estágio iniciado por Durval Pinto no Grupo Escolar Conselheiro Zacharias Góes de Vasconcelos, em fevereiro de 1943, contendo a turma observada, uma tabela com a lista de nomes dos alunos, idade e altura, uma rápida avaliação física e comportamental, entre outros aspectos exigidos no curso.

Assim, diferente dos registros já passados a limpo com uma escrita mais engessada, os rascunhos são considerados como uma escrita mais casual, sem muita importância, porém são memória viva, que mostram a existência de um sujeito real, trazendo sua particularidade. Podemos observar um exemplo disto no canto inferior esquerdo da Figura 16, em que Durval Pinto brinca com as iniciais de seu nome, talvez em um momento de descontração durante a aula. Independentemente do que foi registrado, estas são escritas “produzidas pela mediação da escola, a grande maioria desses documentos enfrentou a passagem do tempo, e, agora estudados podem emergir como re-conhecimento, como possibilidade de não-

esquecimento, como 'lugar de memória'" (MIGNOT; CUNHA, 2006, p. 41).

Figura 16 - Rascunho da aula de pedagogia (23/02/1943)



Fonte: Acervo Pessoal do professor Durval Pinto - Museu UNESPAR-Apucarana/PR

Nesta perspectiva, entre os cadernos utilizados por Durval Pinto enquanto aluno na Escola de Professores de Curitiba, os que mais nos interessam para esta pesquisa são os cadernos da disciplina de metodologia do primeiro e do segundo ano, pois estão entrelaçados com as propostas de ensino da Escola Nova de formar o professor nos padrões pré-estabelecidos por esse movimento em prol da educação. Este material histórico nos mostra, pela perspectiva do aluno e das escritas do seu caderno, uma nova metodologia de ensino que visava romper com o ensino tradicional.

Entre os cadernos localizados no arquivo pessoal de Durval Pinto, vamos apresentar, mesmo que de modo conciso, um caderno de cada semestre de diferentes disciplinas, para mais adiante nos aprofundarmos nos cadernos de metodologia, que nos apresentam com mais clareza a proposta do movimento

escolanovista. Entre os onze cadernos elencamos: Pedagogia Geral (1º semestre), Higiene Escolar (2º semestre), Sociologia Geral e Educacional (3º semestre) e Trabalhos Manuais (4º semestre). Tais materiais “trazem marcas da escolarização e permitem pensar distintas interpretações da escola e da educação” (MIGNOT; CUNHA, 2006, p. 41).

O primeiro caderno que vamos analisar é o da disciplina de Pedagogia Geral, cursada no primeiro semestre. O caderno está composto por treze aulas de Pedagogia que ocorreram do dia cinco de fevereiro a quatorze de maio de 1943. Durval Pinto pertencia à 10ª turma. Nestes registros, foram discutidos os objetivos da pedagogia como ciência da educação, definindo-a como “o meio de conduzir, guiar ou orientar as crianças”, foi definido como vital importância na pedagogia que “para educar bem a criança é bastante necessário ter boa educação e junto uma preparação [sic]”. O professor deveria ser sempre um exemplo ao aluno, em todos os sentidos, mas principalmente nas questões relacionadas à educação física, intelectual e moral. Ademais, este trabalho deveria ser realizado em conjunto com as famílias.

Nesta perspectiva a educação da criança foi dividida em dois sentidos: o corpo associado à educação física, que compreende a higiene e os exercícios físicos, e o Espírito à educação, que trabalhava questões intelectuais e morais. No que concerne à educação do corpo, foi destacada a higiene, em todos os seus aspectos, como fator essencial. Em segundo lugar, vieram os exercícios físicos (ginástica e jogos). Na ginástica, foi ressaltada a importância de o professor ter o conhecimento do desenvolvimento físico de cada aluno, após a avaliação de um médico escolar, para que então fossem divididas as turmas em fracas, médias e fortes, assim como era preciso ser levado em consideração o sexo, pois deveria haver um cuidado com na adequação de exercícios para “as moças e os moços”.

Em relação aos jogos, o professor era instruído a ter uma certa cautela para que o excesso não prejudicasse a formação do sujeito; entretanto, há um estranhamento ao ler naquelas páginas que era relevante trabalhar a competição, “procurando sempre que possível rivalidades entre os competidores, pois a competição tem por objetivo deixar a criança com habilidade física, intelectual e moral”.

Já nas aulas relacionadas à educação intelectual, foi registrado que para desenvolver a inteligência na criança, era preciso educar os sentidos e, para isso, foi

recomendada a utilização do método intuitivo, trabalhando o maior número de sentidos possíveis em cada conteúdo, pois a criança neste novo modelo de escola aprendia pela “vista-tacto-olfato-peso-temperatura-tamanho-aspreza-etc com os olhos abertos e fechados” um método baseado na observação e na experimentação. Na mesma perspectiva, deveria se trabalhar a atenção, memória, raciocínio, entre outros sentidos que auxiliariam o desenvolvimento intelectual do aluno. O método intuitivo também foi fortemente indicado para trabalhar a imaginação das crianças, uma imaginação que fosse encaminhada ou educada nos padrões já estabelecidos.

A utilização do canto nas aulas também foi destaque, pois segundo anotações despertava na criança o interesse pela educação do sentimento, do civismo, assim como a voz e os ouvidos, a respiração e a memória. Para isso, deveriam ser considerados os hinos patrióticos. Nas aulas finais, foram tratados conteúdos relacionados à liberdade da criança, disciplina e educação dos sentimentos da criança, entre outros assuntos que fortaleciam seu desenvolvimento.

Já o caderno de Noções de Higiene Escolar utilizado por Durval Pinto no segundo semestre, traz já na primeira aula a pouca importância que era dada até então à disciplina de higiene, mencionando que grande parte da mortalidade infantil era devido à falta de cuidado higiênico no período escolar. Há ali argumentos sobre o papel que o professor deveria assumir diante das moléstias e de qualquer transtorno causado ao organismo da criança, substituindo até mesmo o médico escolar e mantendo na criança um equilíbrio físico, moral e intelectual. Neste sentido, o professor normalista assumiria tal função não só nas escolas primárias da capital, mas também nas mais longínquas localidades do estado, uma ação que ultrapassasse os muros escolares e atingisse a família e a comunidade, mudando hábitos e costumes.

A cada página virada do caderno, é possível observar que a professora Prudência Velozo discutia com seus alunos um tema diferente relacionado a higiene, como: fadiga física e mental; idade escolar e suas fases de desenvolvimento (idade mental e cronológica); os horários escolares e a necessidade de programas que levassem em conta as temperaturas e o ambiente no qual seria ministrada a aula conforme cada região do estado; a alimentação que receberiam, qual o horário mais adequado e se estavam sendo cumpridas as 2h de digestão; leitura e escrita, que sobre o ponto de vista higiênico se refere à falta e ao excesso de iluminação nas salas de aula, à posição que o aluno ocupava na carteira, destacando que a luz

deveria ser sempre do lado esquerdo para que a sombra do próprio corpo do aluno não atrapalhasse a leitura ou que fosse bilateral, ao tamanho da letra e à postura, pois se o aluno se aproximava demais do caderno para ler, isso era uma indicação de um defeito visual, provocando uma posição contrária e viciosa da coluna vertebral, causando problemas futuros.

Ainda sobre o tamanho das letras, está especificado no caderno que: “Um espaço de 7 letras não deve abranger um total maior que 1cm”, e sobre as cores da tinta da caneta e a cor do papel, deveriam ser “demasiadamente brancos”. Para a leitura foi sugerido uma página amarelada ou verde-mato, pois são as que mais descansam a vista. Sendo assim, essas mudanças curriculares visavam atender as:

[...] possibilidades psicobiológicas da criança, à adequação do currículo às características do meio social, ao tratamento de matérias escolares como instrumentos de ação e não como fins de si mesma, à importância dos processos intuitivos, da observação direta, da atividade do aluno, do método analítico para o ensino da leitura (TANURI, 2000, p. 14).

Do terceiro semestre, encontramos o caderno de Sociologia. Nele, observamos que as aulas estão separadas com uma sigla ao lado de cada página, marcando o dia de Sociologia Geral (SG) e o de Sociologia Educacional (SE). Às vezes havia as duas siglas, apontando que as disciplinas estavam interligadas e que o tema daquele dia tinha o mesmo propósito. A primeira aula foi de Sociologia Geral e teve início no dia sete de fevereiro de 1944. Nela, foi discutida a definição de sociologia, a origem, os precursores, seus aspectos principais, com citações a Augusto Conte e outros sociólogos. Do mesmo modo, argumentou-se sobre a distinção entre sociedade e grupos sociais, citando a própria Escola de Professores como exemplo com a figura do diretor, uma autoridade necessária para que haja organização, e o grêmio estudantil como um núcleo pensado, que possui normas. Em todos os registros há um exemplo relacionado a vivência dos alunos na escola.

A aula que misturou Sociologia Geral e Educacional foi sobre a escola do Solidarismo e a escola do Individualismo, enfatizando a necessidade da prática da cooperação, pois

[...] por mais egoísta que o homem seja êle [sic] sempre presta serviço à sociedade. Essas pessoas [sic] mesmo que pensem só em si sempre presta algum bem a sociedade. Uma pessoa egoísta que faz seus serviços e põem-se a vende-los. Aí vemos que com o dinheiro que ele consegue compra [sic] outros objetos. Aí mesmo vemos a forma de solidariedade. Chama-se a isso uma solidariedade

inconsciente, que acontece com quase todos nós (CADERNO DE SOCIOLOGIA, 1944).

Por conseguinte, tratou-se sobre economia e trabalho, no sentido de produzir, poupar e saber aplicar bem o dinheiro. Em um dos registros, argumenta-se que, como na natureza, o trabalho dignifica o homem, que o trabalho é lei econômica, biológica e moral e, como na natureza, há uma divisão, seja por vocação, competência, ou outro motivo. O tema trabalho foi desmembrado em produtivo e improdutivo e “deve ser o nosso desejo do trabalho ser produtivo”, pois a improdutividade as vezes depende da falta de método, ou de boa vontade. Foi também discutida a classificação do trabalho em manual e mecânico e do homem como o homem que fala, o homem que trabalha e o homem que pensa.

É fácil observar no caderno de sociologia que, além do indivíduo estar sendo formado para ser produtivo, para ocupar um lugar no mercado de trabalho, já havia em sua formação, mesmo que de modo inconsciente, uma classificação de acordo o seu desenvolvimento.

No caderno de Trabalhos Manuais, mais especificamente no dia 16 de setembro de 1944, no quarto semestre do curso, observamos alguns registros mais críticos sobre como a disciplina estava sendo desenvolvida nas escolas e que existiam diversos conceitos referentes à disciplina, mas, para desenvolver um trabalho significativo, era preciso partir de quatro princípios fundamentais.

O primeiro baseia-se no princípio de que todo o trabalho manual deveria ser de criação da criança, rejeitando todo o tipo de trabalho mecânico ou os que implicassem apenas em uma atividade sensorial ou motora. Este ensino visava romper com o método tradicional que, “longe de estimular a criatividade e a reflexão, primava pela repetição mecânica de preceitos pedagógicos abstratos” (VIEIRA, 2001, p. 60).

Como exemplo, há o relato de que na escola antiga “era um hábito dar os trabalhos de serrinha. Dava-se um molde e uma folha de papel carbono. Com esta o aluno passava o molde para a madeira e depois serrava. Isso é completamente mecânico”. Nessa atividade, era exigida certa habilidade manual, atenção, cuidado, mas nada tinha de criação, a criança apenas a executava. Outros exemplos citados foram o trabalho de picotagem, em que as crianças furavam com uma agulha os traços do desenho já feito no cartão; o alinhavo com fios, em que a criança tinha o

trabalho mecânico de enfiar a linha na agulha e fazer o alinhavo seguindo as instruções recebidas pelo professor, sem poder ao menos escolher as cores que utilizaria; e o trabalho de tecelagem. Todos esses exemplos foram criticados pois, do ponto de vista educativo, tinham valor reduzidíssimo.

Pelo lado construtivo, Durval Pinto registra a modelagem, na qual a criança, por meio da produção de um vaso de barro, poderia trabalhar o lado sensorial, motor, a criação e estudar as linhas. Mesmo tendo um resultado grosseiro na sua primeira criação, esse objeto tinha um grande valor perto dos trabalhos que utilizavam um molde.

O segundo princípio da disciplina é que cada progresso que a criança realizasse deveria resultar de um impulso interno, de um desejo sempre de melhorar. Isso independeria de qualquer recurso técnico, mas sim da personalidade do professor, que deveria ser um sujeito entusiasmado, que tivesse compreensão disso e soubesse traduzir esse entusiasmo para a criança, despertando nela a sensibilidade e a vontade de atingir a perfeição. Destaca que o mais importante não é “o produto externo, aquilo que resultar das nossas mãos, muito mais valioso é o que se forma no nosso espírito acerca da matéria. As mãos podem não saber executar, mas desde que se crie dentro do espírito já se dá um grande passo” do ponto de vista educativo.

O terceiro princípio é o trabalho. A disciplina visava desenvolver na criança o interesse e o gosto pelo trabalho, valorizando a técnica como parte fundamental desse processo, e o professor deveria agir criando situações para que a criança sentisse a necessidade de aprender essa técnica. Como exemplo, cita novamente a produção de um vaso, na qual a criança observa por meio da prática que não é apenas fazer um “buraco no meio da bolota de barro”, mas vai descobrindo através do próprio trabalho uma técnica especial, individual que a levasse a obter um bom resultado. A criança deveria se descobrir, buscar o melhor método para atingir seu objetivo.

No quarto e último princípio da disciplina de Trabalhos Manuais, foi discutido sobre a cópia, um princípio contrário ao trabalhado na disciplina, pois se a criança copia, ela não cria. Porém, argumenta-se que se o professor soubesse conduzir esse tipo de trabalho, ele teria sim fins educativos, como estimular na criança um olhar crítico sobre o seu próprio trabalho. “Através do Trabalho Manual, o aluno deveria aprender a pensar e agir, preparando-se para o trabalho; não para um

trabalho específico, mas para atividade produtiva” (MIGUEL, 1992, p. 70).

É interessante observar que, mesmo na disciplina de Trabalhos Manuais, foi ressaltado o conceito da Psicologia Diferencial, como já citado, um modo diferenciado de trabalhar com os alunos mais adiantados e os menos adiantados, pois, “nem todos eram considerados como dotados do mesmo desenvolvimento intelectual” (MIGUEL, 2008, p. 17). Semelhantemente, esses trabalhos “tinham o objetivo de desenvolver a iniciativa individual, transformando as idéias em atos executados racionalmente, combatendo a indolência e assegurando o hábito do trabalho produtivo” (MIGUEL, 2008, p. 14).

Em relação às ideias propostas, conclui-se que:

[...] as escritas cotidianas e ordinárias encontradas nos cadernos escolares são indícios que contribuem para a compreensão da pluralidade de redes tecidas entre alunos e escola, marcadas pela singularidade de cada um no uso desse objeto, o que permite refletir acerca dos possíveis usos e significados (CORDOVA, 2016, p. 212).

Mais do que isso, este tipo de fonte nos leva a refletir de um modo mais específico sobre a formação do professor na década de 1940 e sobre o sujeito que eles precisavam formar já nas escolas primárias.

4.1 OS CADERNOS DE METODOLOGIA

Todo o arquivo pessoal de Durval Pinto, principalmente representado pelos cadernos escolares e articulado com outros documentos, constitui-se como fontes privilegiadas de pesquisa. Assim, “até então pouco consideradas pela historiografia da educação, construiu-se um reservatório para os historiadores, que, por meio de avanços e retrocessos, transferiram seus olhares do macrossocial para o microssocial – e daí o individual” (CUNHA, 2019, p. 137). Por este prisma, a partir deste momento, temos como intenção esmiuçar os cadernos de metodologia de Durval Pinto, que eram como guias para os professores normalistas aplicarem os conteúdos em sala de aula e fundamentais no processo de aprendizagem, principalmente na consolidação e expansão do Movimento pela Escola Nova no Paraná.

Como parte de uma cultura escrita, nesses cadernos escolares encontramos registros de cunho pessoal, que mesmo estando engessados, acabam carregando

em alguma página, contracapa, em pequenas anotações ou em uma palavra escrita nas margens do caderno indícios sobre “o cotidiano e sobre formas de ver o mundo a partir de fatos comuns da experiência humana, hábitos e costumes” (CUNHA, 2019, p. 144). São materiais carregados de sensibilidades e de possibilidades.

Considerando que a disciplina de metodologia era oferecida durante os dois anos de curso e que neste período havia a necessidade de propor novos métodos de ensino pautados na Escola Nova, vamos analisar o conteúdo de dois cadernos de metodologia do professor normalista Durval Pinto e perceber o que esses cadernos nos revelam de uma disciplina que tinha como propósito mostrar aos futuros professores “o contraste entre a rotina e a pedagogia científica, despertando o sentido de luta” (PILOTTO, 1946, p. 130).

O caderno do primeiro ano possui 44 páginas, em que a última traz anotações pessoais e observações feitas durante o estágio no ensino primário. Por se tratar de rascunhos, não podemos afirmar de que ano são essas anotações, porém, nos estágios eram dados aos alunos “temas para observações sobre o conjunto de classe, sobre aparelhagem, sobre o trabalho assistido, sobre certas manifestações particulares da vida infantil, etc” (PILOTTO, 1946, p. 127).

Logo, sobre tais aspectos, Durval Pinto considerou a aula do primeiro ano muito falha, porque o professor utilizou o termo “10 ovos pôs a chocar saíram 8 ‘pintos’ e não franguinhos”, e cita um garoto de sete anos que se mostrou muito abalado por não saber realizar contas de multiplicar por 2 e nem a de somar com dinheiro, se sentindo inferior aos colegas de classe, porém, ele havia entrado na escola na metade do ano, o que justifica o seu desenvolvimento não ser igual aos outros alunos. Do mesmo modo, Durval Pinto criticou que no segundo ano primário, a aula tinha uma linguagem muito elevada para aquele nível de ensino e ressaltou que a professora elogiou uma das alunas, dizendo que futuramente ela poderia ser uma grande mulher, puxando para o lado das mulheres e esquecendo os meninos, pois a criança nessa idade já tem grande percepção na parte relativa ao sexo e aos elogios a um e a outro.

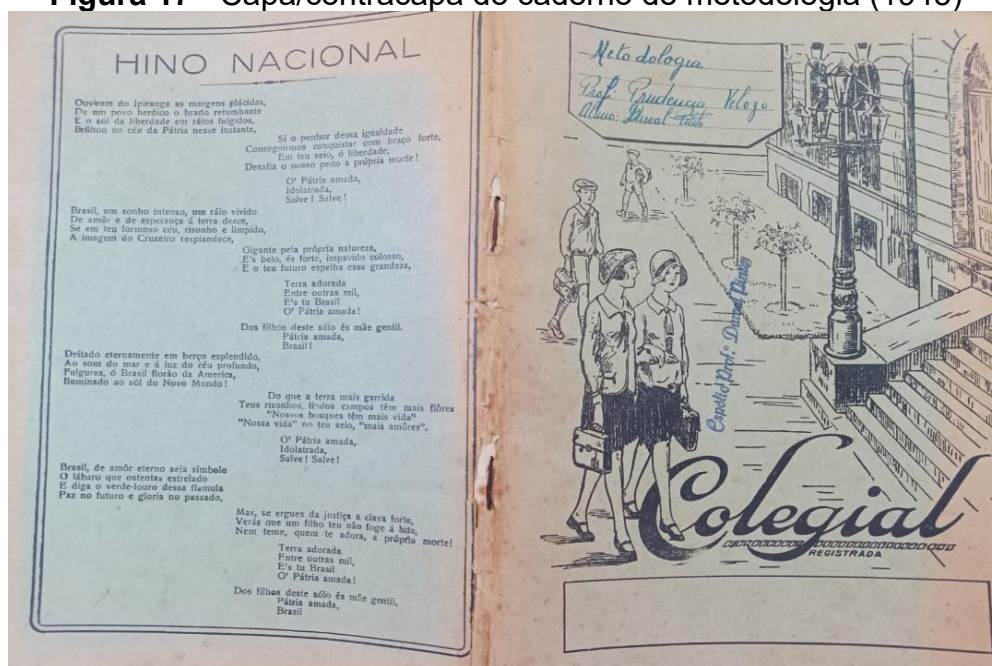
4.1.1 Caderno da Disciplina de Metodologia do Primeiro Ano (1943)

Retornando à disciplina de metodologia, o caderno do primeiro semestre possui uma capa verde claro, com a imagem de estudantes indo para a escola,

ressaltando duas moças com uniformes escolares e dois garotos no fundo também uniformizados. No canto superior esquerdo está escrito o nome da disciplina, da professora e do aluno. Também encontramos essas informações na primeira folha do caderno. Na contracapa, temos o Hino Nacional.

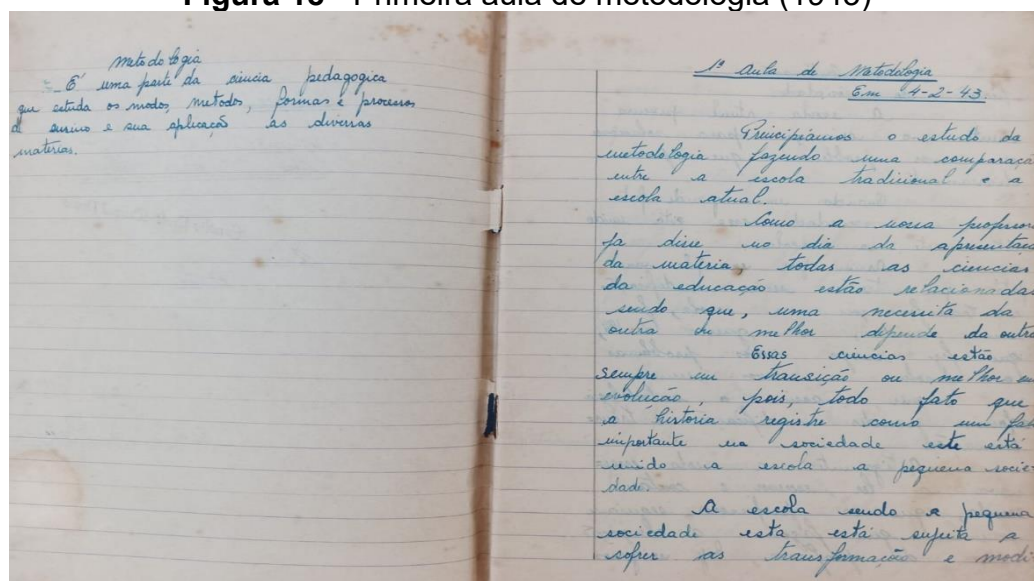
Das 43 páginas utilizadas especificamente para a disciplina de metodologia, encontramos registrado na primeira página uma abertura contendo a disciplina (Metodologia), o nome da professora (Dona Prudência Vellozo), o nome do aluno (Durval Pinto), o ano que cursava (1º ano), a turma (10ª turma) e o nome da escola (Escola de Professores). No verso da página a definição de metodologia, como “uma parte da ciência pedagógica que estuda os modos, métodos, formas e processos de ensino e sua aplicação as diversas áreas”, como podemos observar na Figura 18.

Figura 17 - Capa/contracapa do caderno de metodologia (1943)



Fonte: Acervo Pessoal do professor Durval Pinto - Museu UNESPAR-Apucarana/PR

Figura 18 - Primeira aula de metodologia (1943)



Fonte: Acervo Pessoal do professor Durval Pinto - Museu UNESPAR-Apucarana/PR

Todas as demais páginas estão escritas à caneta, as palavras que merecem destaque estão grifadas, as aulas datadas com dia, mês e ano, e a assinatura do aluno Durval Pinto, vindo facilitar a pesquisa e não pondo em dúvida a autenticidade do documento. Os registros estão compostos por 27 aulas de metodologia do primeiro semestre e quatro aulas do segundo semestre, que foram iniciadas no dia vinte de julho de 1943.

A primeira aula foi realizada no dia quatro de fevereiro de 1943 e já nos primeiros registros do caderno foi feita uma comparação entre a escola tradicional, que ensinava apenas a ler, escrever e contar, onde os professores seguiam uma fórmula exata de ensinar e a escola nova, que visava oferecer também uma educação social, “fazer uma criatura capaz de vencer as dificuldades que a sociedade impõe”, uma formação que respeitasse a individualidade da criança, o trabalho coletivo mútuo e a independência, formando cidadãos capazes de pensar e agir isoladamente.

Do mesmo modo, foi registrado que a metodologia trata da maneira de ensinar; já o método utilizado pelo professor para ensinar deveria partir da necessidade do meio em que o aluno vive, da educação dos pais, do desenvolvimento mental e intelectual de cada um, pois, o “método que serve para uma criança não serve para outra”. Neste momento, foi feita uma comparação do

desenvolvimento entre os alunos do Grupo Escolar anexo à Escola de Professores e as escolas do interior e do litoral.

Dando continuidade, ocorreu uma discussão sobre alguns métodos de ensino, entre eles, três aulas foram dedicadas aos métodos criados por Herbart e Tolstoi. Dos métodos criados por Herbart, há uma discussão sobre os “passos formais da instrução” (preparação, apresentação, associação, generalização e aplicação), um modo inflexível de educação que ficou na escola tradicional e se manteve ativa em algumas escolas até 1943. Segundo registros no caderno, esse método era considerado bom, mas já não atendia às necessidades da Escola Nova. O método herbartiano já apresentava algumas características da escola ativa, mas, “com a diferença de que a escola antiga armazenava os conhecimentos e depois aplicava e a escola moderna ou ativa aprende fazendo e os conhecimentos vão desenvolvendo-se junto com a atividade”. Todavia:

Contraditoriamente às práticas tradicionais de registro de pontos e memorização, os cadernos mostram discursos que fazem a crítica aos passos formais de Herbart, a defesa da Escola Nova, porém não de forma apaixonada, mas já relativizando seus métodos (IWAYA, 2000, p. 106).

A 8ª aula tinha como tema a “motivação”, que seria por parte do aluno e a imaginação por parte do professor ao trabalhar um conteúdo que despertasse o interesse da criança. A 9ª aula foi sobre “interesse”, afirmando que a criança só aprende e faz o que lhe interessa. Como exemplo, o caderno cita que algumas crianças possuem interesse moral em estudar para satisfazer os pais ou professores, outras estudam apenas para tirar notas altas.

Na aula do dia 27 de fevereiro, foram discutidos os programas escolares, fazendo uma comparação entre a Escola Ativa e Escola Antiga. Deveria haver uma maleabilidade nos programas, e que o indicado seria utilizar o ensino ocasional, cujo plano de aula ou tema era motivado por um incidente passado no meio social, escolar, como um aluno que se atrasava ou que faltava com suas obrigações, uma data nacional, um aluno que ficava doente e o professor mandava o pelotão de saúde visitar o colega, verificando se era uma doença contagiosa, ou temas relacionados à chuva, calor, e até sobre um pássaro que entrava na sala.

Por conseguinte, Durval Pinto registrou temas sobre aulas expositivas e interrogativas e sobre os modos de ensino, que são três: Individual – muito empregado na escola tradicional, no qual, o professor chamava cada aluno

isoladamente e expunha lição por lição, consumindo tempo e causando desordem na sala de aula, haja visto que enquanto o professor atendia um aluno, os outros ficavam ociosos; Simultâneo – o professor ensinava simultaneamente a classe toda, o que exigia uma classe homogênea e era o ensino utilizado na Escola de Professores no período citado; Mútuo – o aluno não substituí o professor, mas monitorava as atividades, desaparecendo o coleguismo e auxílio entre os amigos. Neste novo modelo de escola que privava o trabalho em grupo, considerava-se natural um líder que fosse mais desenvolvido intelectualmente do que os seus colegas.

A partir da 15ª aula, foram abordados temas relacionados às Associações Escolares, entre elas as de ordem literária, artística e recreativa, constituídas por jornais, revistas, grêmios, clubes, centros e classes escolares, pelotão de saúde, círculo de pais, caixas escolares, entre outras organizações. De acordo com Miguel (1992, p. 168) essas ações estavam dentro do projeto de consolidação e de expansão da Escola Nova no Paraná, que buscava o “envolvimento da comunidade com a escola, para o benefício de ambas.” Além disso, por meio dessas associações, a “ação do professor ultrapassava a função pedagógica de transmissor de conhecimentos, hábitos, atitudes e valores em sala de aula, para realizar o papel de líder social” (MIGUEL, 1992, p. 169).

Sobre as Caixas Escolares, foi registrado que após o surgimento das escolas públicas, todas as classes sociais poderiam ter acesso ao ensino, porém, havia a “criança abastada e a pobre, a boa e a ruim e as vezes até a miserável” daí a necessidade de uma associação que amparasse os menos favorecidos. Para isso, recorria-se à população mais rica, pedindo uma contribuição de qualquer quantia para auxiliar essas crianças com material escolar, roupas e até mesmo alimentação.

A princípio, elas eram facultativas e, com o passar do tempo, se tornaram obrigatórias. O inspetor geral de ensino Prieto Cesar Martinez, em seu relatório sobre a instrução pública em 1920, solicita ao Secretário Geral do Estado que “como estímulo para a criação das caixas escolares a pequena contribuição de 200\$000 annuaes ás que se organizarem regularmente, ficando todas sob a fiscalização da Inspectoria Geral de Ensino, que as regulamentará” (PARANÁ, 1920, p. 29).

Por consequência, todas as escolas passaram a ter uma Caixa Escolar e as crianças tinham o material de acordo com os fundos de cada uma. Durval Pinto registrou em seu caderno que a Caixa Escolar com o tempo passou a ser lucrativa,

sendo obrigatório uma contribuição mensal de todos os alunos, inclusive das crianças pobres. Neste momento, surge no caderno uma crítica sobre essa questão, “ainda existe quem diz que a criança é protegida pelo sistema atual, a caixa procura extorquir algum dinheiro da criança e deixa assim de ser uma associação e passa a ser uma cooperativa escolar”, deixando para trás o fundo beneficente e se tornando “um meio econômico de ganhar dinheiro”.

No dia 17 de março, ainda discutindo sobre as associações escolares, foi registrada uma aula sobre os Pelotões de Saúde. Diferente da Caixa Escolar, essa era uma associação independente, que deveria ser de responsabilidade do professor. Essa aula recebeu um certo destaque pela sua utilidade e pela necessidade em disseminar os princípios da higiene da escola para as famílias e, conseqüentemente, para toda a sociedade, pois, “a criança era considerada um pré-cidadão, cera plástica e moldável sobre a qual os higienistas, com a ajuda diária dos professores, realizariam a construção de um projeto de saneamento” (LAROCCA, 2009, p. 157). Mesmo encontrando no caderno algumas críticas a essa Associação, na qual, “hoje existem Pelotões de Saúde para desfiles e para bonito”, foi ressaltada a sua importância para auxiliar o professor, principalmente nas escolas que não tinham a presença de um médico escolar, tendo o professor que dispor do seu pouco tempo para realizar esse tipo de trabalho.

De acordo com os registros de Durval Pinto, os pelotões eram compostos por alunos que recebiam um conhecimento especial sobre saúde. Cada escola deveria ter um armário com uma boa quantidade de remédios de urgência junto com uma mala ou caixa para transporte. Os alunos que integravam o pelotão tinham a total responsabilidade pelas crianças e seu trabalho poderia ser realizado até mesmo nos pátios e recreios. Entre as finalidades dos pelotões, era preciso falar sobre a qualidade ou acondicionamento das merendas escolares, proibindo que fossem consumidas frutas verdes e da importância do consumo de água e de sua distribuição em tempo de epidemia, exigindo de cada escola pelo menos um filtro de água para as crianças consumirem, assim como trabalhar com as crianças a “higiene dos pés, mãos, roupas, material escolar, profilaxia, doenças, epidemias e moléstias”.

Segundo Larocca (2009, p. 136), a escola foi o “local onde a higiene formatou propostas de construção de modelos educacionais, formação de professores, inspeção de alunos e organização de espaços e equipamentos, objetivando a

formação de novos e higienizados cidadãos”. Nesta perspectiva, todo esse cuidado em orientar as crianças e suas famílias a terem hábitos saudáveis, também fazia parte de um projeto que visava moldar o sujeito e conseqüentemente, levá-lo a se tornar um cidadão mais produtivo para a sociedade. Assim:

[...] apresentar esse ideário às jovens normalistas fazia parte de uma estratégia dos médicos higienistas paranaenses: torná-las co-partícipes da construção de uma consciência sanitária nacional, na qual a educação higiênica impor-se-ia como complemento inseparável da educação geral e também como base formadora de cidadãos saudáveis e capazes de promover o progresso e a prosperidade (LAROCCA, 2009, p. 187).

Seguindo a proposta da escola nova de cooperação e de envolvimento entre escola, família e sociedade, foi discutido na 18ª aula sobre o Círculo de Pais, uma associação que tinha como propósito unir os pais dos alunos aos professores para que juntos superassem o abismo que havia entre a escola e o lar. De acordo com os registros no caderno, essa cooperação ocorreu de forma lenta, sendo criados primeiro os Jardins de Infância, em seguida surgiram as Associações Escolares, até ser criado o Círculo de Pais, uma associação independente, autônoma, organizada e orientada pelo professor, que desenvolvia reuniões com os pais, comunicando sobre os trabalhos efetuados e os pais se reiteravam do movimento e desenvolvimento dos seus filhos. Da mesma forma, deveriam ser discutidos nessas reuniões todos os assuntos referentes à escola, desde “livro, teatro, passeios, excursões” e até mesmo sobre uma festa.

Em seguida, foi ressaltado que nas escolas isoladas e rurais, a ação do professor no Círculo de Pais era ainda maior, devido “a ignorância do nosso caboclo” que muitas vezes não compreendia as iniciativas do professor. Além do mais, o professor deveria conquistar a confiança dos pais e a aprovação para melhorar a parte social e política da população.

A partir da 19ª aula, foram registrados temas como excursões, em que, “na Escola Nova os fins diferem muito das excursões que eram realizadas na escola antiga” partindo de fins recreativos para uma aprendizagem educativa, ficando a cargo do professor conhecer o lugar, estudá-lo, preparar a excursão, executá-la e avaliar os resultados. Tudo deveria partir da motivação, tanto que tais passeios poderiam ocorrer dentro da própria escola. Como exemplo, foi citado uma visita ao Museu da escola.

Os Museus Escolares também foi um dos temas, considerado de um “valor extraordinário na Escola Nova”, sendo registrado que na “escola antiga era um amontoado de cousas velhas” e já o atual tinha um valor científico, com a finalidade de instruir e educar, com valor “cívico, moral e até político, social”. Do mesmo modo, havia uma distinção em que “o museu da classe é o esforço de uma classe o escolar pertence a escola [sic] e o pedagógico pertence e auxilia os professores”. Entre todos, o mais valorizado é o da classe, que não precisava ser catalogado e nem ordenado, visto que guardava todas as espécies de objetos, tudo o que pertencia à classe, como os resultados dos trabalhos, gravuras, estampas, fotografias, tudo o que fosse utilizado na aprendizagem dos alunos, o colocando como agente de sua aprendizagem.

Entre os métodos que a Escola Nova acreditava serem viáveis para ensinar a criança, foram registrados os “Tabuleiros [sic] de Areia”, que nada mais eram que uma caixa de madeira com 1m por 1m e 0,20 cm de altura, com o fundo de espelho, onde era colocado areia úmida para modelagem, e o uso do cinema educativo como o mais completo meio de aprendizagem, com um valor indiscutível, onde se poderia ser trabalhado valores morais e cívicos e ao professor cabia a apropriação de filmes naturais do nosso país para contribuir com uma educação cívica na criança, despertando o amor ao que é seu.

No dia 29 de abril, foram registradas no caderno algumas discussões sobre jornais e revistas, que no ponto de vista didático, era também considerado um importante meio não só de informações, mas também de material de pesquisa. Era um meio de conhecimento que estava ao alcance de todas as pessoas, um meio de “conhecer o progresso econômico, científico, político, social e profissional”. Daí a necessidade do professor e dos pais desenvolverem na criança o hábito pela leitura de jornais e revistas, pois as crianças se interessam por assuntos variados. Entretanto, o professor deveria ser crítico e estar atento, pois nem todo o jornal, revista, livro ou filme foi feito para crianças.

Finalizando o semestre do primeiro ano na Escola de Professores de Curitiba, nas últimas três aulas foi discutido o tema “Globalização”, no sentido de globalizar as aulas, os assuntos, sempre com base científica. Este era o propósito da Escola Nova, fugir do sincretismo utilizado na Escola Antiga e relacionar todas as disciplinas que giram em torno do mesmo assunto, desenvolvendo a aula a partir de um centro de interesse. Como exemplo, foram citados dois métodos de sistema globalizado

que deveriam ser utilizados: o primeiro são os projetos em torno de um centro de interesse, nos quais seria possível desenvolver outros ensinamentos, porém, com uma execução livre, sem regras a obedecer, sendo mais utilitário e prático. O segundo foi o método Decroly como o sistema ideal de ensino globalizado, que se desdobra em forma de centro e subcentros de interesse.

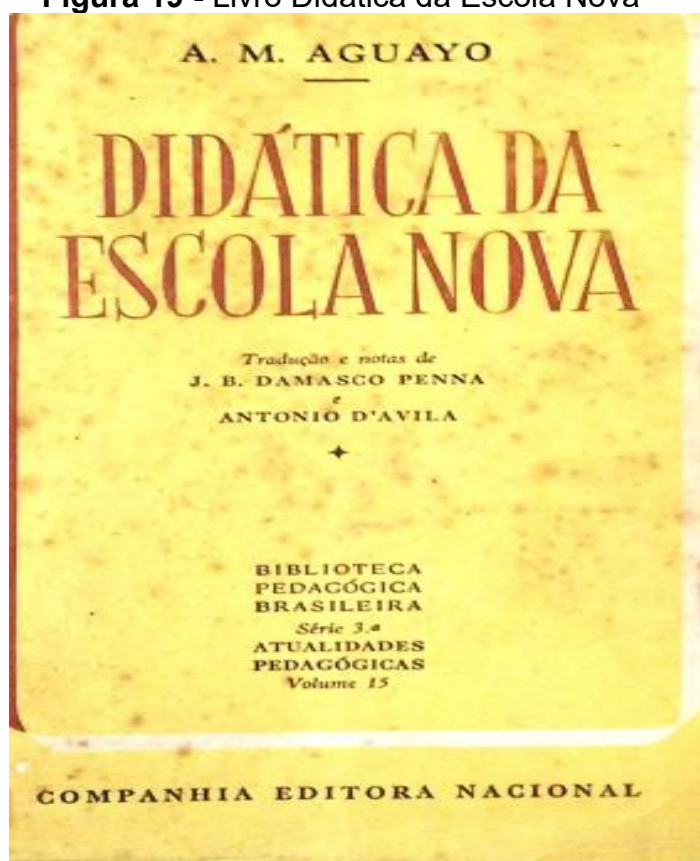
Nessa perspectiva, o método Decroly foi estudado em três partes:

1ª parte Observação: As escolas Decroly são sempre situadas fora das cidades, no campo onde é possível ter diversas espécies de animais, plantas, etc. Assim os animais domésticos, os jardins, as hortas, os pomares, etc. Assim a criança observando distingue [sic] os diversos tamanhos observando, comparando, medindo, tendo enfim noção de geometria material em relação a natureza ao objeto observado. Na observação ainda está incluído os conhecimentos de ciências físicas e naturais [sic] e ainda as lições de coisas [sic] observando e descrevendo.

2ª parte Associação: Adquiridos os conhecimentos por meio da observação surge uma série de conhecimentos dados pelo professor ou adquiridos em classe. A associação consiste em unir velhos conhecimentos aos novos. É a relação no tempo e no espaço, está incluído nesse estudo a história e a geografia.

3ª parte Expressão: É concretização dos conhecimentos adquiridos. Por meio da caligrafia, leitura, canto, a expressão pode ser concreta e abstrata. Este é um sistema preso a uma forma que é necessário obedecer (CADERNO DE METODOLOGIA, 1943).

Enfim, esse foi o último tema abordado no primeiro semestre, encerrado no dia 13 de maio de 1943. São registros que evidenciam um novo método de ensino pautado nos princípios da Escola Nova que, mesmo fundamentado na psicologia diferencial, colocava sempre a criança como ponto central e visava moldar o professor normalista de acordo com esta nova proposta de ensino. Tais marcas deixadas no caderno de metodologia, tão interligadas “à Escola Nova também pode ser compreendida como uma mimetização dos manuais pedagógicos que circulavam no período em que, como mencionado, faziam parte das aulas destinadas à formação docente” (ALMEIDA; POLETTI, 2019, p. 103). Após uma busca, encontramos digitalizado no acervo do Repositório Institucional da Universidade Federal de Santa Catarina o livro “Didática da Escola Nova” de Alfredo Miguel Aguayo, que apresenta indícios de que o livro tenha sido utilizado como apoio para as aulas de metodologia de Durval Pinto, visto que os temas discutidos e algumas vezes a sequência em que foram registrados no caderno são as mesmas do referido manual.

Figura 19 - Livro Didática da Escola Nova

Fonte: Repositório Institucional da Universidade Federal de Santa Catarina

Para além destas questões, conforme a escrita foi avançando no caderno, observamos que nem sempre a data que estava no início do tema discutido era a mesma do final do texto, demonstrando que muitos temas eram iniciados em um dia e finalizados em outro. Nas últimas quatro páginas, foram registrados os conteúdos do segundo semestre, que teve início em 20 de julho de 1943, com uma “Introdução ao estudo da metodologia da linguagem”. Foram registradas apenas três aulas sobre o tema, que finaliza com a frase “Escrever como se fala é o objetivo da composição na Escola Nova”, enfatizando o professor como um exemplo aos alunos, pois este deveria ter uma fala “clara, elegante cheia de personalidade”, um exemplo que visava mudar os vícios de linguagem adquiridos no meio familiar, ressaltando que “o ensino tornou-se mais difícil mas o resultado é muito mais eficiente, portanto muito melhor” evidenciando as transformações que a Escola Nova estava provocando na educação.

4.1.2 Caderno da Disciplina de Metodologia do Segundo Ano (1944)

No dia 5 de fevereiro de 1944, Durval Pinto teve a sua primeira aula de metodologia do semestre. O caderno utilizado para a disciplina de metodologia foi produzido pela “Papelaria Requião”, é de brochura, grampeado, e contém 29 páginas, todas com escritas da disciplina à caneta azul e preta. Diferente do caderno do primeiro ano da disciplina, neste, nem todas as aulas estão datadas.

Figura 20 - Caderno de Metodologia (1944)



Fonte: Acervo Pessoal do professor Durval Pinto - Museu UNESPAR-Apucarana/PR

Os temas discutidos no referido caderno continuam dando ênfase à Escola Nova e, na primeira aula, foi discutido sobre “Metodologia da Geometria”, indicando que ela deveria ser trabalhada desde o Jardim de Infância, pois tem utilidade educacional e prática. Como exemplo, foi registrado que “ao dar informação de uma rua a uma pessoa usa-se geralmente as palavras, siga em linha reta, ou a rua paralela a essa. Ainda vire na 1ª rua transversal a essa e estará no lugar desejado”, descrevendo que a geometria é utilizada em todos os momentos da vida.

Acrescenta também que na aprendizagem, auxilia a desenvolver a atenção, a memória, a imaginação, a precisão e a habilidade manual, que automaticamente tem

estreita relação com o desenho, educando os sentidos. Além disso, foram discutidos os objetivos da disciplina, o método que deveria ser utilizado para trabalhar a geometria e o processo, no caso, o analítico, em que seria apresentado à criança primeiro o objeto para observação, como um cubo e uma esfera, para que ela consiga depois compreender as suas linhas.

A segunda aula foi sobre ângulos, com um exemplo de como se trabalhar este conteúdo com as crianças, utilizando exemplos e fala simples para depois inserir uma linguagem mais correta. Segundo registros, o professor deveria utilizar objetos e materiais de dentro da própria sala para motivar os alunos, como o quadro, um livro ou a janela para ensinar o que é um canto, o que são medidas e as diferenças que há, para então chamar os cantos de ângulos.

Na sequência, foram realizadas aulas sobre os métodos de ensino de geometria que deveriam ser utilizados em cada ano escolar do ensino primário. Os processos aplicáveis deveriam partir de um conhecimento prático dos sólidos geométricos. No 1º ano, deveria ser trabalhado “Esfera e Hemisfério” e no 2º ano, “Ponto e Linha”. Em cada aula, foram citados exemplos práticos que poderiam ser realizados dentro da própria sala, com a utilização de jogos e brincadeiras que levassem a criança a compreender todo o processo de construção de tais formas.

O método sobre composição estudado no primeiro semestre do primeiro ano foi retomado nesta disciplina, quando o professor, a partir de uma figura e um desenho, consegue contar uma história e envolver a criança naquela aprendizagem, um método que parte da observação para memorização. É interessante notar que em meio à aula de geometria, surgem questões relacionadas à moral e higiene, lembrando ao professor a necessidade de introduzir estes temas durante os seus ensinamentos.

Na 9ª página, foram registrados alguns pontos do programa oficial de ensino, que trazia referência ao “ensino de requerimentos, ofícios, atas, letras, telegramas e cartas”. Segundo a Escola Nova, este trabalho deveria partir de uma iniciativa do aluno, por exemplo: Vamos dizer que um dos meninos da classe deseje que o horário de jogo seja prolongado. Neste caso, podemos aproveitar a oportunidade e o professor diz que este assunto pode ser somente resolvido pela diretoria. Surge então a oportunidade de elaborar um destes documentos junto com os alunos, mostrando todo o processo que deve ser realizado.

Da mesma forma, foi destacada a importância de ensinar as crianças a

escreverem cartas, visto que, “entre 10 pessoas 9 [sic]” tinham dificuldades em escrever uma carta, incentivando assim as crianças a utilizarem os correios escolares, trocando correspondências entre grupos ou até mesmo entre cidades.

Finalizando esta discussão, surgiu um dos maiores problemas da disciplina, que é a correção. Se fosse malfeita, acabaria prejudicando o desenvolvimento educacional da criança. Neste caso, foi registrado que o melhor método era o de corrigir o texto de forma verbal, mostrando não só a letra errada, mas a palavra toda, circulando-a em vermelho para que a criança percebesse e não voltasse a errar. Já a partir do 3º ano, a criança, com a ajuda do dicionário, já poderia corrigir seu próprio trabalho. Outro método de correção citado foi o de troca, no qual um aluno corrigia o trabalho do outro, um meio de socialização dentro da própria escola.

A aula seguinte foi sobre metodologia das Ciências Naturais, com os seus objetivos e normas e sobre como o professor deveria orientar as crianças nas observações das Ciências Naturais baseadas nos princípios da Escola Nova. Como sugestão, foi descrita a organização e cultivo de canteiros, aquários, viveiro de pássaros e criação de pequenos animais no ambiente escolar. Sem dúvidas, tais questões poderiam ser mais bem trabalhadas em um ambiente externo, como nas excursões escolares, tema que foi registrado na aula do dia 7 de março, mas que já havia sido discutida no primeiro ano do curso.

Para que ocorresse uma aprendizagem significativa de acordo com as ideias escolanovistas, era preciso despertar na criança o desejo de aprender cada vez mais e, quando não fosse possível trabalhar ciências naturais em um ambiente externo, era preciso utilizar materiais de qualidade, que chegassem a ser quase uma cópia exata da natureza, em suas cores, formas e tamanho.

Um método apontado como importante foi o uso de questionários, um modo de trabalhar a partir da observação pessoal do aluno, que leva a criança a fazer hipóteses e facilita o trabalho do professor, pois é feito com todos os alunos ao mesmo tempo. Entre alguns modelos de questionários que estavam registrados no caderno, elencamos como exemplo o “Questionário Zoológico” intitulado “A rã”. São 16 questões para serem aplicadas em turmas do 2º e do 3º ano, que devem desenvolver no aluno o espírito de análise e de iniciativa.

1ª - Onde vivem as rãs?

2ª - Como se mantem quando descansam?

3ª - Como se movem na herva [sic]?

4ª - Observe para onde elas fogem quando nos aproximamos?

- 5ª – Observe o tempo que leva entre o salto de uma rã para a água e aquele que ela toma a superfície?
- 6ª - Procure apanhar uma rã. Que sensação experimenta quando a toca?
- 7ª - Que diferença há entre esta sensação e a que se experimenta quando se toca ao corpo de um pássaro?
- 8ª - Observe o movimento de sua respiração, onde se efetua?
- 9ª - Abre a boca para respirar?
- 10ª - Compare a pele da rã com a do peixe e pássaro?
- 11ª - Compare os olhos de uma rã com os de uma carpa, de uma galinha, de um cão?
- 12ª – Messa [sic] uma pata posterior e uma pata anterior. Qual é a diferença entre as duas?
- 13ª – Observe os dedos de uma pata posterior e compare-os [sic] com os dedos da pata anterior (número de dedos) consistência membranas, etc. Desenhe-os.
- 14ª – Em que momento do dia se ouve principalmente o coachar das rãs?
- 15ª – Há semelhança entre a rã e o sapo? Vivem nos mesmos lugares [sic], tem o mesmo jeito?
- 16ª - Procure alguns, ponha-os num recipiente adequado com algumas plantas aquáticas, notem diariamente as mudanças que se operam?

Na aula de metodologia sobre História do Brasil, foi fortemente discutida a formação do sentimento nacional em geral, do caráter da criança em particular e da unidade dos brasileiros. Ressaltando que essa disciplina na escola antiga prezava mais os aspectos culturais, já na Escola Nova, o mais importante era tornar a criança um “cidadão ainda mesmo que ele não tivesse guardado o nome de um vulto histórico”.

Logo, o ensino de História do Brasil era expositivo e dependia apenas do professor, diferente das aulas de Ciências Naturais, em que o aluno se envolvia de forma concreta no processo de aprendizagem. Por este motivo, muitos pensadores eram contra a introdução da História no ensino primário, dizendo que era uma disciplina contrária à psicologia da criança, e que a criança é péssima ouvinte. Novamente, cabia ao professor reinventar métodos para dar as aulas de História visando despertar o interesse do aluno, então, foram apontados alguns pontos que auxiliariam neste processo, porém, todos com o objetivo moral e cívico.

As últimas páginas do caderno foram dedicadas à Metodologia da Geografia, considerada a mais sensível e mais profunda, a revolução do ensino e do modo de ensinar. O desenvolvimento mental da criança foi posto nos registros como o primeiro objetivo da geografia, já que desde a escola de Pestalozzi já tinha sua base na intuição e na observação, e o segundo objetivo consistia em desenvolver o

sentimento cívico.

Para alcançar o segundo objetivo, o professor deveria buscar apoio na história, pois era preciso elevar a pátria, “mais pelo que ela foi do que pelo que ela é” e, como instrumento para trabalhar esse sentimento patriótico, foi discutida a extensão territorial e a situação do país que estava recebendo muitos imigrantes e que precisava fazer dos filhos desses imigrantes outros tantos brasileiros. Ressaltasse que tudo na Geografia tem um porquê e o professor deveria levar a criança a descobrir esses porquês, do mesmo modo que o desenvolvimento da observação era utilíssimo para a vida prática, para o raciocínio e para a reflexão.

Os cadernos de metodologia do professor Durval Pinto que foram selecionados para esta pesquisa são de disciplinas que ele cursou entre 1942 e 1944, na Escola de Professores de Curitiba. Durante este período, o sistema político brasileiro passava por mudanças, já iniciadas na Revolução de 1930, quando Getúlio Vargas como candidato à presidência da República, se colocava como portador de um novo tempo. Com a instalação do Estado Novo em 1937, a ideia do “novo” ganhou mais força e foi marcado como o terceiro momento político da Era Vargas, que durou de 1930 a 1945 (COSTA, 2016).

É essencial destacar que, neste período, foram aprovadas duas reformas educativas, a do Ministro Francisco Campos, em 1931, e a do Ministro Gustavo Capanema, em 1942, assim como foi criado o Ministério da Educação e Saúde Pública, além de grandes discussões sobre a Escola Nova. Foi um período em que “[...] a educação secundária passou por um notório processo de expansão e, dada a sua característica de formadora da juventude brasileira, foi campo de disputa entre propostas e projetos distintos de nacionalidade” (COSTA, 2016, p. 88).

Santos (2007) acrescenta que entre 1937-1945, Getúlio Vargas implementou nas escolas medidas de cunho nacionalistas e, para concretizar essas medidas, a utilização dos cadernos foi imprescindível, uma fonte complexa que:

Reúnem subsídios diretos e indiretos para o estudo das práticas e contextos educativos de certo período histórico. Produtos da instituição escolar, os cadernos podem expressar aspectos das relações que a escola mantinha quer na comunidade mais próxima, quer na organização social e política mais ampla, desvelando o papel de sujeitos como professores, alunos e administradores, assim como permitindo conhecer elementos das práticas pedagógicas que utilizam os registros escritos como sustentação (SANTOS, 2007, p. 78).

Portanto, por meio do acervo pessoal do professor Durval Pinto e tendo como suporte seus cadernos escolares, buscamos compreender um pouco da sua vivência como aluno na Escola de Professores de Curitiba durante a efervescência do movimento escolanovista, assim como afirmar a forte influência que esse movimento teve em sua formação docente, para então entender, a partir da próxima e última seção, que caminhos o professor trilhou após se formar na capital Curitiba.

5 DURVAL PINTO: A TRAJETÓRIA PROFISSIONAL DE UM PROFESSOR QUE PRECISOU SE INTERIORIZAR

Por meio das fontes documentais disponíveis no arquivo pessoal do professor Durval Pinto (Diários pessoais, cadernos de anotações, documentos pessoais e profissionais), nos empenhamos em analisar a sua trajetória profissional, levando em consideração Durval Pinto como um professor que foi formado na mais bem conceituada Escola de Professores do Paraná, com um método de ensino renovador, e que foi obrigado a se interiorizar. Isso nos levou a refletir sobre: Qual a realidade que Durval Pinto encontrou após pegar o seu diploma de normalista?

Vale ressaltar que, mesmo antes de Durval Pinto concluir sua formação na Escola de Professores em 1944, ele já foi nomeado pelo Interventor Federal do Estado do Paraná, Manuel Ribas, para reger uma das classes de uma escola regimental do 5º R.C.D.²¹ no Boqueirão, bairro de Curitiba (ANEXO C). Logo após ser diplomado, mais especificamente no dia 16 de fevereiro de 1945, foi contratado em caráter experimental pelo período de 6 meses – até ser efetivado em 21 de agosto – para lecionar na Escola de Aprendizagem do SENAI²² de Curitiba/PR. No dia 26 de janeiro de 1946, Durval Pinto foi transferido para o SENAI de Siderópolis/SC e segundo o documento expedido pelo próprio SENAI, ele receberia oitocentos cruzeiros, que era seu salário mensal, mais uma ajuda de custo de duzentos cruzeiros por permanência naquela localidade, assim como seriam pagas as despesas de viagem. Passados quatro meses, Durval Pinto recebeu um comunicado relatando que devido às necessidades locais, ele seria transferido para Joinville/SC, ficando lá até enviar seu pedido de demissão, que foi atendido pelo SENAI em junho de 1947 (ANEXO C).

Ao inventariar o arquivo pessoal de Durval Pinto, encontramos uma agenda de capa dura de 1946; nela, estão rascunhadas 51 cartas que supostamente foram enviadas por Durval Pinto aos amigos da Escola de Professores, à família, à Dona

²¹ Regimento de Cavalaria Divisionária Boqueirão - Art. 3º Estas escolas terão por fim ministrar a instrução elementar às praças de pret do Exército e preparar inferiores para o serviço dos corpos arregimentados. Regulamento para os institutos militares de ensino (DECRETO Nº 5.698, 1905).

²² “Criado em 22 de janeiro de 1942, pelo decreto-lei 4.048 do então presidente Getúlio Vargas, o Senai – Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial – surgiu para atender a uma necessidade premente: a formação de profissionais qualificados para a incipiente indústria de base. Já na ocasião, estava claro que sem educação profissional não haveria desenvolvimento industrial para o país. É uma entidade de direito privado organizado pelo empresariado industrial [...] No Paraná, se instalou-se em 12 de março de 1943” (SENAI, [s.d.]).

Maria, bibliotecária da Escola de Professores, entre outros conhecidos. Esses rascunhos relatam em detalhes o período em que Durval Pinto trabalhou no SENAI até ser convidado a assumir a diretoria do Grupo Escolar Ubaldino do Amaral, em Santo Antônio da Platina, norte do Paraná. Nas palavras de Durval Pinto, encerrava ali um ciclo bem difícil de sua vida.

Segundo os registros de Durval Pinto, ao chegar em Joinville/SC, ele se hospedou em uma pensão localizada na área central do município, bem próxima à escola em que iria trabalhar. Na escola, ele cumpria uma carga horária de 7h por dia. No dia 23 de maio de 1946, enviou a primeira carta à sua mãe relatando que a pensão era de uma senhora alemã muito limpa e que servia boas refeições e que ele dividia o quarto com um colega que já conhecia em Curitiba. Nessa pensão, ele ficou até o mês de outubro, pois a dona não serviria mais as refeições, forçando-o a mudar-se para outro espaço.

Logo que Durval Pinto se mudou, enviou cartas aos pais e a diferentes amigos, visando compartilhar seu novo endereço e relatar um pouco da sua nova empreitada. Em um dos trechos de uma carta enviada à família Dietzelds, registrou um pouco do que encontrou na nova escola e os projetos que tinha:

Estou procurando dissolver os marcos de turmas e cursos para criar um único pensamento central a “Associação” dos Trabalhadores Menores de Joinville. Uma das cousas [sic] que muito me fez pensar foi a organização de grupo homogêneo em idade, afinidade, psicológico e interesse. Consciente de minha responsabilidade iniciei esta 2ª jornada longa e árdua. Sei que há inúmeros obstáculos a transpor. Mas, não há por certo um caminho para a glória, que não esteja entulhada de pedras. A vida não teria sabor se tudo fossem rosas, se tudo fosse luz, se tudo fosse música! É a sucessão de contrastes que apura a sensibilidade, que refina os sentidos. É preciso esbarrar no cardo, para depois sentir melhor a maciez da pétala da flor! E, após a escuridão como a luz é preciosa e divina! Guia-me o meu ideal, esse facho luminoso, que ascendi na Escola de Professores. Levo a alma transbordando do desejo de realizar e os olhos irizados de esperanças (AGENDA DE DURVAL PINTO, 1946, p. 12).

Neste trecho, Durval Pinto expressou um certo entusiasmo, mas que aos poucos foi diminuindo, como podemos notar em uma carta rascunhada no dia 2 de junho de 1946. Durval Pinto a inicia dizendo que a “coisa ia mal”, reclamou da falta de professores no SENAI, relatou que foi encaminhado para dar aulas de Trabalhos Manuais e Educação Física, mas que ao chegar lá, “era pau para toda obra”, argumentou sobre a falta de recursos, dos alunos e principalmente de uma turma em

específico, que anteriormente foi do seu amigo Cid, da Escola de Professores, que deixou o cargo para assumir uma turma na capital Curitiba. Ao relatar sobre seus alunos, menciona que usava fichas de controle individual guardadas em um arquivo pessoal (AGENDA DE DURVAL PINTO, 1946, p. 85).

Criar classes homogêneas e ter um controle dos alunos em forma de fichas individuais foram estratégias utilizadas por Durval Pinto baseadas na proposta de ensino que recebeu em sua formação. Como já citado, nessas fichas, ficariam registrado os pontos altos e os pontos baixos dos alunos, visando facilitar o trabalho do professor e o desenvolvimento das aulas. Ali também estariam contidas informações individuais de cada aluno, questões relacionadas ao nível de inteligência, cultura, dedicação ou prestígio diante da classe (PILOTTO, 1946).

Quanto ao discurso de que na Escola de Professores de Curitiba, independente da educação que os alunos recebiam (Psicologia Diferencial), todos foram capacitados com uma “educação geral sólida que lhes garantisse o domínio dos conhecimentos e o enfrentamento do cotidiano da escola” (MIGUEL, 2008, p. 17), Durval Pinto descreve em poucas palavras o que sentiu ao encarar a realidade das escolas, pois, ao chegar nesses locais, o professor encontrou uma relação contrária entre teoria e prática e toda a proposta apresentada na Escola de Professores precisou ser adaptada, valorizando mais a prática do que a teoria. Nas palavras de Durval Pinto: “Houve em minha personalidade uma transformação lenta, sutil, inexplicável. Ao emergir dos sonhos, descortinou-se, diante de mim, a vida prática” (AGENDA DE DURVAL PINTO, 1946, p. 118). Este sentimento vai em sentido contrário aos ideais que o jovem recém-formado tinha, de mudar o mundo através da educação.

Passados alguns meses, Durval Pinto responde a carta de seu amigo Leonardo, enviada no dia 1º de novembro de 1946, dizendo que estava trabalhando durante o dia como professor e à noite, cumpria a carga horária de 3h em uma empresa metalúrgica como torneiro. Ele relatou que esse trabalho extra seria tanto para levantar um dinheiro a mais, quanto para passar o tempo, já que ficava com as noites ociosas e a cidade não era muito movimentada naquele período (AGENDA DE DURVAL PINTO, 1946, p. 88).

Em maio de 1947, em duas cartas endereçadas aos seus pais, Durval Pinto cita uma conversa que teve com Erasmo Pilotto sobre a possibilidade de dar aulas no Paraná, e que aguardava uma resposta. Tal resposta chegou subitamente, ao ser

convidado a assumir, a partir de setembro de 1947, o cargo de diretor no Grupo Escolar Ubaldino do Amaral em Santo Antônio da Platina, norte do Paraná, uma notícia que resgatou seu entusiasmo.

Considerando seus registros, podemos afirmar que aos 23 anos de idade, Durval Pinto iniciou uma nova etapa de sua vida e passou a enviar cartas aos seus amigos, contando a novidade e passando seu novo endereço. É interessante observar que em nenhuma das cartas Durval Pinto colocou o endereço de onde morava, mas sempre do Grupo Escolar. Entre tantas cartas rascunhadas, destacamos a que ele enviou ao prefeito municipal, se apresentando como novo diretor do Grupo Escolar Ubaldino do Amaral e falando da necessidade de trabalharem em conjunto para obter bons resultados, e a endereçada aos seus pais, datada em 20 de outubro de 1947, relatando que já havia recebido a visita do Delegado de Ensino e do Secretário de Educação de São Paulo. Nessa carta, ele cita que as professoras do Grupo Escolar cumprem suas funções com boa vontade, que aceitam com entusiasmo a incumbência de realizações novas, dentro dos princípios que renovam as atividades escolares, e que já tinha sido nomeado pelo juiz de Direito da cidade presidente da mesa eleitoral que funcionava no Grupo Escolar (AGENDA DE DURVAL PINTO, 1946, p. 134).

De acordo com o documento expedido pela Prefeitura Municipal de Santo Antônio da Platina, no dia 16 de junho de 1948, Durval Pinto assumiu também a Inspeção Municipal de Ensino. Em outubro do mesmo ano, o secretário de educação e cultura o nomeou para exercer o cargo de Inspetor de Ensino também em Cinzas e Abatiá, acumulando os cargos de diretor e inspetor.

Tal acúmulo de cargos era algo comum e a nomeação veio da necessidade do estado de fiscalizar as escolas que estavam sendo instaladas em diferentes localidades. Para isso, foi desenvolvida uma estrutura complexa na inspeção do ensino paranaense:

[...] que era composta pelo secretário do interior, o inspetor geral, os delegados de ensino e os inspetores escolares. O inspetor geral era o responsável por toda a fiscalização do ensino no estado. Além de visitar escolas, ele formulava um relatório que aglutinava os relatórios enviados pelos delegados e inspetores escolares, e nesse relatório apresentava ideias para modificar e melhorar o sistema de ensino. Essas ideias foram relevantes e, em sua maioria, foram implementadas pelo presidente/governador do estado (SANTI; SCHELBAUER; CASTANHA, 2022, p. 3).

Nas palavras de Santi, Schelbauer, Castanha (2022, p. 3) os inspetores de ensino tiveram um papel relevante no desenvolvimento educacional do Paraná, pois além de serem os intermediários entre escola e governo, eles fiscalizavam, buscavam melhorias para as escolas, orientavam os professores, o que muitas vezes era o único contato que o professor tinha com as mudanças que vinham ocorrendo na educação, ademais, “[...] disseminavam um tipo de ensino que tinha por base a alfabetização e a nacionalização”.

Portanto, Durval Pinto, formado na capital, nos preceitos da Escola Nova, tinha tanto como professor quanto como inspetor a “função de modificar o meio ambiente, através da transmissão dos conhecimentos para os alunos e da ação educacional sobre o lugar no qual estivesse situada a escola” (MIGUEL, 1992, p. 143).

É essencial destacar que estava nos planos do governador do Paraná, Moyses Lupion, dar mais atenção às escolas da área rural, pois considerava este um dos pontos mais críticos da educação no estado. Então, o governo entrou em acordo com os municípios e assumiu a responsabilidade em dar “um auxílio financeiro para abertura de novas escolas, e se compromete a prestar às unidades que são dêsse modo abertas, tôda a assistência, matéria e técnica necessárias” (PARANÁ, 1950, p. 144). Porém, não era o suficiente apenas abrir escolas, era preciso “[...] melhorar o rendimento do mestre atual, êsse professor que, sem dúvida com a maior boa vontade, vem dando o que lhe é possível, em favor da criança de nossa terra, na zona rural” (PARANÁ, 1950, p. 145). Sendo assim, resolveu primeiramente investir nos professores que já trabalhavam nas escolas primárias, convocando os inspetores escolares de cada Delegacia de Ensino para receberem capacitação e, em seguida, voltarem para seus municípios e organizarem cursos rápidos de 10 dias, direcionados aos professores rurais (PARANÁ, 1950).

Entre os inspetores convocados estava Durval Pinto, que recebeu no dia 25 de fevereiro de 1949 a carta do Secretário da Educação Erasmo Pilotto para assumir a liderança no Curso de Orientadores do Ensino Rural, promovido pelo Instituto de Educação de Curitiba, que visava atender dez escolas primárias isoladas rurais que serviriam como padrão para o Estado. No documento, consta que Durval Pinto deveria pedir a inscrição ao referido curso e dirigir-se ao Instituto de Educação. Entre os trinta dias de curso, dez dias foram em Palmeiras, dez em Cerro Azul e dez em Guarapuava (PARANÁ, 1949).

Figura 21 - Certificado do Curso de Orientação da Escola Primária Rural (1949)



Fonte: Acervo Pessoal do professor Durval Pinto - Museu UNESPAR-Apucarana/PR

Logo que terminou o curso – como podemos observar na figura 21 –, devido ao título de experiência que tinha, Durval Pinto foi convidado por meio de um documento expedido pelo Secretário de Educação e Cultura a deixar definitivamente o cargo de diretor e de Inspetor de Ensino, no qual:

Depois da realização do Curso de Orientadores do Ensino Rural no qual tive-te atuação brilhante como era de esperar, auxiliando esta Secretaria de Educação e Cultura com todo seu esforço que já é tido como de um “LÍDER DO PROFESSORADO MOÇO DO PARANÁ” e tendo em vista a organização dos Cursos Normais Regionais a título de experiência muito e muito desejo contar com seu concurso e por isso estou lhe dirigindo agora êste apêlo, no sentido de que peça sua transferência da Inspetoria de Ensino de Santo Antônio da Platina para Apucarana, onde deveis observar aproximadamente 100 alunos de ambos os sexos, vindos das mais diversas camadas sociais. Indivíduos cheios de complexos de inferioridade que trazem quase como carga hereditária. Indivíduos que sempre pensaram pouco e como consequência lógica, sempre conseguiram pouco, é com esse agrupamento que

deveis iniciar o teu novo trabalho. Interessado como és no um único objetivo, EDUCAR, reúna os alunos estude as suas reações, observe os professores da redondeza, pense e entre em ação (PARANÁ, 1949).

Esses alunos a quem o Secretário de Educação se refere são os candidatos a uma vaga no Curso Normal Regional que estava sendo instalado em Apucarana/PR, que visava suprir a falta de professores capacitados para atender o primeiro Grupo Escolar que estava sendo instalado em um prédio novo na área central. Enquanto o professor Durval Pinto fazia o Curso de Orientadores do Ensino Primário Rural, esses candidatos já se preparavam para o processo seletivo que garantia uma vaga no curso Normal Regional.

Dos 100 candidatos que compareceram, como já citado no documento da Secretaria de Educação, foram aprovados 92 e reprovados 8. O vestibular ocorreu no dia 10 de março de 1949 e dois dias depois ocorreu, no salão do Cine Apucarana, em sessão solene, a instalação do Curso Normal Regional no município, conforme o Decreto 6.165, de 12 de fevereiro de 1949.

Hervatini (2011) ressalta que a partir da Lei Orgânica do Ensino Normal de 1946, as Escolas Normais Regionais foram instaladas nas cidades do interior dos Estados e, no caso das regiões interioranas do Paraná estes foram os primeiros cursos de formação de professores, uma importante modalidade que visava qualificar professores para atender o ensino primário, já que esta era uma das preocupações do governo do estado.

Depois que aceitou o convite do secretário de Educação para atender o Curso Normal Regional de Apucarana, o professor Durval Pinto mudou-se para um Hotel e relatou por meio de uma carta enviada à colega Mathilde que estava em um novo campo de luta, com alunos das mais variadas camadas sociais, alguns simples e tímidos, outros espertos e ousados. Argumentou que em seus planos educacionais, tinha o intuito de reunir os alunos, estudar suas reações e organizar planos, “vastos planos”, para formar uma consciência social em torno da qual deveriam girar todos os interesses dos alunos. Assim, precisava dissolver os marcos de turmas, visando criar um único pensamento, e para isso, citou que a primeira atitude a ser feita seria organizar os grupos homogêneos em idade, afinidade psicológica e interesse, método que utilizou anteriormente em outras escolas.

No Curso Normal Regional, Durval Pinto assumiu também a regência das

disciplinas de matemática, geografia, trabalhos manuais, desenho, educação física e psicologia educacional e, de acordo com o documento enviado pelo Secretário de Educação e Cultura (1949), teria 67 aulas por mês e receberia CR\$20.00 por aula, mais o padrão “G” e uma gratificação mensal que seria ofertada pela prefeitura, de CR\$1.000,00. Ademais, “mais do que uma vez precisará por certo trabalhar em horário extra escolar dando mais aulas do que as previstas na Lei Orgânica do Ensino Normal” (PARANÁ, 1949).

No mesmo ano, para preencher as horas, Durval Pinto assumiu o cargo de Inspetor de Ensino em Apucarana e relata em cartas rascunhadas a um colega que também participou do Curso de Orientadores do Ensino Primário Rural. Em outra carta, destinada ao Secretário de Educação e Cultura Erasmo Pilotto, fala sobre o trabalho que estava desenvolvendo nas escolas rurais isoladas, localizadas em Apucarana e região. Descreveu que visitou todas as escolas municipais e estaduais, o que “foi um labutar sem fim, em ônibus, caminhões, automóveis, no lombo de animais, a pé, enfim de todos os modos”. Destacou os trabalhos que foram desenvolvidos na Escola Municipal de Pirapó, que funcionava no patrimônio Pirapó, a 8 quilômetros de Apucarana, as conversas com os professores que apontaram as falhas e a resolução de alguns problemas que a escola enfrentava, como colocar vidraça, pintar a sala de aula, instalar um parquinho, comprar filtro de água e até vasos de flores, porém, ressalta que a falta de tempo, a distância da escola da cidade e a dificuldade em adquirir material de construção atrasou um pouco o seu trabalho (CADERNO DE RASCUNHOS DE DURVAL PINTO, 1949).

Como o caso dessa escola, Durval Pinto citou outras, em que chegou com suas ferramentas de marceneiro e modificou os ambientes. Contudo, finaliza a carta afirmando que: “Isso tudo é nada diante do compromisso que assumi perante o mestre Erasmo no Curso de Orientadores do Ensino Rural” (CADERNO DE RASCUNHOS DE DURVAL PINTO, 1949).

Durval Pinto seguiu em sua carreira docente atendendo às necessidades educacionais de Apucarana e região. Em um documento da Câmara Municipal de Apucarana (1978) que pertence ao arquivo pessoal de Durval Pinto, encontramos especificado o período e os cargos ocupados por ele, assim como o local em que exerceu cada função (ANEXO C). A partir do referido documento, nos detemos a seguir em completar sua trajetória profissional a partir do que já foi discutido.

1953 – Um dos fundadores da Escola Normal Secundária de Apucarana, lecionou Psicologia Educacional, Higiene Escolar e Estudos Brasileiros e Paranaenses.

1956 – Diminuiu as atividades em Apucarana e começou a atender na Escola Normal de Mandaguari/PR, com as aulas de Estudos Brasileiros e Paranaenses, Desenho e Artes Aplicadas e Psicologia Educacional.

1956 – Por motivos políticos, foi transferido para Santa Cruz do Monte Castelo/PR, assumindo a direção do Grupo Escolar e sendo professor do Curso Normal Regional.

1957 – Voltou para Mandaguari/PR, para lecionar no Curso Normal Regional e na Escola Secundária.

1959 – Novamente por questões políticas, foi transferido para o Grupo Escolar Rocha Pombo e para a Escola Normal Ginásial Silveira Bueno, de Bom Sucesso/PR.

1962 – Por ato do Governador Ney Amintas de Barro Braga, foi readmitido no Curso Normal Ginásial Pestalozzi, em Apucarana, mas continuou lecionando em Mandaguari/PR até 1963, quando acumulou funções no Grupo Escolar Guilherme da Mota Correia.

1964 – Foi nomeado diretor do Grupo Escolar Cezar Lattes de Cambira/PR.

1965 – Fundador e diretor do Ginásio Gonçalves Dias, da cidade de Cambira/PR.

1968 – Escola Normal Colegial Estadual Ovídio Decroly, em Apucarana.

1969 – Em paralelo às atividades da Escola Normal de Apucarana, participou da banca examinadora do concurso para professor primário do Paraná, fiscalizando estagiário nos municípios de Califórnia, Marilândia do Sul, Faxinal, Borrazópolis e Cambira.

1971 – Foi extinta a Escola Normal Colegial Estadual Ovídio Decroly e Durval passou a prestar serviço ao Colégio Nilo Cairo, no ensino de 1º e 2º grau, até sua aposentadoria.

De acordo com a Resolução Nº 7.854, o professor se aposentou em 1981 por invalidez e faleceu em 27 de outubro de 1984, após ficar 4 meses internado com várias complicações renais e uma perna fraturada. Assim como um pedido de ajuda para doação de sangue, sua morte e a missa de 7º dia foram divulgados na imprensa local, cujos recortes fazem parte do acervo pessoal de Durval Pinto (ANEXO C).

6 CONCLUSÃO

Ao encontrar o primeiro documento do arquivo pessoal do professor Durval Pinto, nem imaginávamos a quantidade ou a qualidade do material contido nele, ou se esse material era relevante para a pesquisa historiográfica. Este primeiro contato nos deu indício dos vestígios deixados por esse professor, nos despertando a curiosidade sobre quem foi Durval Pinto e porque esse acervo estava no museu da UNESPAR - Campus Apucarana. Consequentemente, foram surgindo outras perguntas e, conforme ia aparecendo mais material, mais perguntas. Quando percebemos, estávamos envolvidas na trajetória de uma vida acadêmica e pessoal.

Essa trajetória foi entendida por meio de papéis que o próprio produtor selecionou e guardou por toda a sua vida, materiais cheios de sentimentos. Podemos dizer que é um pouco estranho falar de sentimentos em uma pesquisa historiográfica, porém, não poderíamos deixar de expressar o valor deste tipo de material não só para a pesquisa, mas também para quem o produziu, imaginando o que pode estar guardado em tantas outras caixas, baús ou gavetas nas casas de professores ou até mesmo sob a guarda de alguma instituição.

Nesta perspectiva, entre tantos materiais do arquivo pessoal de Durval Pinto, encontramos um caderno pequeno de capa dura, azul escuro, com folhas amareladas pelo tempo, contendo 66 páginas, na abertura, há o desenho de uma bigorna, embaixo está escrito “Lembranças”, seguido da assinatura de Durval Pinto.

O caderno encontrado é onde Durval Pinto guardou como lembrança a assinatura de seus primeiros alunos da Escola de Aprendizagem de Curitiba – SENAI de 1946. Na segunda página, está registrada uma dedicatória aos seus alunos, que termina com a seguinte frase: “E quando o futuro tornar-se presente lembrar-me-ei do passado e lá vos encontrarei. Que as águas da vida jamais destruam as nossas amizades é o que sinceramente deseja o professor Durval”.

Dando sequência, foram sendo registradas as assinaturas de outras turmas, de diferentes escolas e localidades, totalizando uma média de 1500 assinaturas. Um simples caderno que representa bem a trajetória profissional de Durval Pinto, que traz em sua primeira página a assinatura dos alunos de Curitiba de 1946, período em que iniciava sua carreira docente e na última, uma turma do Colégio Nilo Cairo/Apucarana, de 1975, poucos anos antes de se aposentar. Como já explicitado, esse tipo de material nos leva a compreender a construção de ser professor, são

assinaturas que passam pelo 4º ano primário, pelos alunos do Curso de Escavação das Minas de Carvão do SENAI, pelas normalistas, pelos alunos do ginásio, entre tantos outros. Uma recordação singela, mas significativa.

Como o caderno, encontramos cartas que apontam que o professor manteve contato com alguns de seus alunos durante anos, buscando notícias e oferecendo ajuda caso precisassem, este material cheio de sensibilidades demonstra também o amor que Durval Pinto tinha pelos seus alunos.

Voltando ao nosso objetivo, iniciamos a pesquisa fazendo um levantamento do arquivo e, percebendo que tais documentos levariam a um amplo campo de pesquisa, tornando necessário um estudo mais intenso e com uma demanda maior de tempo, focamos nossos estudos no período em que Durval Pinto estudou na Escola de Professores de Curitiba (1942-1944). Esta decisão foi tomada diante da quantidade de material relacionado à formação de Durval Pinto que estava guardados em seu arquivo.

A partir deste momento, começamos a tecer uma teia de relações sobre o que foi a Escola de Professores de Curitiba como um espaço de formação docente, fazendo uma aproximação com o movimento escolanovista e os sujeitos que fizeram parte do processo de consolidação e disseminação desse modelo de educação.

Na primeira seção, apresentamos a Escola de Professores de Curitiba – criada a partir do código de educação de 1937, mantendo essa nomenclatura de 1938 a 1946 – como o cenário ideal para formar em dois anos de curso professores primários que levariam por todo o estado uma educação pautada no nacionalismo, patriotismo e na moral. Diante do crescimento da indústria, do comércio, da urbanização e do processo de colonização do estado do Paraná nas primeiras décadas do século XX, a escola foi vista como a solução para o problema do atraso, pois ela tanto capacitava a população para o trabalho, quanto moldava hábitos e costumes, criando um novo homem.

Logo, influenciado por várias linhas filosóficas, Erasmo Pilotto implantou dentro da escola de Professores um modelo de educação embasado em uma dimensão humanística, social e cultural, que seguia os princípios da metodologia científica, da biologia e da psicologia, ideias relacionadas ao escolanovismo, que colocavam o aluno como o centro do ensino-aprendizagem e o professor, com o seu espírito renovador, como responsável por modificar o meio ambiente onde estivesse localizada a escola, principalmente as escolas localizadas nas áreas rurais.

Finalizando a primeira seção, Durval Pinto nos mostrou a força que o movimento escolanovista exercia dentro da Escola de Professores de Curitiba, durante os seus dois anos de formação, como pôde ser observado no convite, nos discursos, na formatura, no jornal interno do qual participou e nos cadernos escolares, principalmente nos de metodologia.

Na segunda seção, utilizamos alguns cadernos escolares de Durval Pinto enquanto aluno da Escola de Professores de Curitiba (1942-1944), ressaltando-os como uma fonte legítima de pesquisa. Esses cadernos foram discutidos a partir do sujeito produtor do material (Durval Pinto), do tempo em que foi produzido (1942-1944) e da concepção pedagógica utilizada em seus registros (escolanovismo). Entre os onze cadernos escolares de Durval Pinto, foram os de metodologia – mesmo com uma escrita engessada – que apresentaram de forma objetiva as mudanças que vinham ocorrendo na educação e a influência que o movimento escolanovista, que supostamente os preparava para enfrentar a realidade das escolas que estavam sendo instaladas nas mais longínquas cidades do Paraná, exerceu na formação dos professores primários do Paraná naquele período.

Na última seção, discutimos de forma concisa a trajetória profissional do professor Durval Pinto, que viveu até os 20 anos na capital Curitiba, mas após se formar, foi direcionado a atender a demanda do estado por professores capacitados para lecionar nas escolas que estavam sendo instaladas, principalmente as localizadas nas áreas rurais. Apesar de Erasmo Pilotto ter citado Durval Pinto em alguns documentos expedidos pela Secretaria de Educação e Cultura como um “líder do professorado jovem”, a liderança que conquistou foi sempre longe da capital, da família e dos amigos. Durval Pinto nunca alcançou o privilégio de ocupar um cargo na capital e a ausência dos entes queridos causou danos significativos à sua vida pessoal.

Notamos que ao encarar a realidade das escolas públicas no interior do estado, Durval Pinto foi sempre um otimista – mesmo afirmando que a prática não condizia com as orientações que recebeu enquanto estudante. Apesar da falta de recurso, buscou transformar os ambientes das escolas em que trabalhou, tornando-os mais agradável, trabalhou com classes homogêneas, com o controle de fichas, buscava na psicologia educacional a solução para moldar os alunos indisciplinados e levou aos professores princípios que renovavam as atividades escolares.

Enfim, ao elaborar este trabalho, buscamos, por meio do arquivo pessoal de

Durval Pinto, não só analisar a trajetória de vida de um professor que guardou por toda a sua vida materiais relacionados a educação, mas também compreender como essa trajetória foi construída a partir das mudanças que vinham ocorrendo naquele período. Durval Pinto não foi um intelectual ou um indivíduo reconhecido por algum grande feito, mas sabemos que, como tantos outros professores participou ativamente no processo de alfabetização, nacionalização e expansão de um novo modelo de ensino nas mais longínquas escolas instaladas no Paraná. Mais do que isso, que suportou a distância da capital, dos amigos e da família para construir sua própria trajetória de vida.

Analisando a história da educação, encontramos importantes personagens que são constantemente lembrados, porém, é preciso reconhecer que esses grandes homens não se fizeram sozinhos, que os projetos não se concretizaram sem a cooperação de outros sujeitos e a implementação de novas propostas de ensino não foi disseminada apenas por um grande personagem da história, mas sim pelo trabalho árduo de vários indivíduos. Por isso, vislumbramos dar visibilidade a um até então desconhecido, que permitiu termos mais subsídios para compreender o espaço e o tempo escolar em que atuou, representando o educador otimista que foi preparado na Escola de Professores de Curitiba para disseminar pelo estado um novo modelo de educação.

No que tange as ideias propostas, acrescentamos que trabalhar com este tipo de material é muito interessante, pois nos envolve em uma teia cheia de incertezas, mas também cheia de sentimentos. Foram dois anos de pesquisa, faz dois anos que Durval Pinto está morando em minha casa²³, todos os dias converso com ele através de seus diários, das suas fotografias, dos seus cadernos, fui à escola com Durval Pinto, conheci seus colegas de turma, vivi suas paixões – que, aliás, foram muitas –, sofri com Durval Pinto nos momentos de solidão longe da família e de seus amigos, senti sua dor e seu deboche nos momentos de embriaguez, mas principalmente me emocionei com a sua dedicação à carreira docente, com o amor que tinha pelos seus alunos e por sua profissão.

Esta é uma história que sem dúvidas mexe profundamente com os sentimentos. Ademais, foi por meio deste acervo que iniciei minha trajetória como pesquisadora, foi por causa dele que entrei no Programa de Pós-Graduação da

²³ Referente ao período da guarda provisória do acervo pessoal, concedida pela UNESPAR-Campus Apucarana.

Universidade de Londrina. Enfim, sou muito grata por seguir meus instintos e não desistir deste material e, mesmo que a pesquisa de mestrado tenha um tempo determinado para ser finalizada, o acervo permanece e ainda traz muitas possibilidades de pesquisa.

REFERÊNCIAS

- AGUAYO, Alfredo Miguel. Didática da Escola Nova. Série 3, vol. 5, 8ª edição, Companhia editora nacional, 1952, SP. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/116427> Acesso em: 23 jan. 2023.
- ANDREOTTI, Azilde Lima. A Administração Escolar na Era Vargas e no Nacional-Desenvolvimentismo (1930-1964). **Revista HISTEDBR** On-line, Campinas, n. especial, p.102-123, ago. 2006. Disponível em: https://www.fe.unicamp.br/pf-publicacao/4916/art8_22e.pdf. Acesso em: 16 ago. 2022.
- ALMEIDA, Dóris Bittencourt; POLETTO, Julia Tomedi. Ecos de uma futura professora: memórias da formação em páginas de cadernos do Curso Complementar (1934-1936). **Conjectura: Filos. Educ.**, Caxias do Sul, Ahead of Print, v. 24, p. 92-111, 2019. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/216160/001112163.pdf?sequence=1&isAisAllo=y> Acesso em 16 ago. 2022.
- ANJOS, Juarez José Tuchinski dos. O testemunho dos arquivos e o trabalho do historiador da educação. **História da Educação**, v. 22, n. 55, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/heduc/a/dcPv7JR63SgBGGHzcX9TxxM/?lang=pt#> Acesso em: 13 jan. 2023.
- ARAUJO, Silvete Aparecida Crippa de. **Professora Júlia Wanderley, uma mulher um mito (1874-1918)**. 2010. 183f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2010.
- ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v.11, n.21, 1998, p. 9-34. trad: Dora Rocha. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2061/1200>. Acesso em: 30 abr. 2022.
- BACELLAR, Carlos. Fontes documentais: Uso e mau uso dos arquivos. In: PINSKY, Carla Bassanezi, (org.). **Fontes Históricas**. 2ª ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2008.
- BECALLI, Fernanda Zanetti; SCHWARTZ, Cleonara Maria. A hora e a vez dos cadernos escolares como fontes históricas de pesquisa sobre práticas alfabetizadoras. **Revista Linhas**, Florianópolis, v. 18, n. 38, p. 1830213, 2017. Disponível em: <https://www.periodicos.udesc.br/index.php/linhas/article/view/1984723818382017183> Acesso em: 15 jan. 2023.
- BELLOTTO, Heloísa Liberalli. **Arquivos Permanentes: tratamento documental**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.
- BRASIL. Lei n. 342, 12 de dezembro de 1936. Câmara dos Deputados, Rio de Janeiro. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1930-1939/lei-342-12-dezembro-1936-556952-publicacaooriginal-77174-pl.html> Acesso em: 10 jan.

2022.

BRASIL. Decreto-lei nº 8.530, 02 de janeiro de 1946. Institui a Lei Orgânica do Ensino Normal. Diário Oficial da União: Rio de Janeiro, RJ. Disponível em: <http://www.soleis.adv.br/leiorganicaensinonormal.htm>. Acesso em 15 abr. 2022.

BRASIL, Lei n. 8.159. Câmara dos Deputados, 8 de janeiro de 1991. Brasília. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1991/lei-8159-8-janeiro-1991-322180-normaatuizada-pl.html> Acesso em: 28 dez. 2022.

CAMARA, Alexsandra. Osvaldo Pilotto das Arábias e a Geometria para ensinar na Escola Normal de Curitiba (década de 1920). **Rematec: Revista de Matemática, Ensino e Cultura**, Ano 15, n. 34, p. 92-104, 2020. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/217039>> Acesso em: 24 ago. 2022.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. Reformas da Instrução Pública. In: LOPES, Eliane Maria Teixeira; FILHO, Luciano Mendes de Faria; VEIGA, Cynthia Greive (Orgs.). **500 anos de educação no Brasil**. 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007, p. 225-251.

CORDOVA, Tania. Redações, cartas e composições livres: o caderno escolar como objeto da cultura material da escola (Lages/SC - 1935). **Revista História da Educação**, v. 20, n. 49, p. 209–226, 2016. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/asphe/article/view/58637>. Acesso em: 16 ago. 2022.

CUNHA, Maria Teresa Santos; SOUZA, Flávia de Freitas. **Viver e Escrever: Cadernos e escritas ordinárias de um professor catarinense (Sec XX)**. Florianópolis: Insular, 2015. Disponível em: <https://www1.udesc.br/arquivos/id_submenu/2198/viver_escrever.pdf>. Acesso em: 16 ago. 2022.

CUNHA, Maria Teresa Santos. **(DES) arquivar: arquivos pessoais e ego-documentos no tempo presente**. 1ª ed. São Paulo/Florianópolis: Rafael Coppeti Editor, 2019.

DESTEFANI, Cid. Rua das mansões. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 03 de jul. de 2010. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/colunistas/nostalgia/rua-das-mansoes-3t2oatlths9ilw73ttl3icuha/>

ESCOTEIROS DO BRASIL. **Escoteiros do Brasil – Paraná**, [s. d.]. Disponível em: <https://www.escoteirospr.org.br/>.

ESTADO DO PARANÁ. **Arquivo Público do Paraná**, [s. d.]. Disponível em: <http://www.arquivopublico.pr.gov.br/>

ESTADO DO PARANÁ. Decreto n. 5698. Diário Oficial, Curitiba, de 2 de outubro de 1905.

ESTADO DO PARANÁ. Relatório apresentado pelo Inspetor Geral do Ensino Cesar

Prieto Martinez ao Secretário Geral do Estado Marins Alves de Camargo de 15 de janeiro de 1921.

ESTADO DO PARANÁ. Decreto n. 6165. Diário Oficial, Curitiba, 30 de janeiro de 1938.

ESTADO DO PARANÁ. Decreto n. 6597. Diário Oficial, Curitiba, 22 de março de 1938.

ESTADO DO PARANÁ. Mensagem apresentada a Assembleia Legislativa do Estado do Paraná pelo senhor Moyses Lupion, 1950.

ESTADO DO PARANÁ. Relatório enviado ao presidente da República Getúlio Vargas pelo Interventor federal do Estado do Paraná Manoel Ribas, dezembro de 1942. Disponível em:

https://www.administracao.pr.gov.br/sites/default/arquivos_restritos/files/documento/2022-03/relatorio_1940-1941_interventor_manoel_ribas_0.pdf

FERRA MULA. **Ferra Mula**, c2016. <http://ferramula.com.br/contato/>.

FARIA, Thais Bento. **Paraná, Território de “Vocação Agrícola”?! Interiorização do Curso Normal Regional (1946-1968)**. 2027. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2017.

HERVATINI, Luciana. **A Escola Normal Regional e suas práticas pedagógicas: dois retratos de um mesmo cenário no interior do Paraná**. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2011. Disponível em: <http://www.ppe.uem.br/dissertacoes/2011-Luciana-Hervatini.pdf> Acesso em: 12 jun. 2021.

IWAYA, Marilda. **Palácio da Instrução: representações sobre o instituto de educação do Paraná professor Erasmo Pilotto (1940-1960)**. 2000. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2000.

LAROCCA, Liliana Müller. **Higienizar, cuidar e civilizar: o discurso médico para a escola paranaense (1886-1947)**. 2009. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós Graduação em Educação. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009.

LEE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Tradução Bernardo Leitão [et al.]. Campinas: Editora UNICAMP, 1990.

MIGUEL, Maria Elisabeth Blanck. **A pedagogia da Escola Nova na Formação do professor primário paranaense: início, consolidação e expansão do movimento**. 1992. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1992.

MIGUEL, Maria Elisabeth Blanck. O significado do trabalho de Erasmo Pilotto no

cenário educacional paranaense. **Educar em Revista**, v. 10, n. 10, p. 81-89, dez. 1995. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/36043>>. Acesso em: 16 ago. 2022.

MIGUEL, Maria Elisabeth Blanck. A escola Normal no Paraná: instituição formadora de professores e educadora do povo. In: ARAÚJO, José Carlos Souza et al (Orgs). **As escolas normais no Brasil: do Império à República**. Campinas: Editora Alínea, 2008, p. 145-162.

MIGUEL, Maria Elisabeth Blank; VIEIRA, Alboni Marisa Dudeque Pianovski. A escola Nova no Paraná: avanços e contradições. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 5, n. 14, p. 93-100, jan./abr. 2005. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/1891/189116241007.pdf>. Acesso em: 16 ago. 2022.

MIGNOT, Ana Chrystina Venancio Mignot; CUNHA, Maria Teresa Santos. Razões para guardar: a escrita ordinária em arquivos de professores/as. **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 25, n. 11, p. 40-61, jan./abr. 2006. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/view/8286/5959> Acesso em: 16 ago. 2022.

MONTEIRO, Cicília Rodrigues. **Contribuições de Erasmo Pilotto para a expansão do ensino primário no Paraná: ensino rural, alfabetização e formação de professores (1940-1970)**. 2015.. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2015.

OLIVEIRA, Marisa da Gama Leite de. Vargas e o Escotismo: história, decretos e documentos (1930 - 1945). **Educação Em Foco**, Juiz de Fora, v. 25, n. 2, p. 131-156, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/edufoco/article/view/19845/22069>. Acesso em: 10 jan. 2022.

PILOTTO, Erasmo. **Prática de Escola Serena**. 1ª ed. Curitiba: Tipografia João Haupt & Cia. Ltda, 1946.

PILOTTO, Erasmo. **OBRAS I**. Curitiba: Imprimax, 1973.

SANTI, Denize Naiara; SCHELBAUER, Anelete Regina.; CASTANHA, André Paulo. O sistema de Inspeção do Ensino na Primeira Metade do Século XX no Paraná. **Educação em Revista**, v. 38, 2022, Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/MKMGsxNdx8N4dDGmPPR3Hsm/#> Acesso em: 15 jan. 2023.

SANTOS, Ademir Valdir. A escrita bilíngüe nos cadernos escolares dos descendentes imigrantes alemães e o nacionalismo: escrita para a Pátria? **Roteiro**, Unoesc, v. 32, n. 1, p. 75-94, jan./jun. 2007. Disponível em: <https://periodicos.unoesc.edu.br/roteiro/article/view/339> Acesso em: 16 ago. 2022.

SANTOS, Anabela Almeida Costa; SOUZA, Marilene Proença Rebello. Cadernos Escolares: como e o que se registra no contexto escolar? **Psicologia Escolar e**

Educacional, 2005, v. 8, n. 2, p. 291-302. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pee/a/XZrKttgfVBPmrrprzD9phtf/#> Acesso em: 16 ago. 2022.

SENAI PARANÁ. **Senai Paraná – Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial do Paraná**, [s. d.]. Disponível em: <http://www.senaipr.org.br>

SÍMBOLOS nacionais representam a identidade de uma nação, diz consultor. **Senado Notícias**, Brasília, 17 de setembro de 2020. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2020/09/17/simbolos-nacionais-representam-a-identidade-de-uma-nacao-diz-consultor/#>

SILVA, Rossano. **A arte como princípio educativo**: um estudo sobre o pensamento educacional de Erasmo Pilotto. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós Graduação em Educação. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009.

SILVA, Rossano. **Educação, Arte e Política**: a trajetória intelectual de Erasmo Pilotto. 2014. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014.

SOCIEDADE THALIA. **Thalia**, [s. d.]. Disponível em: <http://thalia.com.br/sedes/centro/>

SOUZA, Rosa Fátima de. A militarização da infância: Expressões do nacionalismo na cultura brasileira. **Cadernos Cedes**, ano XX, nº 52, 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccedes/a/7ptbpSybLDPmmMJD3YshGcq/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 11 jan. 2023.

TANURI, Leonor Maria. História da formação de professores. **Revista Brasileira de Educação**. Universidade Estadual de São Paulo, n. 14, p. 61-193, 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n14/n14a05>> Acesso em: 16 ago. 2022.

THOMÉ, Nilson. Movimento escoteiro: Profeto Educativo Extra-escolar. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n. 23, p. 171-194, 2006. Disponível em: <https://www.escoteiros.org.br/wp-content/uploads/2020/09/MOVIMENTO-ESCOTEIRO-PROJETO-EDUCATIVO-EXTRA-ESCOLAR.pdf> Acesso em: 11 jan. 2023.

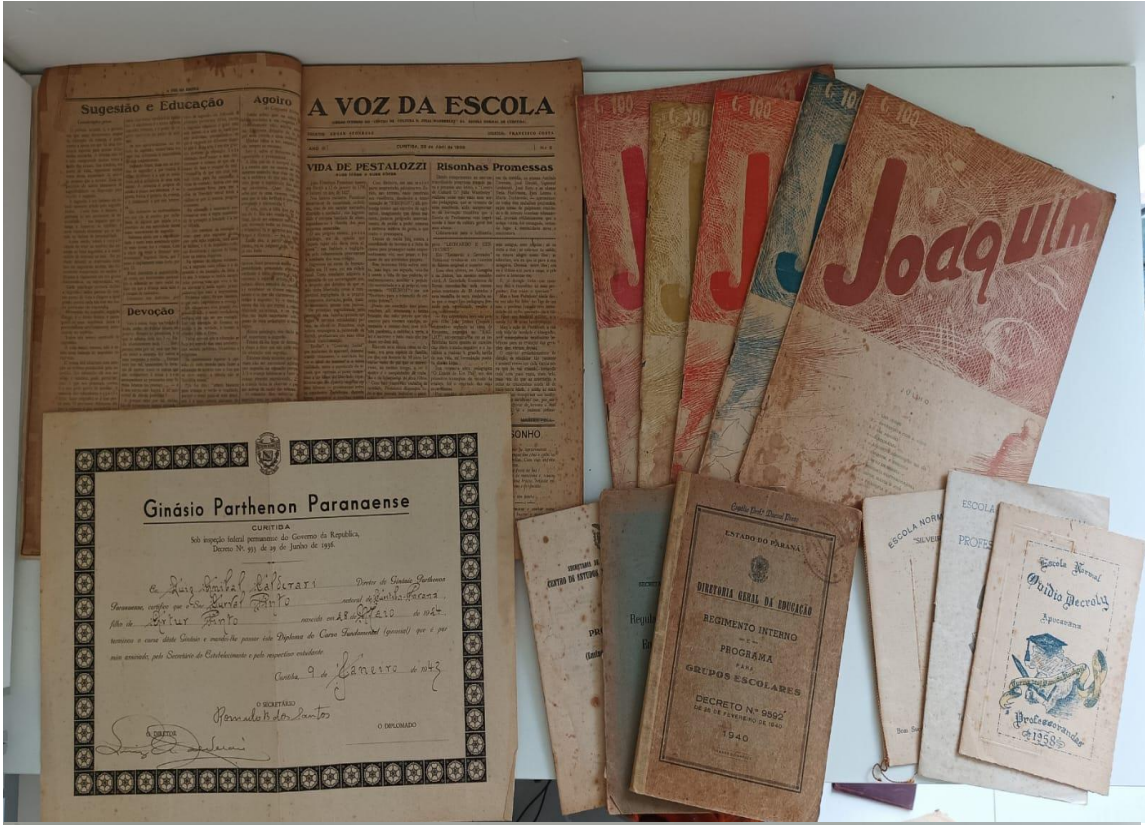
VIEIRA, Carlos Eduardo. O movimento pela Escola Nova no Paraná: trajetória e idéias educativas de Erasmo Pilotto. **Educar**, Curitiba, n. 18, p. 53-73. 2001. Editora UFPR. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/32818/20802> Acesso em: 16 ago. 2022.

ANEXOS

ANEXO A - MATERIAL ENCONTRADO NO ARQUIVO PESSOAL DE DURVAL PINTO







ANEXO B - INVENTÁRIO DO ARQUIVO PESSOAL DO DURVAL PINTO

(Neste levantamento, foram especificados somente os materiais relacionados à educação e à pesquisa, os livros não foram incluídos, pois demandaria mais tempo)

ANO	CATEGORIA	TÍTULO	CIDADE	LOCAL	DETALHES
1935	Fotografia	Foto da Turma	Curitiba	Grupo Escolar 19 de Setembro	Fotografia da turma: crianças e duas professoras
1936	Documento	Diploma	Curitiba	Grupo Escolar 19 de Setembro	Diploma do curso primário do aluno Durval Pinto.
1940	Folheto com o decreto nº 9592	Regimento Interno e programa para Grupos Escolares	Curitiba	Palácio do Governo do Estado do Paraná.	O decreto contém 60p. e anexo os horário das aulas do 1º ao 4º ano, de segunda a sábado, no período da manhã e da tarde.
1943	Documento	Diploma	Curitiba	Ginásio Parthenon Paranaense	Diploma do Curso Fundamental (ginasial) do aluno Durval Pinto.
1943	Caderno do aluno	As primeiras aulas de pedagogia	Curitiba	Escola de Professores	Caderno do aluno Durval Pinto na 10ª turma do 1º ano na Escola de Professores, com 13 aulas de pedagogia.
1943	Caderno do aluno	Noções de Higiene Escolar	Curitiba	Escola de Professores	Caderno do aluno Durval no 1º ano na Escola de Professores, com 4 aulas.
1943	Caderno do aluno	Biologia	Curitiba	Escola de Professores	Caderno do aluno Durval Pinto no 1º ano na Escola de Professores, contendo os horário para o 2º semestre.
1943	Caderno do aluno	Química	Curitiba	Escola de Professores	Caderno do aluno Durval Pinto do 1º ano na Escola de Professores. Além do resumo das aulas de química, metade do caderno foi usada para anotar as observações feitas no Grupo Escolar Conselheiro Zacharias

					Goes de Vasconcelos como: idade dos alunos, altura, habilidade, progresso, evolução, insuficiência de glândulas, de alimentação, doenças anteriores, posição social dos pais, avós e estatura...
1943	Caderno do aluno	Metodologia	Curitiba	Escola de Professores	Caderno do aluno Durval Pinto do 1º ano na Escola de Professores, na disciplina de metodologia, que estuda os modos, métodos, formas e processos de ensino e sua aplicação as diversas matérias.
1943	Documento	Certificado dos Exames Finais	Curitiba	Escola de Professores da Capital Curitiba	Contém as disciplinas cursadas e as notas do aluno Durval Pinto.
1944	Caderno do aluno	Planos de Aula	Curitiba	Escola de Professores de Curitiba	Caderno do aluno Durval Pinto do 2º ano na Escola de Professores, contendo planos de aulas que foram aplicados em uma escola primária de 1º a 5º ano.
1944	Caderno do aluno	Metodologia	Curitiba	Escola de Professores de Curitiba	Caderno do aluno Durval Pinto do 2º ano na Escola de Professores, contendo um resumo das aulas de metodologia da geometria, ciências naturais e geografia.
1944	Caderno do aluno	Sociologia Geral	Curitiba	Escola de professores de Curitiba	Caderno do aluno Durval Pinto do 2º ano na Escola de Professores, contendo um resumo das aulas sociologia geral e um pouco de trabalhos manuais.
1944	Caderno do aluno	Trabalho Independente	Curitiba	Escola de Professores de	Caderno do aluno Durval Pinto do 2º ano

		(desenho modelagem e caligrafia)		Curitiba	na Escola de Professores, com pouco conteúdo.
1944	Documento	Registro de Nascimento	Curitiba	Cartório	2ª via da Certidão de Nascimento Durval Pinto
1944	Fotografia	Formatura	Curitiba	Escola de Professores de Curitiba	Lembrança da formatura de Durval na Escola de Professores de Curitiba.
1944	Fotografia	Formatura	Curitiba	Escola de Professores de Curitiba	Durval Pinto sendo cumprimentado pelo Secretário da Educação Erasmo Pilotto na sua formatura.
1944	Documento	Convite	Curitiba	Escola de Professores	Convite de formatura de Durval Pinto.
1944	Fotografia	Formatura	Curitiba	Escola de Professores	Lembrança com fotografia de todos os formandos e professores da turma.
1944	Livreto	Oração de paraninfo	Curitiba	Escola de Professores	Livreto contendo 13p., com dedicatória de Osvaldo Pilotto ao prof. Durval Pinto com a oração que foi proferida na colação de grau dos formandos da Escola de Professores de Curitiba, em novembro de 1944.
1944	Livreto	Oração (Oradora de Turma)	Curitiba	Escola de Professores	Livreto contendo 7p. com dedicatória da oradora de turma Vera Vargas.
1944	Documento	Diploma	Curitiba	Estados Unidos do Brasil: Estado do PR.	Diploma de professor normalista.
1944	Documento	Título	Curitiba	Interventoria Federal no Estado do Paraná	Nomeação para reger uma classe da escola regimental no Boqueirão e uma gratificação de Cr\$100,00.
1946	Folheto	Lei Orgânica do Ensino Normal	Rio de Janeiro	Ministério da educação e saúde	Folheto nº 42 com 17p., contendo o decreto-Lei Nº 8.530 de 2 de janeiro de 1946.
1947	Documento	Título	Santo Antônio da	Secretaria de Educação e	Nomeação padrão "G" como professor

			Platina	Cultura do Paraná	normalista.
1947	Fotografia	Sala de aula	Santo Antônio da Platina	Escola Supletiva	Fotografia da sala de aula com alunas e professora na seção feminina.
1947	Fotografia	Sala de aula	Santo Antônio da Platina	Escola Supletiva	Fotografia da sala de aula com alunos, professoras e o prof. Durval Pinto na seção masculina.
1948	Documento	Título	Santo Antônio da Platina, Cinzas e Abatiá	Secretaria da Educação e Cultura do Paraná	Nomeação para cargo de Inspetor de Ensino.
1945 /1948 /1953 /1959 /1964 /65/66	Documento	Apólice Seguro de	Paraná	Palácio do Governo do Estado do Paraná	Seguro de vida obrigatório de funcionários do estado com as cláusulas e condições.
1949	Livro	Anteprojeto Lei orgânica da Educação no Estado do Paraná	Curitiba	Imprensa Oficial do Estado de Curitiba	O Anteprojeto contém 76 p.
1949	Livreto	Oração Paraninfo	Jacarezinho	Escola Normal	Contém 22p. com o título "Reorganização do Ensino Secundário", por Erasmo Pilotto, pronunciada na colação de grau das normalistas.
1949	Documento	Carta	Curitiba	Secretário de Educação e Cultura do Paraná Erasmo Pilotto	Carta destinada a Durval Pinto, convocando-o a constituir o núcleo de líderes que iam ministrar um curso de 30 dias em Palmeira, Cerro Azul e Guarapuava, direcionado a educadores rurais de todo o estado, visando melhorar a qualidade do


					ensino.
1949	Documento	Carta	Curitiba	Secretário de Educação e Cultura Erasmo Pilotto	Carta de apelo para que o professor deixasse a inspetoria de Ensino de Sto. Antônio da Platina e assumisse 100 alunos em Apucarana, com os numerários e gratificação tanto do estado quanto da prefeitura. Cita "Indivíduos cheios de complexos de inferioridade que trazem quase como carga hereditária."
1949	Documento	Certificado	Curitiba	Secretaria de Educação e Cultura do Paraná	Curso de aperfeiçoamento do magistério primário: orientação da Escola Primária Rural.
1949	Fotografias	Grupo Escolar	Apucarana	Grupo Escolar de Apucarana	Pais e professores construindo o muro do 1º grupo escolar, que foi construído em 1948, atual Colégio Estadual e mais 3 fotografias do grupo pronto.
s/d	Fotografia	Fachada do Hotel	Apucarana	Hotel Central	Fotografia da Fachada do Hotel Central de Apucarana com a cozinheira e outros funcionários.
1949	Fotografia	Sala de aula	S/local		Prof. Durval Pinto no quadro durante uma aula.
1951	Documento	Título	Curitiba	Governo do Estado do Paraná	Título padrão M, no Ginásio Estadual de Apucarana.
1951	Fotografias	7 de set.	Apucarana	Escola Normal Regional	Prof. Durval Pinto de terno branco com os alunos e alunas da Escola Normal de Apucarana, em desfile de 7 de set.
1952	Documento	Certificado	Curitiba	Secretaria de Educação e Cultura do PR.	Durval Pinto prestou concurso em 1951 para o cargo de professor auxiliar padrão M, pedagogia.

1952	Documento	Título	Curitiba	Governo do Estado do Paraná	Título padrão M, no Curso Normal de Apucarana-disciplina pedagogia.
1952	Documento	Termo de Compromisso	Apucarana	Curso Normal Regional de Apucarana	Termo de compromisso para desempenhar com lealdade os deveres do cargo.
1952	Fotografia	7 de set.	Apucarana	Escola Normal	Prof. Durval em cima do Jeep com os alunos no desfile de 7 de set.
1955	Documento	Certificado	Curitiba	Secretaria de Educação e Cultura do Paraná	Curso de contar histórias, folclore, metodologia da matemática e literatura infantil.
1956	Documento	Certificado	Londrina	Secretaria de Educação e Cultura do Paraná	Curso de História do Paraná.
1957	Folheto	Programas do curso Normal 2º ciclo	Curitiba	Secretaria de Educação e Cultura	Contém 28p. com intuito de instituir diretriz comum ao Ensino Normal Secundário, devendo ser aplicado em todas as escolas do Estado.
1958	Decreto nº 17.503	Regulamentação e Organização do Ensino Normal de Estado	Curitiba	Secretaria de Educação e Cultura	Folheto com 22p.
1958	Fotografia	Corpus Cristie	Apucarana	Decorando as ruas	Professor na decoração das ruas de Apucarana no feriado religioso de Corpus Christi.
1958	Fotografias	Formatura	Apucarana	Escola Normal	São 3 fotografias da formatura, com a mesa das autoridades e o prof. Durval entregando o diploma a uma aluna.
1960	Folheto	Programas (Ensino Primário Elementar) 2ª ed.	Curitiba	Secretaria de Educação e Cultura Centro de Estudos e Pesquisas Educacionais	Havendo a necessidade de melhorar a orientação ao trabalho educativo nos Grupos Escolares do Estado, aprovaram-se os programas de Português, Matemática

					e Estudos Sociais e Naturais. 39p.
1961	Documento c/ foto	Ficha de inscrição	Curitiba	Secretaria de Educação e Cultura do Paraná	Inscrição no curso de Estudos Paranaenses na Escola Normal Secundária.
1961	Documento	Certificado	Bom Sucesso	Secretaria de Educação e Cultura do Paraná	Curso de Higiene e Educação Sanitária, Estudos Paranaenses, Psicologia Infantil.
1962	Fotografia	7 de set.	Apucarana	Escola Normal	Prof. Durval Pinto de terno preto com os alunos e alunas da Escola Normal de Apucarana em desfile de 7 de set., na avenida da cidade.
1963	Documento	Convite	Apucarana	Prefeitura Municipal	Convite ao prof. Durval Pinto para participar da abertura do curso de férias destinado aos professores primários do município.
1963	Documento	Certificado	Apucarana	Prefeitura de Apucarana	Certificado de Honra ao mérito por ter ministrado curso de aperfeiçoamento ao professor primário.
1963	Documento	Convite	Apucarana	Prefeitura Municipal	Convite ao prof. Durval Pinto para participar do encerramento do curso de férias destinado aos professores primários do município.
1965	Documento	Certificado	Apucarana	Secretaria de Educação e Cultura do Paraná	Curso de aperfeiçoamento de professores do ensino médio.
1967	Rascunho	Discurso	Apucarana	Escola Normal Ginásial Pestalozzi	4 p. de rascunho de um discurso feito pelo prof. Durval Pinto no encerramento das atividades da Escola Normal de Apucarana, elogiando seus 18 anos de funcionamento.
1969	Rascunho	Discurso	Apucarana	Escola Normal Colegial Ovídio Decroly	12 p. de discurso para a turma de 1969.
1970	Rascunho	Discurso	Apucarana	Escola Normal	12 p. de rascunho de

				Colegial Ovídio Decroly	um discurso feito pelo prof. Durval Pinto, quando foi padrinho da turma de 1970.
1975	Documento	Certificado	Apucarana	Secretaria de Estado dos Negócios da Educação e Cultura	Curso de Aperfeiçoamento para docentes do ensino de 1º grau.
1973	Documento	Diploma	Apucarana	Associação dos professores licenciados do Paraná/ Sede Apucarana	Em reconhecimento aos serviços educativos prestado na comunidade apucaranesa.
s/ data	Documento	Resolução N° 7.575	Curitiba	Secretaria de Estado e dos Recursos Humanos	Aposentadoria do professor classe E, padrão 5, do Colégio Estadual Nilo Cairo.
1975	Documento	Resolução N° 7.854	Curitiba	Secretaria de Estado e dos Recursos Humanos	Aposentadoria do professor classe B, padrão 2, do Colégio Estadual Nilo Cairo.
1978	Documento	Justificativa	Apucarana	Câmara de vereadores	Resumo da trajetória educacional de Durval Pinto
1984	Jornal c/ foto	Ajuda, Falecimento, Sepultamento	Apucarana	Tribuna da Cidade	Notas de pedido de doadores de sangue para Durval Pinto, de falecimento e sepultamento.
1984	Jornal	Missa 7º dia	Apucarana	Tribuna da Cidade	Convite do prefeito para a população para a missa de 7º dia de morte de Durval Pinto.

ANEXO C - DOCUMENTOS DE IDENTIFICAÇÃO DE DURVAL PINTO (DOCUMENTOS PESSOAIS, PROFISSIONAIS, RECORTES DE JORNAIS E DIPLOMAS QUE FORAM CITADOS NO TRABALHO)


REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL
 REGISTRO CIVIL
 Estado do Paraná - Distrito de Curitiba - 1.ª Zona

João Carlos Pedrosa






Oficial Vitalício do Registro Civil de Nascimentos e Óbitos e Escrivão de Paz da 1.ª Zona deste Distrito de Curitiba, Capital do Estado do Paraná, etc.

CERTIFICO, que no livro numero cento e oito de registros de nascimentos do meu Cartorio, ás folhas numero sessenta e oito e sob numero cinquenta e tres mil setecentos e setenta e oito, acha-se o registro do tẽor seguinte:-REGISTRO:-Nº 53.778.- Numero cinquenta e tres mil, setecentos e setenta e oito.- Aos trinta de Maio de mil novecentos e vinte quatro, compareceu neste Cartorio Arthur Pinto, e perante as testemunhas abaixo assinadas, declarou:- que ás tres horas de vinte e oito do corrente, na casa do Capão do Amõra, nesta Capital, nasceu uma criança do sexo masculino, que recebe o nome de "DURVAL" filho legitimo do mesmo Arthur Pinto e de sua mulher dona Francisca de Oliveira Pinto, ambos naturais deste Estado, e casados nesta Capital.- São avós paternos:- Torquato Pinto e Eva Ferreira Pinto e maternos:- Francisco José de Oliveira e Joaquina Peixoto de Oliveira.- E, para constar eu, Osvaldo Nogueira, Escrevente Juramentado, lavrei este tẽro, que assino com o declarante e as testemunhas:-(aa) Osvaldo Nogueira, Arthur Pinto, Generoso do Nascimento Teixeira, Jeronymo Faria. Nada mais se continha em dito tẽro de registro de nascimento do que bem e fiẽlmente extraí a presente certidão a qual me reporto e dou fé-. Eu, *João Carlos Pedrosa*, Oficial do Registro Civil, o subscrevi, selo, data e assino.-

Curitiba, *15* Janeiro de 1944
João Carlos Pedrosa

REGISTRO CIVIL

(O CARTORIO TEM COFRE FORNECIDA PROVA DE FOGO)

4

Duroal Pinto

Nome do portador.....

Altura *1,71* Cor *parda* Olhos *cast*

Cabelo *curto* Barba *feita* Bigodes *nao*

Sinais particulares.....

Arthur Pinto

Nome do pai *Francisco de Oliveira Pinto*

nascido em *Curitiba Parana*

a *28* de *maio* de 1924

Estado civil *solteiro* Instrução *primaria*

Profissão *professor*

Serviço Militar *135435*

Residência *Curitiba*

Matrícula n..... de Sindicato.....

Documentos apresentados..... *Atestado de*


Observações.....

Curitiba

Cidade de Janeiro, a *17* de *Julho* de *1924*


Reinera

(Assinatura do funcionario)


 MINISTÉRIO DO TRABALHO, INDÚSTRIA E COMÉRCIO
 DEPARTAMENTO NACIONAL DO TRABALHO
 SERVIÇO DE IDENTIFICAÇÃO PROFISSIONAL

Carteira Profissional


Número *16.574* Série *57c*



Assinatura do portador

Duroal Pinto

POLGAR DIREITO



Diretoria Geral de Educação do Paraná



Diploma do Curso Primario

O Diretor do Grupo Escolar 19 de Novembro
 certifica que o aluno Diurnal Pinto
 nascido a 28 de maio de 1924, em Curitiba
 filho de Artur Pinto prestou exame final
 das matérias da quarta série do curso primario, de conformi-
 dade com a legislação em vigor, sendo aprovado plenamente
 gráo 1

Diretoria do Grupo Escolar 19 de Novembro,
 em 30 de novembro de 1936

O Diretor,

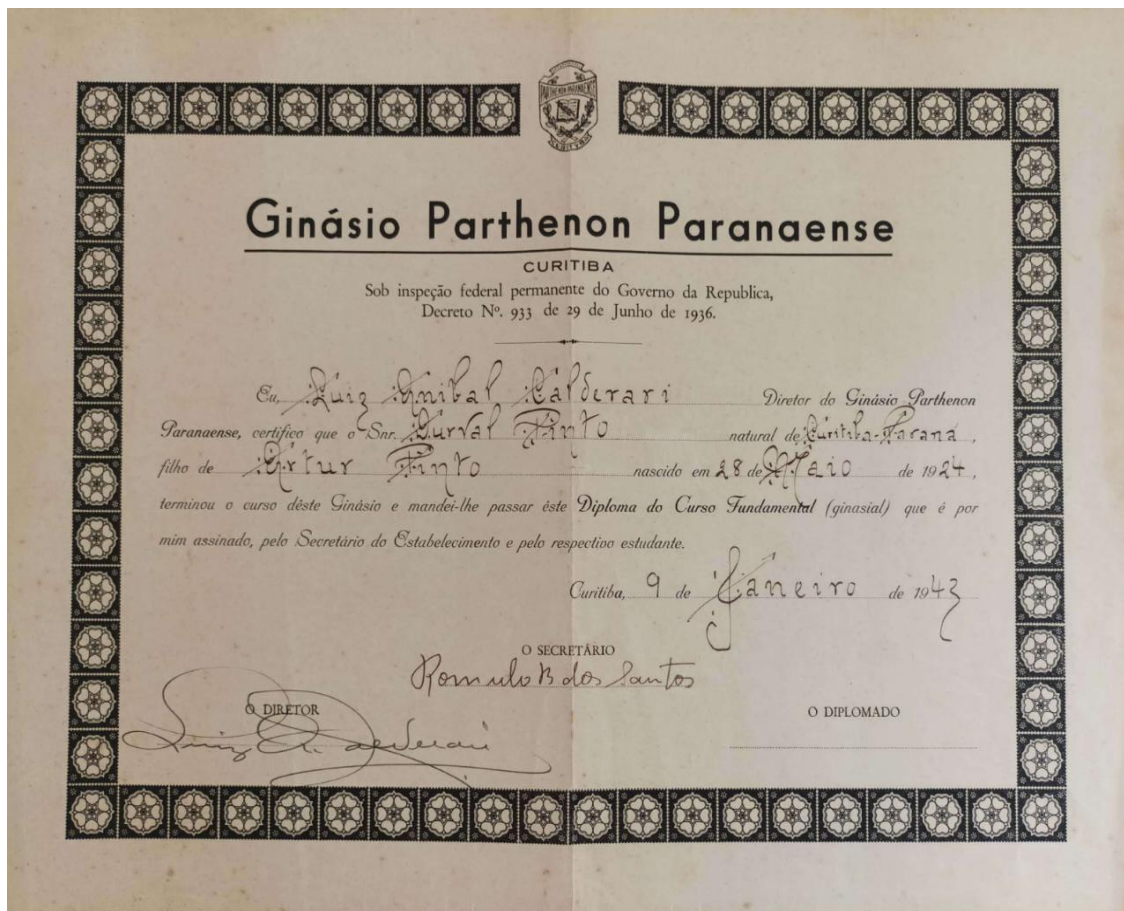
[Signature]


O Professor,

[Signature]

O Diplomado,

Diurnal Pinto




Ginásio Parthenon Paranaense
 CURITIBA
 Sob inspeção federal permanente do Governo da Republica,
 Decreto Nº. 933 de 29 de Junho de 1936.

Eu, Luiz Amibal Calderari Diretor do Ginásio Parthenon Paranaense, certifico que o Sr. Arthur Pinto natural de Curitiba Parana, filho de Arthur Pinto nascido em 28 de Maio de 1924, terminou o curso deste Ginásio e mandei-lhe passar este Diploma do Curso Fundamental (gimnástico) que é por mim assinado, pelo Secretário do Estabelecimento e pelo respectivo estudante.

Curitiba, 9 de Janeiro de 1943

O SECRETÁRIO
Romulo B. dos Santos

O DIRETOR
Luiz Amibal Calderari

O DIPLOMADO



Titulo


O *Interventor Federal no Estado do Paraná*,
sob proposta da Diretoria Geral da Educação,

Resolve nomear DURVAL PINTO para reger uma das
classes da escola regimental do 5º R.C.D., sediado no Boqueirão,
nesta capital, percebendo a gratificação mensal de Cr\$ 100,00;
pelo que se lhe mandou expedir o presente título, que produzirá
os efeitos legais.

Interventoria Federal no Estado do Paraná

em 24 de março de 19 44

Por Decreto n. de de de 19


SERVIÇO NACIONAL DE APRENDIZAGEM INDUSTRIAL (SENAI)
 Região dos Estados do Paraná e Santa Catarina
CURITIBA

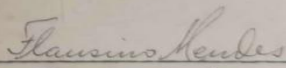
LOCAL	DATA	REF.	N.º	DIST.
Curitiba,	16/2/45	314-04	N/M-	668 04-3-00

[Sr. Duryal Pinto.
 Curitiba.

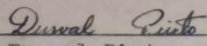
1 - Comunico-vos que resolvi contratar-vos, em caráter experimental, pelo espaço de seis (6) meses para exercer as funções de Professor da Escola de Aprendizagem de Curitiba, a partir do dia 17 do mês em curso.

2 - Ficareis obrigado a observância do horário integral da mesma escola, exercendo vossas funções de acordo com as determinações do Sr. Professor-Chefe, mediante os vencimentos mensais de Cr. \$800,00 (oitocentos cruzeiros).

3 - Saudações.


 Flausino Mendes
 Delegado Regional.

Curitiba, 16 de fevereiro de 1945
 De acordo.


 Duryal Pinto.

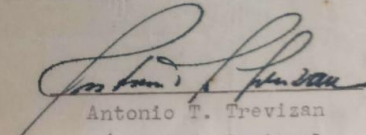
SERVIÇO NACIONAL DE APRENDIZAGEM INDUSTRIAL (SENAI)
 Delegacia Regional dos Estados do Paraná e Santa Catarina
CURITIBA

LOCAL	DATA	REF.	PROG.	DEST.
Curitiba	26-6-47	314-01	N/M 657	1.804 113.1

[Sr. Duryal Pinto
 Curitiba

1.- Em resposta a vossa carta de 16 do corrente, informo-vos que concedo a demissão solicitada.

2.- Saudações.


 Antonio T. Trevizan
 p/Delegado Regional.

[HCP:

Quinta-feira, 02 de Agosto de 1.984



S o c i e d a d e

Ajude salvar o professor Durval

Um dos mais antigos professores de Apucarana está doente. Muito mal mesmo. Está entre a vida e a morte no Hospital da Providência. Trata-se do conhecido pro-

fessor Durval. Ele está necessitando com urgência do sangue A-Positivo (Universal). Os doadores devem procurar o próprio hospital.

Faleceu o professor Durval Pinto

Faleceu aos primeiros minutos de hoje, no Hospital da Providência em Apucarana, aos 60 anos de idade, após vários dias de internamento o professor Durval

Pinto, um dos pioneiros do ensino na região, principalmente da Escola Normal (Pestalozzi). O sepultamento dar-se-á hoje à tarde.

Missa de 7º dia

O Prefeito Carlos Roberto Scarpellini, Diretoria do Departamento de Educação e Cultura, assessores e funcionários, convidam a classe do magistério local e a população em geral, para a Missa de 7º Dia de falecimento do professor

Durval Pinto,

pioneiro no ensino apucaranaense, a realizar-se hoje, Dia de Finados, às 18 horas, na Catedral Nossa Senhora de Lourdes, em Apucarana.

.Missa de 7º dia de falecimento.

Associação Filantrópica Ferra-Mula convida para a Missa de 7º Dia de seu sócio honorário

Prof. Durval Pinto,

que será celebrada hoje, às 18:00 horas, na Catedral Nossa Senhora de Lourdes. Por mais este ato de fé e amizade cristã agradeço.

Domingo, 21 de Abril de 1985.

**A HISTÓRIA
PEDE PASSAGEM**Por: NINGER MARENA do
Instituto Histórico Paranaense

1

Encontrando-se o Museu Histórico "David Carneiro" da FECEA, desde novembro do ano passado em trabalho de arrolamento e recuperação de parte do "espólio" do extinto Prof. Durval Pinto, que a ele entregou o "Ferra Mula", localizou no decorrer da semana passada um interessante documento.

Trata-se de um manuscrito feito pelo prof. Durval para a última turma que se formava na "Escola Normal Ginásial Pestalozzi", hoje não mais existente.

Pela exuberância de informações que apresenta concernente a nossa vida educacional, resolvemos, a partir desta edição, publicá-lo em sua íntegra. Ef-lo:

2

" Autoridades presentes,
Professores,
Alunos,
Senhoras,
Senhores,
Crianças...

A razão desse discurso é simples...

Simples porque é referente ao encerramento das atividades de uma instituição social de vida coletiva.

Uma instituição que teve como objetivo dar educação pública no Paraná.

A Escola Normal Ginásial "Pestalozzi".

O criador da escola professor Erasmo Pilotto escreveu "O nosso tempo conquistou um novo direito no quadro dos Direitos do Homem:

A Educação é Direito de Todos. Só alguns foram movidos a essa imensa grandeza que é a de auxiliar

Profª Durval - dezembro - 1967

Formatura do Prof. Durval Pinto em 16 de dezembro de 1944. Antiga Escola Normal do Paraná hoje Instituto de Educação. Sentado, ao centro, na mesa de honra, o interventor federal Manoel Ribas

a todos, entre nós para efetivamente assegurar o direito à educação"

A Escola Normal Ginásial "Pestalozzi" foi criada e instalada em 1949 em forma de "comando", isto é, dois ou três professores que deveriam tomar a incumbência total da escola.

Lembro e canto o ardente espírito de idealismo aqui lançado pela primeira diretora professora Ailema Luvison Franck.

"Mestres e alunos identificados num esforço colossal em favor da escola".

Como pensavam com grandeza no magistério...

Como realizavam com o mais belo entusiasmo.

1952. A escola diplomou sua primeira turma. Para provar o que disse a pouco e torno a afirmar. Para isso lembro os nomes dos diplomados de 1952.

Admir Maria Rossi
Agustinho Marezzi
Clara Leonel Ramos
Clarice Leonel Ramos



Um dos aspectos laterais do Grupo Alberto Santos Dumont, em princípios de 1949. Nele funcionou a "Escola Normal Ginásial Pestalozzi" (Foto em poder do Museu Histórico da FECEA)

Clotilde Loureiro Martinez
Darcy Aparecida Mathias
Dartigues Martins
Deloah Silva Ramassotte
Diva Tófano
Emiko Kakuda
Eugênia Floriana Komuszyna
Elza Cavaletti
Gustavo Rezendo Filho
Helena Massaretto
Isabel Loureiro Martinez
Isabel Martines Cebrian

(Continua na próxima edição).

Professor Durval Pinto

Desde novembro do ano passado vem a supervisão do Museu Histórico Regional "Prof. David Carneiro" da F.F.E.C.E.A., trabalhando no levantamento e restauração do "espólio" deixado pelo Prof. Durval Pinto, falecido às primeiras horas do dia 27 de Outubro de 1984.

Chegado em Apucarana em março do ano de 1949 o extinto Prof. Durval foi um dos pioneiros da educação em nossa cidade bem como mestre de várias gerações de apucaraneses.

As dificuldades no levantamento de parte de seu espólio, entregue ao Museu Histórico através do "Ferra Mula" encontra-se no péssimo estado de conservação na grande maioria dos documentos, quase todos necessitando do trabalho preliminar de "restauração".

Entre as peças interessantes até agora localizadas, encontra-se uma "petição" datada de 1891, endereçada ao Governador do Estado, subscrita pelo seu avô materno, Francisco José de Oliveira. Na condição de "voluntário da Pátria", na Guerra do Paraguai, seu avô requeria 22.500 braças de terras no Município de "Porto de Cima", conforme dava-lhe esse direito o Decreto Imperial no. 3.571 de 7 de Janeiro de 1865.

Para agilizar os trabalhos de restauração e cadastramento do referido espólio, a direção da FFECEA designou o funcionário Alois Uhlmann, para assistir a Supervisão do Museu nessa tarefa à vista do seu asseio de atribuições.

Uma vez concluído todo esse levantamento será liberado para o público consultas à "Biblioteca Prof. Durval Pinto", à qual se constituirá em uma sessão de serviços dentro do Museu Histórico.



Foto do Prof. Durval Pinto, quando de sua formatura pela antiga escola Normal do Paraná, hoje Instituto de Educação do Paraná, em dezembro de 1944.